

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Starteca: participação ativa da Biblioteca Universitária na  
constituição da Universidade Empreendedora

Camila Cassiavilani

São Carlos  
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

## Starteca: participação ativa da Biblioteca Universitária na constituição da Universidade Empreendedora

Camila Cassiavilani

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

**Linha de Pesquisa:** Conhecimento e Informação para Inovação

**Orientador:** Prof. Dr. Roniberto Morato do Amaral

São Carlos  
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

---

Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Camila Cassiaviani, realizada em 21/02/2020:

Prof. Dr. Roniberto Morato do Amaral  
UFSCar

Profa. Dra. Luciana de Souza Criscioso  
UFSCar

---

Profa. Dra. Luciana Menequin Ortega  
USP

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Luciano Munoguh Ortega e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Dr. Roniberto Morato do Amaral

Ao meu pequeno Henrique, razão de toda minha força e perseverança!

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente meus pais, que sempre me incentivaram e me motivaram a seguir em frente. Obrigada pelos dias e noites estendidos (foram muitos!) que cuidaram do Henrique para que eu pudesse me dedicar a essa jornada! Sem vocês não teria conseguido chegar até aqui. Ao meu irmão Adriano, pelo entusiasmo e pelo incentivo de sempre!

Agradeço o professor Roniberto Morato do Amaral, meu orientador, pela oportunidade e por ter me instigado a pesquisar um tema pelo qual me apaixonei. Foi um estudo prazeroso. Obrigada pelo incentivo, pelos ensinamentos, pela paciência e motivação sempre.

Agradeço a minha amiga querida, Claudia, pelo companheirismo, amizade, conversas, conselhos nos momentos de angústia e nos momentos de alegrias e conquistas!

A Ligia Maria Silva e Souza, pela amizade e por sempre me incentivar a encarar a pós-graduação. Agradeço pelas conversas, pelas sábias palavras de sempre!

Aos companheiros do NIT Materiais, Maysa, Braulio, Leo, José, Vera, as conversas no cafezinho sempre animadas, de muito aprendizado e tranquilizadoras. Vocês fizeram diferença na minha formação e na minha vida! Vera Lui, sou grata pela oportunidade de me aproximar de você! Obrigada pelas dicas, correções, conversas, reflexões e enfim pela sua amizade! Maysa, aprendi muito com você! Obrigada pela parceria.

Agradeço o Prof. Rafael Aroca e Catarina Saito da Agência de Inovação da UFSCar, pelo apoio e contribuições. A Profa. Marta Mainsto do Núcleo UFSCar-Empresa, Matheus Polachini e a equipe da Liga de Empreendedorismo de São Carlos, por terem abraçado esse projeto.

As minhas parceiras de trabalho, Monica Camacho, Livia Coelho, Cristina Marchetti Maia, Silvana Maragno, Isabel Sousa, pela compreensão nos momentos que não estava presente! Obrigada meninas!

Marina Penteado, foi muito bom compartilhar os ensaios das nossas apresentações, os eventos que participamos, as risadas, desesperos e preocupações. Obrigada!

A pós-graduação me abriu um mundo! Conheci pessoas incríveis que com toda certeza, ficarão para sempre em minha mente e em meu coração!

Gratidão por essa conquista!

Um dia, nalgum lugar, uma eternidade após,  
Eu relembriaria tudo isto num suspiro:  
Dois caminhos divergiam numa floresta de outono,  
E eu, eu escolhi o menos percorrido,  
E isto fez toda a diferença!  
Robert Frost

## RESUMO

Os avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) provocaram transformações em todos os segmentos da sociedade e exigiram das organizações novas formas de atuação. No âmbito educacional, as universidades também passaram por profundas transformações ao longo do tempo. Sendo a biblioteca universitária uma unidade organizacional ligada à instituição de ensino superior, essa também foi obrigada a acompanhar essas mudanças, considerando que sua missão deve estar alinhada à missão da universidade. Visando compreender como a biblioteca universitária pode contribuir de forma ativa para a constituição da universidade empreendedora, o objetivo geral desta pesquisa foi propor a implantação de um espaço na biblioteca universitária que incentive o empreendedorismo e a inovação na academia, oferecendo suporte para empresas juniores, pré-startups, startups e interessados em empreender. O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa ação e o objeto de estudo a Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos. Os resultados alcançados compreenderam: 1) planejamento de um espaço de fomento ao empreendedorismo, denominado Starteca; e 2) Implantação da Starteca, envolvendo a definição da estrutura organizacional, serviços e parcerias. Por fim, constata-se que a biblioteca universitária pode ser um ator ativo nos processos de formação de empreendedores e de aproximação do setor produtivo e universidade, e conseqüentemente na construção da universidade empreendedora.

**Palavras-chave:** Universidade empreendedora. Biblioteca Universitária. Empreendedorismo. Inovação.

## ABSTRACT

The advances in Information and Communication Technologies (ICT) have caused changes in all segments of society and have required new forms of action from organizations. In the educational field, universities have also undergone profound changes over time. Since university libraries are units linked to higher-educational institutions, and whose mission must be aligned with the universities' mission, they had to follow these changes. In order to understand how the university libraries can actively contribute to the constitution of an entrepreneurial university, the general objective of this research was to propose the implementation of a space inside the library that encourages entrepreneurship and innovation in academia. The research method used was action-research and the object of study was the Biblioteca Comunitária da UFSCar. The results achieved included: 1) planning a space that encourages entrepreneurship, called Starteca; and 2) Starteca implementation, involving the definition of the organizational structure, services and partnerships. It was concluded that the university library is an active actor in the processes of training entrepreneurs and bringing together private sector and the university, and consequently in the construction of the entrepreneurial university.

**Key-Words:** Entrepreneurial university. University Library. Entrepreneurship. Innovation.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> Empreendedorismo na visão de Cantillon, Say, Schumpeter, Weber e McClelland.....	24
<b>Quadro 2</b> Evolução das Missões das Universidades.....	36
<b>Quadro 3</b> Descrição dos elementos necessários para conformação da universidade empreendedora de acordo com Burton Clark.....	38
<b>Quadro 4</b> Elementos fundamentais para uma universidade empreendedora.....	39
<b>Quadro 5</b> Tarefas realizadas na pesquisa.....	82
<b>Quadro 6</b> Síntese das Fases, Ações e Participantes da Pesquisa.....	84
<b>Quadro 7</b> Lista de Serviços.....	95
<b>Quadro 8</b> Equipe Starteca.....	97
<b>Quadro 9</b> Atividade da Organização e Ações no Processo de Implantação.....	105
<b>Quadro 10</b> Eventos realizados na Starteca.....	112
<b>Quadro 11</b> Divulgação da Starteca.....	113
<b>Quadro 12</b> Quantidade e Perfil dos Frequentadores da Starteca.....	114

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Marcos históricos do início da Educação Empreendedora no Brasil.....	29
<b>Figura 2</b>	Etapas e objetivos do Modelo de Incentivo ao Empreendedorismo Estudantil.....	46
<b>Figura 3</b>	Modelo de Incentivo ao Empreendedorismo Estudantil.....	47
<b>Figura 4</b>	Modelo conceitual de ambientes que promovem a inovação.....	48
<b>Figura 5</b>	Fases da Pesquisa-Ação.....	71
<b>Figura 6</b>	Principais marcos do desenvolvimento tecnológico e educacional de São Carlos.....	73
<b>Figura 7</b>	Ciclo de Ações para Implantação do Espaço.....	87
<b>Figura 8</b>	Parcerias para Implantação Starteca.....	89
<b>Figura 9</b>	Visão sistêmica da Starteca.....	93
<b>Figura 10</b>	Logomarca da Starteca.....	94
<b>Figura 11</b>	Modelo de Organização para Implantação a Starteca.....	105
<b>Figura 12</b>	Modelo de Atividades de Gestão da Starteca.....	106
<b>Figura 13</b>	Modelo Sistêmico da Starteca.....	109
<b>Figura 14</b>	Alcance e envolvimento na página em dezembro de 2019.....	113

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1</b> Espaço antes da plotagem e da preparação.....	99
<b>Fotografia 2</b> Plotagem da marca Starteca.....	100
<b>Fotografia 3</b> Vista geral do espaço Starteca com sinalização.....	100
<b>Fotografia 4</b> Sinalização das Salas.....	101
<b>Fotografia 5</b> Sala <i>Coworking</i> .....	101
<b>Fotografia 6</b> Sala de Negócios.....	102
<b>Fotografia 7</b> Inauguração da Starteca.....	103
<b>Fotografia 8</b> Mini-Hackaton.....	110

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA E A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA .....</b>	<b>21</b>
2.1 EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA .....	21
2.1.1 Empreendedorismo e Educação Empreendedora no Brasil.....	25
2.2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA INOVAÇÃO .....	30
2.3 UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA.....	33
2.3.1 Conceitos e características da Universidade Empreendedora.....	37
2.3.2 Características das Universidade Empreendedoras .....	42
2.4 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E SUA ATUAÇÃO .....	50
2.4.1 Biblioteca Universitária: origem, evolução e finalidade .....	52
2.4.2 Biblioteca Universitária: novas práticas e novos espaços .....	58
2.4.3 Atuações do bibliotecário no cenário de incentivo ao empreendedorismo e à inovação.....	66
<b>3 MÉTODO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....</b>	<b>70</b>
3.1 ABORDAGEM E MÉTODO DA PESQUISA.....	70
3.2 UNIDADE CASO – BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DA UFSCAR.....	71
3.3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA .....	78
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>86</b>
4.1 PLANEJAMENTO PARA A IMPLANTAÇÃO DA STARTECA.....	86
4.2 ESTRUTURA DE GESTÃO DA STARTECA .....	106
4.3 RESULTADOS DA IMPLANTAÇÃO .....	110
4.3.1 Realização de Eventos .....	110
4.3.2 Divulgação .....	112
4.3.3 Uso da Starteca.....	114
4.3.4 Demandas por Serviços .....	115
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXO B .....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO C .....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO D .....</b>	<b>136</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A globalização e os avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) provocaram e continuam provocando transformações em todos os segmentos da sociedade.

As universidades e conseqüentemente as bibliotecas universitárias sempre vivenciaram essas transformações buscando se adequar às novas realidades, o que permite afirmar que são organizações em constantes mudanças. Mesquita (2016, p. 11) aponta que “os dois últimos séculos testemunharam a emergência de inovações tecnológicas que provocaram profundas mudanças sociais, econômicas e culturais”. Já Ribeiro, Leite e Lopes (2014, p. 6) destacam que “estas mudanças exigiram das organizações a busca por novas formas de atuação em um mercado cada vez mais dinâmico e exigente”.

No âmbito das universidades, as transformações aconteceram principalmente no decorrer das duas revoluções universitárias, que trouxeram profundas rupturas e mudanças na atuação dessas instituições. No início, as universidades foram criadas com a missão de promover o Ensino, com a premissa de transmitir conhecimento. Com a primeira revolução, uma nova missão é atribuída à essas instituições – a Pesquisa, sendo que a contar dessa nova missão, a universidade além de transmitir, começa gerar conhecimento. Com a segunda revolução, uma terceira missão é destinada às universidades – contribuir para o desenvolvimento econômico e social – essa nova responsabilidade se configurou por intermédio da Extensão e da Universidade Empreendedora (AUDY, 2011; GIMENES, 2017; NOVO; MELO, 2003). Esse novo modelo de universidade tem o empreendedorismo e a inovação como premissas para o avanço e desenvolvimento dessas instituições (CLARK, 1998; ETZKOWITZ, 2013b; TOLEDO, 2015).

É possível encontrar também, o termo universidade inovadora como sinônimo de universidade empreendedora. No entanto, para fins desta pesquisa, optou-se por trabalhar com o termo universidade empreendedora, por se apresentar com mais frequências na literatura.

As primeiras universidades a serem consideradas empreendedoras foram o Massachusetts Institute of Technology (MIT), a Stanford University e a Harvard

University, sendo vistas inicialmente, como anomalias no meio acadêmico. Com o passar de alguns anos, esse modelo se expandiu para os demais continentes fazendo parte das atuais discussões, tanto no meio acadêmico como nas esferas governamentais e iniciativa privada, motivados principalmente pela necessidade de um novo posicionamento das universidades diante das transformações ocasionadas por uma sociedade que passa a ter a informação e o conhecimento como base para o desenvolvimento. (ETZKOWITZ, 2013a, 2013b).

De acordo com Etzkowitz (2013b, p. 40) “há um movimento global em direção à transformação das instituições acadêmicas de vários tipos (como, por exemplo faculdades, universidades que realizam pesquisa, instituições politécnicas etc) em universidades empreendedoras”.

Considerando o novo papel da universidade para além do Ensino e da Pesquisa, Audy (2011, p. 268) destaca que o modelo de universidade empreendedora aproxima a “Universidade das demandas da sociedade onde está inserida e posiciona a academia como um importante vetor do desenvolvimento econômico e social”.

No entanto, para que as universidades sejam reconhecidas como empreendedoras, algumas características devem ser consideradas: 1) devem possuir Núcleos de Inovação Tecnológica (NIT)/Escritório de Transferência de Tecnologia (ETT); 2) ter mecanismos de geração de empreendimentos: espaços *coworking*, *fablab/makerspace*, incubadoras; e 3) participar ativamente de ecossistemas de inovação, entre outros (ARANHA, 2016; ETZKOWITZ, 2013b).

Os NIT e os ETT são importantes para esse modelo de universidade, pois são responsáveis por coordenar a política de inovação da instituição, promover a interação da universidade com setores externos, principalmente com as empresas, por realizar o mapeamento da propriedade intelectual, bem como monitorar as pesquisas com potencial patenteável e comercializável (BROCKVELD, 2017, p.23).

Os mecanismos de geração de empreendimentos incentivam empreendimentos inovadores que apoiam o desenvolvimento de empresas nascentes de base tecnológicas. (BRASIL, 2018). De acordo com Aranha (2016), esses mecanismos são representados por espaços *coworking*, *living labs*, incubadoras, aceleradoras, entre outros.

Espaços *coworking* são ambientes de trabalho compartilhados e coletivos, e que no entendimento de Medina e Krawulski, (2015, p. 187) “[...] vai muito além de se configurar apenas como um espaço físico compartilhado, caracterizando-se como um lugar onde os profissionais podem criar novas redes e interagir com as mais variadas áreas.”

Os *Makerspaces* ou espaços *maker* e os *fab lab*, que são laboratórios de fabricação, possibilitam a apropriação de equipamentos e ferramentas, com o objetivo de permitir que o usuário desenvolva um protótipo para solução de um problema ou para criação de um negócio. Já os *livings labs* ou laboratórios vivos, se caracterizam por serem locais de encontro, troca de informações, *networking* com o objetivo de desenvolver um projeto inovador em comum entre pessoas de diferentes áreas do conhecimento, com diferentes vivências e experiências. (SCAILLEREZ; TREMBLAY, 2017).

Ainda na lista dos mecanismos de geração de empreendimentos, apresentam-se as incubadoras, que são organizações que oferecem suporte aos empreendedores, para que possam desenvolver suas ideias e transformá-las em empreendimento de sucesso. Geralmente oferecem suporte com relação à infraestrutura, capacitação e suporte gerencial (ARANHA, 2016). Resgatando o desenvolvimento e expansão das incubadoras no Brasil, verifica-se que em 1988 o país possuía 2 incubadoras. Passados dez anos, esse número aumentou para 74 em 1998 (DOLABELA, 1999). Atualmente, o estudo realizado pela Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (2019), identificou que existem no Brasil 363 incubadoras com atividades ativas no triênio (2017-2019), representando um aumento de aproximadamente 390% em 11 anos. Com a identificação das incubadoras ativas, aplicou-se um questionário em que 121 delas responderam, permitindo levantar alguns dados interessantes, tais como: os principais serviços oferecidos pelas incubadoras, destacando: treinamentos e capacitações, apoio a *networking*, apoio no desenvolvimento de produtos e serviços, assessorias nas áreas de marketing, gestão, propriedade de intelectual, participação em feiras e rodadas de negócios, apoio a captação e aplicação de recursos e oferta de *coaching* e mentorias (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS INOVADORES, 2019).

Por fim, as aceleradoras, que são organizações privadas, na maioria das vezes que apoiam *startups*. Geralmente não têm vínculo com a academia e são mais focadas

em negócios altamente escaláveis, ou seja, de alto impacto e rentabilidade. Elas têm a missão de identificar os empreendimentos que já estão mais bem preparados e apresentá-los de forma a atrair investimentos (ARANHA, 2016).

No Brasil, o Decreto Nº 9.283, de 7 de fevereiro de 2018, que regulamenta o Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), foi um avanço para o país, considerando que um dos pontos abordados, incentiva a criação de ambiente de apoio e estímulo ao empreendedorismo e a inovação, por meio de mecanismos de geração de empreendimentos, permitindo e facilitando a interação da universidade com o meio externo, principalmente com as empresas.

Diante desse contexto, é possível considerar as Bibliotecas Universitárias (BU) como mecanismo híbrido de apoio à geração de empreendimentos, disponibilizando espaços – caracterizados como *coworking*, *makerspaces* e *fab labs*, além de oferecer serviços, como: busca, recuperação e análise de informações, formação de competências informacionais e por fim aproximar as diversas unidades do campus, envolvidas com inovação e empreendedorismo (OLIVEIRA; CASSIAVILANI; SPINOLA; AMARAL; FERRARI JUNIOR, no prelo).

Assim, é possível intuir que essa abordagem de atuação das Bibliotecas Universitárias se torna factível, uma vez que são organizações em constante transformações e estão permanentemente discutindo sobre a necessidade de repensar sua forma de atuação, de se reinventar e se inovar, fazendo-se indispensável desenvolver novas formas de oferecer espaços, produtos e serviços compatíveis com as novas necessidades da comunidade universitária (MARCIAL, 2016; RIBEIRO et al., 2017; SANTA ANNA, 2015). Essas novas necessidades, de acordo com Marcial (2016) acontece devido ao comportamento informacional dos usuários que foi alterado mediante os avanços das tecnologias de informação. Ribeiro e colaboradores (2017) destacam a necessidade de as bibliotecas fazerem-se imprescindíveis por meio dos serviços oferecidos e “se tornarem um organismo vivo na instituição”. Já Lankes (2012; 2016) citado por Geórgia e Ferreira ([2017]), defende que a missão das bibliotecas deve ser criar uma nação de cidadãos proativos e informados e para isso as bibliotecas devem “ressignificar sua atuação e sua “imagem estereotipada”: não se trata de acumular somente o conhecimento registrado trata-se de apresentar-se como uma plataforma comunitária para a criação e o compartilhamento do conhecimento.” Portanto, faz parte

das atribuições dos bibliotecários estarem atentos às novas tendências e acompanhar as novas tendências e as demandas da comunidade universitária, fazendo com que as bibliotecas cumpram seu papel, pautando o projeto institucional, através de uma atuação que contribua para o desenvolvimento da universidade empreendedora.

Além dos pontos colocados, nos quais destacam-se a universidade empreendedora e a Biblioteca Universitária, faz-se necessário refletir também sobre um elemento essencial neste contexto - o bibliotecário. Neste aspecto, vários autores discorrem sobre questões de formação e atuação deste profissional e apontam a necessidade de mudanças em sua formação, e entendem que as competências informacionais deste profissional, atreladas às características empreendedoras podem ser um diferencial (CONTI; PINTO; DAVOK, 2009; DALPIAN; FRAGOSO; ROZADOS, 2007; FONSECA; FONSECA; FONSECA, 2006; SILVA; SPUDEIT, 2018; SILVEIRA, 2012).

Apesar do potencial de atuação das BU na construção de uma universidade empreendedora, poucas discussões se encontram na literatura nacional e internacional que versam sobre atuação das Bibliotecas Universitárias no incentivo ao empreendedorismo e à inovação. Geralmente as discussões mais frequentes concentram-se na inovação nas formas de gestão (HARRIS, 2006; YEH; WALTER, 2016) e nos serviços de informação (DYSART; JONES, 2011; ZANINELLI; NOGUEIRA; PERES, 2019).

Diante do exposto, esta pesquisa visa introduzir um novo olhar para as bibliotecas universitárias, promovendo a inovação em sua atuação, valorizando o papel do bibliotecário e se tornando um mecanismo híbrido de apoio à geração de empreendimentos, agregando elementos como os espaços *coworking*, os *fab labs* ou *makerspaces*, as aceleradoras e as incubadoras de empresas. Neste sentido, o problema de pesquisa compreendeu investigar como a Biblioteca Universitária pode atuar como um ator ativo no desenvolvimento de ações que incentivem o empreendedorismo e a inovação, na construção da universidade empreendedora. Assim, faz-se necessário refletir sobre o que as bibliotecas universitárias podem fazer para contribuir com a nova missão da universidade. Espaços físicos? Produtos? Serviços? Bibliotecários? Promover ações para aproximar agentes facilitadores do processo de inovação e de iniciativas de empreendedorismo na universidade?

Diante do problema de pesquisa apresentado, o objetivo geral desta pesquisa foi **propor a implantação de um espaço na Biblioteca Universitária de incentivo ao**

**empreendedorismo e a inovação.** O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa-ação, que tem como característica o envolvimento e a identificação do pesquisador com as pessoas e ambientes investigados (THIOLLENT, 2011), e a unidade caso foi a Biblioteca Comunitária do *Campus* São Carlos da Universidade Federal de São Carlos, no estado de São Paulo. Para alcançar esse objetivo geral foram traçados alguns objetivos específicos:

- a) Caracterizar a atuação da universidade empreendedora;
- b) Caracterizar a atuação das bibliotecas universitárias;
- c) Desenvolver e aplicar uma sistemática para a implementação de um espaço na Biblioteca Universitária de incentivo ao empreendedorismo e a inovação.

As constantes discussões sobre a necessidade de repensar a atuação da Biblioteca Universitária e a atuação dos bibliotecários apresentam-se como um desafio contínuo na história das BU. Ora, para se adaptar a explosão bibliográfica (MARTINS, 2002), ora para se adequar às novas formas de organização do conhecimento (NUNES; CARVALHO, 2016), ora para se ajustar diante das mudanças ocasionadas pela evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (MARCIAL, 2016), e, mais recentemente na busca por inovação em seus processos, produtos e serviços (MARCIAL, 2016).

Junta-se a esses fatores, as mudanças e transformações que as instituições de ensino superior têm vivenciado e que obrigam as bibliotecas universitárias a serem organizações dinâmicas e ativas, principalmente por terem sua missão atrelada ao projeto institucional da universidade. Ferreira (1980) comenta sobre a importância das bibliotecas no processo de ensino em geral e destaca que no ensino superior, seu papel é realçado devido ao valor da própria universidade, já que “ [...] nenhuma outra instituição ultrapassa em magnitude a contribuição universitária, a qual torna possível o formidável avanço tecnológico e científico que se registra atualmente em todos os campos do conhecimento” (FERREIRA, 1980, p. 7).

Desse modo, tendo em conta o novo modelo de universidade, a Biblioteca Universitária tem a oportunidade de atuar como agente ativo na contribuição para transição e consolidação da universidade empreendedora, principalmente fornecendo espaços, produtos e serviços de incentivo ao empreendedorismo e à inovação.

Assim, considerando a Biblioteca Universitária um potencial cenário favorável no apoio às atividades que promovam o empreendedorismo e a inovação nas universidades e os estudos encontrados sobre a temática, sendo esses concentrados, principalmente,

nos Estados Unidos, justifica-se pesquisar e documentar essa prática na perspectiva multidisciplinar possibilitada pela Ciência da Informação.

Por fim, é importante destacar, que esta pesquisa tem total aderência no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), uma vez que esse Programa é o primeiro e único no Brasil, a ter uma linha de pesquisa denominada “Conhecimento e Informação para Inovação”, tendo como “destaque especial o papel da gestão, organização, representação, produção, acesso e uso da informação como estratégia inovadora para a construção e difusão do conhecimento” (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2019).

## 2 UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA E A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Nesta seção serão apresentados os pressupostos teóricos que embasaram esta pesquisa, tendo como principais temáticas a universidade empreendedora, um novo modelo de universidade que se apresenta desde o século XX e o papel, evolução, atuação e novas perspectivas da Biblioteca Universitária.

### 2.1 EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

O empreendedorismo e a educação empreendedora estão conectados diretamente com a concepção de universidade empreendedora, fazendo-se necessário compreender um pouco sobre esses conceitos.

O termo empreendedorismo foi traduzido da língua inglesa - *entrepreneurship*, que por sua vez deriva do latim *imprehendere* e significa “empreender”, termo traduzido para a língua portuguesa somente no século XV. Utilizado em diversas áreas sejam elas economia, sociologia, administração, psicologia entre outras, não existe uma definição única para o termo (ORTEGA, 2016), principalmente porque ele pode ser discutido sob várias vertentes – econômica, sociológica e na psicológica, em especial na linha comportamentalista.

Sob o aspecto da teoria econômica, o economista franco-irlandês, Richard Cantillon (1680-1734) foi considerado o precursor do empreendedorismo, em um contexto voltado aos negócios, especificamente ao comércio. Em sua obra “Ensaio sobre a natureza do comércio em geral”, o autor destaca a preocupação com os riscos e as incertezas de acumular riquezas (COAN, 2014; SANTIAGO, 2009). Cantillon mencionou em sua obra, pela primeira vez, a preocupação com os riscos relativos a conquista do lucro. Portanto, o risco é uma das características fundamentais e marcantes do empreendedorismo.

Jean Baptiste Say (1767-1832), começa utilizar o termo para destacar a importância que o mesmo tem no desenvolvimento econômico, relacionando-o às empresas e apontando questões referentes ao gerenciamento e aos riscos associados ao empreendedorismo (SANTIAGO, 2009).

No início do século XX, o economista e cientista política austríaco, Joseph Schumpeter (1883-1950), foi o primeiro estudioso a associar a inovação ao empreendedorismo, considerando-os o motor para o desenvolvimento capitalista. A essência do empreendedorismo está no aproveitamento das novas oportunidades no âmbito do negócios (BUENO, 2019; SCHUMPETER, 1997).

Destacando a questão da inovação relacionada ao empreendedorismo, na visão de Schumpeter (1969, p. 33):

Produzir novas coisas não é apenas um processo distinto, mas é um processo que produz consequências, as quais formam uma parte essencial da realidade capitalista. A completa história econômica do capitalismo seria diferente do que é se novas ideias tivessem sido regular e correntemente adotadas, naturalmente por todas as firmas para cujos negócios elas fossem relevantes. Mas isso não aconteceu. Na maioria dos casos, apenas um homem ou alguns deles vêem as novas possibilidades e estão aptos a lutar contra as resistências e dificuldades com que a ação sempre se encontra, fora dos caminhos normais da prática. (SCHUMPETER, 1969, p. 33).

O perfil empreendedor schumpeteriano nas palavras de Santiago (2009, p. 91) aponta que “o indivíduo que quebra a cadência da normalidade produtiva, introduzindo novos paradigmas (resposta criadora, destruição criativa, inovações radicais etc.) aos sistemas produtivos.” Mediante essa constatação, percebe-se claramente a indissociabilidade da inovação e empreendedorismo.

Analisando o empreendedorismo sob outra vertente, a teoria comportamentalista, tendo Max Weber (1864-1920) como o primeiro estudioso a buscar compreender os aspectos humanos envolvidos no empreendedorismo, Santiago (2009, p. 89) aponta que Weber “buscou respostas nos traços pessoais e nas atitudes dos indivíduos, recorrendo aos sistemas de valores e ações econômicas para explicar o devotamento ao trabalho e à prática do empreendedorismo, aqui entendido como o “espírito do capitalismo””.

O perfil do empresário/empreendedor de Weber descrito como “espírito do capitalismo” é marcado por características pessoais como: “a frugalidade, a laboriosidade, a pontualidade nos pagamentos e a fidelidade nos acordos, enfim, predicados que só aumentam a acumulação de capital”. (WEBER, 2002, p. 46-49).

Segundo Santiago (2009, p. 94) “o empreendedor, na visão weberiana é, ainda, aquele empresário que demonstra “a capacidade de se livrar da tradição comum, um

tipo de iluminismo liberal”, fadado ao sucesso.” Isso porque no contexto de Weber, o empreendedorismo estava muito associado ao empresário e ao empresariado.

Ainda sob a teoria comportamentalista, o psicólogo americano David C. McClelland (1917-1998), reconhecido pela sua teoria da necessidade e motivação, abordou questões relacionadas aos atributos humanos e psicológicos, na tentativa de compreender os fatores que motivam as pessoas empreendedoras, sejam eles: criatividade, motivação e intuição (SANTIAGO, 2009, p. 89).

McClelland e Burnham (2003) destacam que um dos motivos que movem empreendedores é a vontade de fazer algo melhor ou mais eficiente do que já tenha sido feito anteriormente. Outro fator é o poder, e nesse sentido, deve ser algo que irá beneficiar a equipe e a organização e não apenas o poder por satisfação pessoal.

Uma das maiores contribuições de McClelland foi colocar em “evidência um modelo de comportamento empresarial mais dinâmico, no qual o empresário tanto era um produto da sociedade quanto um iniciador de normas sociais.” (TOMECKO, 1992, p. 6 apud SANTIAGO, 2009). McClelland “entendia ser necessário desenvolver um sentimento nacional voltado para a força realizadora, divulgar amplamente as realizações de vulto, envolvendo, inclusive, os meios de comunicação de massa.” (TOMECKO, 1992 apud SANTIAGO, 2009, p. 96).

É importante ressaltar que, McClelland foi um dos primeiros a aplicar a teoria da iniciativa empresarial, com o objetivo de fornecer as condições para o desenvolvimento de programas públicos de fomento ao desenvolvimento de pequenos negócios, visando impulsionar o crescimento econômico (SANTIAGO, 2009).

Considerando o incentivo para o desenvolvimento de pequenos negócios, há que se considerar questões relacionadas a formação de profissionais que irão atuar neste segmento, na tentativa de obter melhores resultados e sucesso. Assim, faz-se necessário a formação de profissionais “mais bem preparados para o atual mercado de trabalho, seja como empreendedor conduzindo o próprio negócio, ou até mesmo trabalhadores inseridos no competitivo mercado de trabalho.” (SANTIAGO, 2009, p. 97).

De forma resumida, através do Quadro 1, é possível perceber as principais contribuições dos autores: Say, Schumpeter, Weber e McClelland - na constituição do termo empreendedorismo.

**Quadro 1** - Empreendedorismo na visão de Cantillon, Say, Schumpeter, Weber e McClelland

Autor	Aspectos	Definição
Richard Cantillon (1680-1734)	Economia	Relação do termo no contexto de negócios -comércio; Preocupação com os riscos e as incertezas quanto a acumulação de riquezas.
Jean Baptiste Say (1767-1832)		Relação do termo no contexto de negócios – comércio; Destaca importância do empreendedorismo no desenvolvimento econômico; Relaciona o termo às empresas e aponta questões referentes a gestão e aos riscos associados ao empreendedorismo;
Joseph Schumpeter (1883-1950)		Apresenta a inovação associada ao empreendedorismo; Destaca a importância de saber aproveitar as oportunidades e transformá-las em negócios; Aponta que o empreendedorismo e a inovação são motores para o desenvolvimento capitalista.
Max Weber (1864-1920)	Sociologia	Busca compreender o perfil do empreendedor com base nos aspectos e características pessoais. Muito voltado ao empresário e empresariado.
David C. McClelland (1917-1998)	Psicologia	Estuda a relação entre as necessidades de realização, poder e afiliação e o comportamento humano; Destaca a importância econômica do empreendedorismo; Apresenta questões voltadas a formação empreendedora.

Fonte: elaborado pela autora com base em Schumpeter (1969), McClelland e Burnham (2003), Santiago (2009)

Com base nas definições e características sobre o empreendedorismo encontradas na literatura e considerando principalmente autores que de alguma forma iniciaram as discussões sobre a temática, percebe-se o entrelaçamento e a sintonia entre as teorias para que o empreendedorismo aconteça.

Há que se destacar, que é possível encontrar na literatura classificações de diferentes tipos de empreendedorismo. Alguns deles são:

- a. **Empreendedorismo por necessidade** – quando se cria um negócio por não se ter outra opção. Um exemplo - pessoas que perdem o emprego e passam a comercializar algum produto ou serviço, para conseguir uma renda (LEITE; OLIVEIRA, 2017);
- b. **Empreendedorismo por oportunidade** – quando se descobre uma oportunidade de negócio lucrativo (LEITE; OLIVEIRA, 2017);

- c. **Empreendedorismo corporativo** – conhecido também como intra-empendedorismo ou empreendedorismo interno. Desenvolve ações de empreendedorismo em uma empresa já existente (TIPOS..., 2005);
- d. **Empreendedorismo start-up** – cria novos negócios, novas empresas;
- e. **Empreendedorismo social** – cria empreendimento com uma missão social, em que o foco está no impacto social que o empreendimento irá causar. Para que aconteça, é necessário uma parceria entre a comunidade, o governo e o setor privado (TIPOS..., 2005).

### 2.1.1 Empreendedorismo e Educação Empreendedora no Brasil

No Brasil, o empreendedorismo se popularizou na década de 1990, mas foi entre os anos de 2000 a 2010 que se considera o marco da consolidação do tema no país. Esse marco e a própria história do empreendedorismo brasileiro se inicia de um lado pelo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e por outro da Sociedade Brasileira para Exportação de *Software* (Softex) (DORNELAS, 2012).

O SEBRAE, uma entidade com o objetivo de fomentar o empreendedorismo no Brasil auxiliando as pequenas empresas e microempreendedores individuais, oferece suporte e capacitação para quem está pensando em iniciar um negócio, bem como para empresas que já estão consolidadas e buscam um novo posicionamento no mercado. Esse suporte se dá por meio de cursos, seminários, consultorias e assistência técnica entre outras iniciativas (SEBRAE, on-line).

A Softex é a Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro e desenvolve ações que visam melhorar a competitividade da indústria brasileira de softwares e serviços de TI e a disponibilidade de recursos humanos qualificados, tanto em tecnologias como em negócios (SOFTEX, on-line). A sua história se confunde com a história do empreendedorismo no Brasil, porque foi através dela que se criou em todo país uma parceria com incubadoras de empresas e as universidades, cursos de ciências da computação e/ou informática, sendo que a partir daí o tema empreendedorismo começou a despontar no país. (DORNELAS, 2012).

Compreendendo como esse processo se iniciou no Brasil, retomamos o conceito de empreendedorismo, em definição encontrada no site do SEBRAE:

Empreendedorismo é a capacidade que uma pessoa tem de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade. Pode ser um negócio, um projeto ou mesmo um movimento que gere mudanças reais e impacto no cotidiano das pessoas. (BUENO, 2016).

Baseando-se em uma definição encontrada no Dicionário de trabalho e tecnologia, elaborado por Serático (2011, p. 146), que aponta:

O empreendedorismo pode ser visto como um conjunto de valores cuja incorporação pelos indivíduos tende a converter suas condutas em fontes de dinamização da economia e da sociedade. Pró-atividade, inovação e investimento em si mesmo são alguns desses valores que, norteadores da conduta individual no ambiente de trabalho, das organizações políticas e mesmo da família, traduzir-se-iam em contribuições para superação de problemas concretos.

Esse autor destaca também, “a capacidade e habilidades que levariam os indivíduos a um agir social transformador de condições tidas como limitantes seja de suas próprias potencialidades, seja daquelas dos ambientes em que se situam”. (SERÁTICO, 2011, p. 147).

Considerando as discussões, vale ressaltar um ponto recorrente sobre o tema e que tem relação com o indivíduo: o empreendedorismo é inerente em uma pessoa ou ele pode ser desenvolvido, por intermédio de aprendizado? Sobre esse aspecto Dornelas (2012) destaca que até há alguns anos atrás acreditava-se que o empreendedorismo era inato e que as pessoas nasciam com as características necessárias e estavam fadadas ao sucesso. No entanto, esse mito foi quebrado e acredita-se que o processo de empreender pode ser ensinado, sendo que os fatores que levam ao sucesso estão relacionados a fatores internos e externos, e como as pessoas gerenciam as situações adversas decorrentes do dia-a-dia (DORNELAS, 2012).

Corroborando com isso, Dolabela (2012) aponta que vários estudiosos concordam que é possível aprender a ser empreendedor. Tanto se acredita no ensino e aprendizado do processo empreendedor, que Duarte (2002) citado por Santiago (2009, p. 97) enfatiza que:

a visão contemporânea do empreendedorismo está vinculada ao conceito de competência, concebida esta como a capacidade pessoal para realizar eficientemente uma tarefa. São fatores de competência: saber (conhecimento); saber fazer (habilidade); e querer fazer (atividade ou valor). Competência pode ser entendida, também como empregabilidade (DUARTE, 2002), pois a formação do empreendedor significa a aquisição de conhecimentos, habilidades, experiências, capacidade criativa e inovadora.

Há autores que questionam a importância e o discurso que vem sendo aplicado em relação à temática educação empreendedora (COAN, 2014).

Vale destacar que nesta pesquisa, não se pretende discutir prós e contras da educação empreendedora e, sim, apresentar um panorama das discussões atuais apontando que há divergências em relação à temática.

Autores como, Cêa e Luz (2006), Cêa (2007), Souza (2006), Souza (2009), Drewinski (2009) e Coan (2014), questionam os apelos da educação empreendedora, por entenderem se tratar de um produto, uma mercadoria altamente rentável, principalmente por ser um tema que está “na moda”. Há muita oferta de cursos e capacitações que prometem promover e desenvolver o perfil empreendedor e como consequência desse fato, os autores apontam a “coisificação” da educação e a transferência da responsabilidade do sucesso ou insucesso para o indivíduo e a própria responsabilidade de mudar as condições sociais, moldando o indivíduo à ordem social vigente (COAN, 2013, 2014; DREWINSK, 2009; OLIVEIRA; MELO; MUYLDER, 2016). Esses autores defendem que deve haver uma discussão mais aprofundada dos reais motivos que fazem com que a educação empreendedora esteja tão em evidência, considerando os aspectos do capitalismo e da preparação dos indivíduos para se moldarem às concepções do modo capitalista de produção.

A discussão sobre Educação Empreendedora se fortaleceu no final do século XX e conforme destaca Coan (2014, p. 145 ) isso ocorre devido as transformações econômicas, políticas e sociais do mundo globalizado, havendo um grande apelo “para a inserção do empreendedorismo na educação, inclusive com a formulação de uma suposta pedagogia empreendedora voltada à criação de uma cultura empreendedora como meio eficaz de formar sujeitos aptos a enfrentarem os desafios.”

Mas afinal, o que é Educação Empreendedora? Para responder esta pergunta recorre-se a Andrade (2003, p. 39):

Educação Empreendedora é o processo que se objetiva o desenvolvimento do ser humano no âmbito da identificação e aproveitamento de oportunidades e sua posterior transformação em realidade, contribuindo assim para a geração de valores financeiros, sociais e culturais para a sociedade na qual o ser humano está inserido.

É importante destacar que o ensino do empreendedorismo não vai garantir empreendimentos de sucesso, mas ajudará na “formação de melhores empresários, melhores empresas e na maior geração de riqueza ao país.” (DORNELAS, 2012, p. 30).

As escolas, pela educação empreendedora, visam preparar o aluno para o mundo capitalista, mostrando o lado bom e o ruim, como devem agir, considerando os aspectos de forma correta e honesta em uma sociedade altamente competitiva (COAN, 2014).

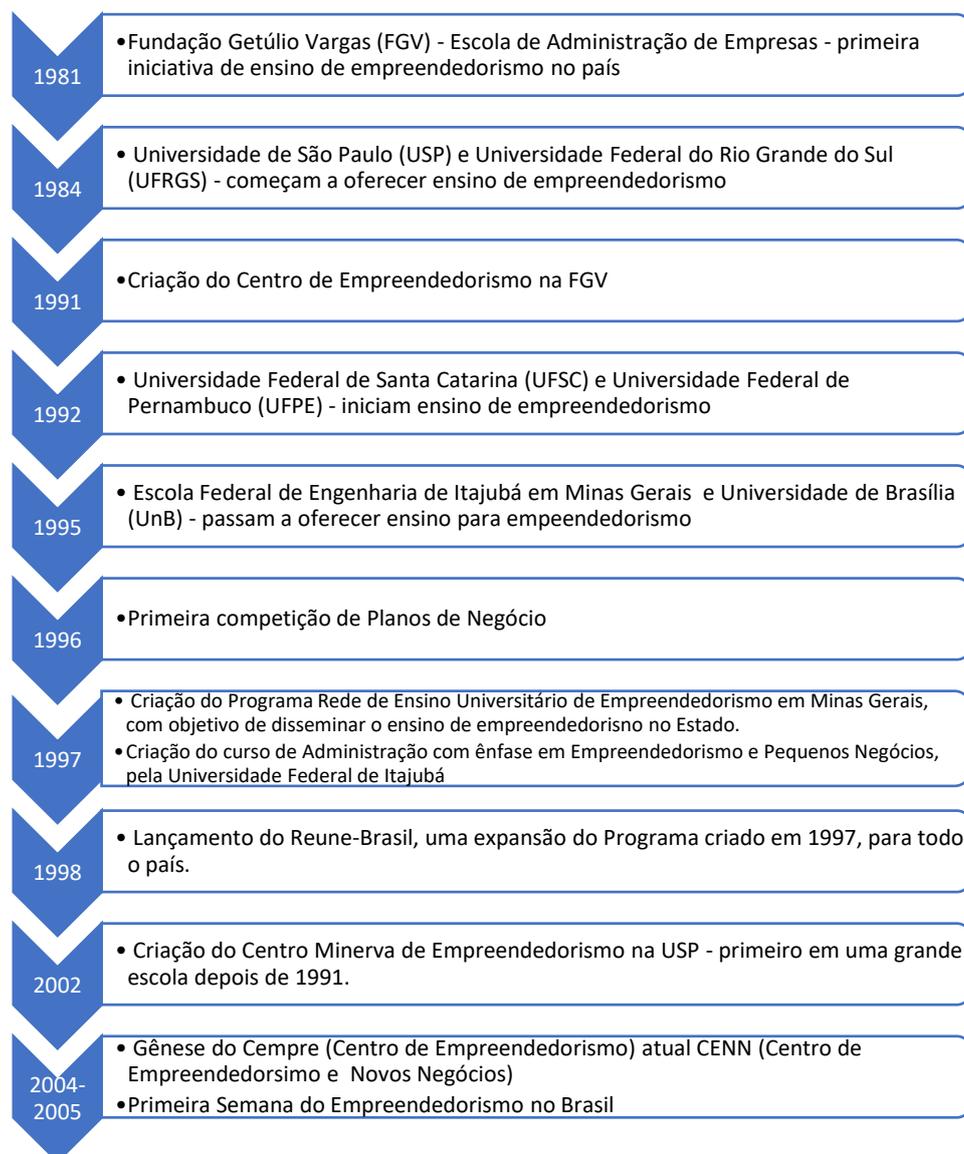
Dornelas (2012) destaca que a formação para o empreendedorismo deveria priorizar:

- a. a identificação e o entendimento das habilidades do empreendedor;
- b. a identificação e a análise de oportunidades;
- c. a elaboração e a utilização de um plano de negócios;
- d. a identificação de fontes de financiamento e como obtê-las;
- e. o gerenciamento do negócio para proporcionar o crescimento da empresa.

No contexto universitário, a educação empreendedora é uma oportunidade de despertar na comunidade o interesse para o empreendedorismo, por meio de treinamentos, disciplinas e programas de incentivo, entre outras iniciativas (DORNELAS, 2012).

De todo modo, o movimento para educação empreendedora está fortalecido e não há como negar uma mudança no mercado de trabalho que exige profissionais mais flexíveis, com uma visão mais generalista e abrangente, que saibam lidar com diversos recursos na organização e na sociedade (OLIVEIRA; MELO; MUYLDER, 2016).

No Brasil, as iniciativas do ensino voltado ao empreendedorismo, iniciaram na década de 1980, conforme Figura 1 que sintetiza um panorama histórico do ensino de empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil, que tem seu início em 1981.

**Figura 1** – Marcos históricos do início da Educação Empreendedora no Brasil

**Fonte:** elaborada pela autora, com base em Dolabela (1999) e Fernandes (2013).

Mais recentemente um estudo realizado pela Endeavor e Sebrae<sup>1</sup>, publicado em 2016, destacam que ainda são poucos os cursos que oferecem disciplinas de empreendedorismo (SEBRAE; ENDEAVOR BRASIL, 2016).

O relatório demonstra que 50% dos cursos de engenharias e ciências sociais aplicadas, oferecem disciplinas de empreendedorismo. Em outras áreas como ciências

<sup>1</sup> Para mais informações sobre o estudo, acessar: <https://endeavor.org.br/ambiente/pesquisa-universidades-empreendedorismo-2016/>

agrárias, saúde, biológicas e humanas, há pouquíssimas ofertas de disciplinas, em torno de 30% apenas. (SEBRAE; ENDEAVOR BRASIL, 2016)

O estudo aponta também que uma solução potencial, seria permitir aos alunos dos diversos cursos que frequentassem a disciplina de empreendedorismo, sem restrição. No entanto, em apenas 35,5% das instituições isso acontece. Outra possibilidade apontada é a transversalidade da disciplina, ou seja, alunos dos diversos cursos interagindo na mesma sala de aula, o que ocorre em 41,1% das IES (SEBRAE; ENDEAVOR BRASIL, 2016).

Não tem como falar de empreendedorismo e universidade empreendedora sem mencionar a inovação. A partir de Schumpeter (1969), que associou a inovação ao empreendedorismo, as duas temáticas caminham juntas.

## 2.2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA INOVAÇÃO

Nesta pesquisa não se pretende tratar o assunto de forma exaustiva, mas sim apresentar algumas definições que possibilitam compreender como a inovação se insere no contexto do empreendedorismo e das bibliotecas universitária, principalmente como forma de incentivo ao empreendedorismo acadêmico.

O termo inovação é utilizado ao longo da história para indicar mudanças em diferentes áreas de acordo com o período histórico. Na Idade Média estava mais voltado para novas formas e técnicas de desenvolver trabalhos artísticos (como na renascença italiana nos séculos XV e XVI), nas Revoluções Industriais na Inglaterra e Alemanha (nos séculos XVIII e XIX) e revolução das tecnociências, em especial nos Estados Unidos, no século XX (AUDY, 2017).

Atualmente a inovação é um conceito investigado por diversas áreas do conhecimento como economia, administração, sociologia, filosofia, bem como é aplicada em diversos segmentos da sociedade, dentre eles universidades, empresas, centros de pesquisa entre outros. (AUDY, 2017; CATÁLOGO..., 2019).

A definição de inovação apresentada no Manual de Oslo aponta que:

Uma inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas. (OECD, 2005, p. 55).

Para Audy (2017, p. 75) “inovação é mais do que a ideia, é ideia aplicada, executada. Os processos, os produtos, a sociedade, o mundo transformado, melhorado, recriado.”

Da mesma forma, Paiva e colaboradores (2018) destacam que “inovação” não se reduz pura e simplesmente àquilo que é novo ou a alguma novidade vendável. Muito mais do que isto, a “inovação” é o principal mecanismo pelo qual o capitalismo se desenvolve.

No Brasil, o texto da Lei 13.243 de 2016 que dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação, apresenta a seguinte definição para inovação, no Art. 2º Inciso IV:

IV - inovação: introdução de novidade ou aperfeiçoamento no ambiente produtivo e social que resulte em novos produtos, serviços ou processos ou que compreenda a agregação de novas funcionalidades ou características a produto, serviço ou processo já existente que possa resultar em melhorias e em efetivo ganho de qualidade ou desempenho; (BRASIL, 2016)

Na área de Biblioteconomia, de acordo com o Catálogo para a inovação em bibliotecas públicas (2019, p. 3):

a inovação pura não desemboca necessariamente em invenções, em todo caso, não de maneira imediata, mas toda invenção é fruto da investigação” (p. 92). A inovação, noção cunhada por Schumpeter em 1912, “se define ao princípio como a introdução da invenção na atividade econômica”; Jacomy amplia a definição ao agregar: “a invenção é o ato criativo pela qual uma ideia toma forma de um objeto real, a inovação agrega caráter social, devido à sua difusão na forma de um produto na sociedade”.

Diante das definições apresentadas é possível afirmar que a inovação não precisa ser necessariamente algo totalmente novo, melhorias também podem ser consideradas como inovação e mais que isso, deve refletir mudanças na sociedade.

Autores como Audy (2017), Manual de Oslo (OECD, 2005) e Bessat e Tidd (2009) apontam esses diferentes tipos, com divergências de denominações mas que refletem o mesmo conceito.

Para Bessant e Tidd (2009), a inovação incremental e a inovação radical indicam o grau de novidade envolvidos e apontam, quatro diferentes tipos:

- **Inovação de Produto** – mudanças nas coisas (produtos/serviços) que uma empresa oferece;
- **Inovação de Processo** – mudanças nas formas como as coisas (produtos/serviços) são criadas e ofertadas ou apresentadas ao consumidor;
- **Inovação de Posição** – mudança no contexto em que produtos/serviço são introduzidos;
- **Inovação de Paradigma** – mudanças nos modelos mentais básicos que norteiam o que a empresa faz. (BESSANT; TIDD, 2009, p. 30).

No Manual de Oslo (OECD, 2005) encontra-se quatro diferentes tipos de inovação:

- Inovação de produto – “introdução de um bem ou serviço novo ou significativamente melhorado no que concerne a suas características ou usos previstos” (p. 57);
- Inovação de processo - implementação de um método de produção ou distribuição novo ou significativamente melhorado” (p. 58);
- Inovação de marketing - implementação de um novo método de marketing com mudanças significativas na concepção do produto ou em sua embalagem, no posicionamento do produto, em sua promoção ou na fixação de preços” (p. 59); e;
- Inovação organizacional - implementação de um novo método organizacional nas práticas de negócios da empresa, na organização do seu local de trabalho ou em suas relações externas.” (p.61)

Já Audy (2017), aponta dois tipos de inovação - incremental e disruptiva. Segundo o autor a Inovação Incremental gera modificações e melhorias em um produto, processo ou serviço existente. Já a inovação disruptiva, gera mudanças radicais, de ruptura com os paradigmas vigentes [...], proporcionando melhorias significativas, exponenciais, nos indicadores de desempenho ou qualidade onde se aplicam(AUDY, 2017).

No cenário universitário, um estudo publicado pela Endeavor e Sebrae em 2016, apresentam indicadores sobre o empreendedorismo nas universidades e demonstraram que “6% dos universitários brasileiros já são empreendedores e outros 21% pretendem empreender no futuro.” No entanto, “a inovação é rara entre aqueles que estão empreendendo na universidade: só 4% desses estudantes-empreendedores consideram ter um produto ou serviço novo no mercado nacional.” E apenas “1,4% quer criar algo inovador no mundo. Esses números poderiam ser diferentes, especialmente em se tratando de alunos imersos em centros de pesquisa e ensino.” (SEBRAE; ENDEAVOR BRASIL, 2016, p. 8).

Na tentativa de entender esse cenário, é possível recorrer ao próprio estudo, que externaliza as ações de incentivo ao empreendedorismo e inovação nas universidades, demonstrando que 31,6% das universidades disponibilizam suporte para negócios aos alunos, 32,5% oferecem mentorias de empreendedorismo para alunos, 35,3% possuem incubadoras/aceleradora e apenas 15,9% disponibilizam *maker spaces* ou *fablab* (SEBRAE; ENDEAVOR BRASIL, 2016), sendo esses dois últimos, considerados mecanismos de geração de empreendimentos e têm potencial para despertar o interesse e oferecer possibilidades para inovação e empreendedorismo.

Diante do exposto é possível apontar que no Brasil, há um caminho a ser percorrido pela IES no sentido de fortalecer e incentivar a inovação no meio acadêmico.

### 2.3 UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA

As universidades são instituições que estão constantemente pensando e repensando sua forma de atuação. Para Etzkowitz (2013b, p. 489) é uma instituição “com a capacidade de se reinventar de tempos em tempo e de incorporar múltiplas missões, como o ensino e a pesquisa, que se reforçam mutuamente.” E, para além do ensino e da pesquisa, uma terceira missão se configura no âmbito das universidades, que é a contribuição que as mesmas podem oferecer para o desenvolvimento econômico e social do país. No entanto, as universidades não nasceram com essas três atribuições definidas, mas elas foram incorporadas ao longo do tempo.

As primeiras universidades, que surgiram na Europa na fase Medieval tinham como única missão, o Ensino. Eram destinadas aos descendentes de famílias nobres e

ricas, capacitando-os para gerir os negócios e interesses do Estado e da Igreja. Tinham a premissa de serem guardiãs dos conhecimentos e valores da época.

A partir do século XIX, com a Primeira Revolução Acadêmica, a Pesquisa aparece como segunda missão das Universidades. Isso, em decorrência da própria evolução da sociedade, que apresentou novos contextos sociais, mudanças na lógica de mercados e da produção e também da necessidade enfrentada por alguns países, de entrarem na Era Industrial. Esse movimento é percebido primeiramente na Alemanha, França e Inglaterra. A Alemanha, por não acompanhar a primeira fase da Revolução Industrial passou a considerar a Pesquisa como indissociável do Ensino (GIMENES, 2017).

Essa nova atribuição provocou uma profunda transformação nas universidades que assumiram o papel de gerar e disseminar o conhecimento, deixando de ser apenas reprodutora do saber (NOVO; MELO, 2003). A primeira revolução apresenta, ainda hoje, consequências e desafios para muitas universidades que enfrentam inquietações e questionamento entre e sobre as atividades de ensino e a pesquisa (AUDY, 2011).

A Segunda Revolução Acadêmica, inicia-se em meados do século XX e com ela surge a terceira missão das universidades, que atribui a essas instituições, o papel de colaborar com o desenvolvimento social e econômico. Essa missão se popularizou com a denominação de Extensão, tendo como principal objetivo, aproximar a universidade da sociedade e promover maior interação entre essas duas esferas. Pelas vias da Extensão, essa interação acontece basicamente pela oferta de cursos e serviços (NOVO; MELO, 2003).

Autores como Novo e Melho (2003) apontam que a extensão é a via de interação da universidade com a sociedade, sendo uma forma de relacionar a teoria com a prática e promover a troca entre os saberes acadêmicos e os saberes populares. Com isso, a universidade passa a ter um compromisso social mais efetivo e uma participação mais próxima das necessidades da comunidade do seu entorno, ou seja, das demandas regionais locais e regionais. Ao atingir essa missão é possível considerar que a universidade atingiu a sua plenitude “ao transferir à sociedade os conhecimentos desenvolvidos no seu interior” (NOVO; MELO, 2003, p. [2]).

Mas, além da Extensão, que juntamente com o Ensino e a Pesquisa, formam os três pilares que sustentam a atuação das universidades, surge também o conceito de “universidade empreendedora”, que para além da interação e aproximação da

universidade com a sociedade, traz à luz uma nova vertente dessa terceira missão, que nas palavras de Audy (2011, p. 268) “agrega uma nova missão, voltada ao desenvolvimento econômico e social, além do ensino e pesquisa” (AUDY, 2011, p. 268).

Esse modelo de universidade, apresenta aspectos relacionados à aproximação entre universidade, empresas e governo, e aspectos associados ao empreendedorismo e à inovação, na tentativa de posicionar a academia nos Sistemas de Inovação, fazendo com que ela cumpra seus objetivos referentes à terceira missão.

Um contexto que influenciou o surgimento do conceito de “universidade empreendedora” foi a transição de uma sociedade industrial para uma sociedade baseada no conhecimento, em que a universidade passa a ter um papel primário e não secundário na sociedade. Assim, para Etzkowitz (2013b, p. 39) “o empreendimento acadêmico é transformado em paralelo à transição para uma economia fundamentada no conhecimento”.

As primeiras iniciativas concretas de universidade empreendedora foram identificadas no Massachusetts Institute of Technology (MIT), na Stanford University e em Harvard University. No início estas instituições foram vistas como anomalias dentro do meio acadêmico, ao passo que após alguns anos, tornaram-se modelos deste novo tipo de universidade (ETZKOWITZ, 2013b; ETZKOWITZ, 2013c; JANSEN et al., 2015).

Essas iniciativas surgiram com a percepção que, por intermédio do conhecimento e das tecnologias geradas nas universidades, essas poderiam contribuir significativamente com o desenvolvimento local e regional, demonstrando que essa postura da universidade possibilita que ela atue como “vetor e (protagonista) do processo de desenvolvimento econômico e social da sociedade onde está inserida” (AUDY, 2011, p. 80).

Embora as discussões sobre esse novo modelo de universidade tenha se desenvolvido ao longo dos anos, autores como Novo e Melo (2003), apontam que desafios oriundos da primeira revolução ainda são enfrentados. E se consideramos a segunda revolução que é bem mais recente, seus pontos de tensão ainda estão bem aflorados, pois segundo Audy (2011) as proposições da segunda revolução, ainda não estão totalmente compreendidas e aceitas.

Audy (2011, p. 268) relatou que “a academia tem convivido com as tensões geradas pelo novo ambiente, envolvendo a sua missão de ensino (original), pesquisa (primeira revolução) e desenvolvimento econômico e social (segunda revolução).”

De forma resumida, Ortega (2016, p. 131) destaca que:

a universidade, em seu sentido mais profundo, não deve ser entendida apenas como um órgão formalizador de profissionais, que prestará serviço à sociedade, mas sim, como uma entidade formalizadora de conhecimentos onde o ensino, a pesquisa e a extensão devem ser seus fundamentos metodológicos em prol do empreendedorismo e analisar quais as ações e caminhos possíveis pelas universidades públicas brasileiras para disseminar e praticar este conceito.

Por fim, é possível constatar que o conceito de universidade empreendedora está fortemente relacionado com a extensão universitária e devendo caminhar juntos para cumprir o papel da terceira missão das universidades, apresentando-se como um caminho que viabiliza a participação ativa da universidade no desenvolvimento social e econômico regional, mediante os programas tradicionais de extensão, o incentivo ao empreendedorismo e da inovação e a transferência de tecnologia. O Quadro 1 apresenta uma síntese sobre a evolução das missões das universidades ao longo do tempo.

**Quadro 2 – Evolução das Missões das Universidades**

Século XI	Século XIX	Século XX
<b>1ª Missão – Ensino</b>	<b>2ª Missão - Pesquisa</b>	<b>3ª Missão - Extensão</b>
	<b>Primeira Revolução</b>	<b>Segunda Revolução</b>
<b>Preservação e Disseminação do Conhecimento. Guardiã dos valores da época.</b>	<b>Além de disseminar, passa a gerar conhecimento</b>	<b>Desenvolvimento Social e Econômico</b>

Fonte: elaborado pela autora com base em Lopes (2018).

Após contextualizar o surgimento do termo universidade empreendedora, na próxima subseção são apresentadas as características predominantes desse modelo de universidade, que vem sendo discutido nos últimos anos pela literatura científica.

### 2.3.1 Conceitos e características da Universidade Empreendedora

Os primeiros autores a mencionarem o termo universidade empreendedora foram, Burton Clark em 1998, Henry Etzkowitz e Loet Leydesdorff em 2000, sendo estes considerados os precursores do uso do termo. Posteriormente, outros autores também abordaram essa temática que está em ascensão no meio acadêmico.

O termo Universidade Inovadora, também tem sido usado como sinônimo de universidade empreendedora por Clark (2003), uma vez que acredita-se que o termo inovadora ocasiona menos resistência e apresenta uma conotação menos negativa no meio acadêmico. (AUDY, 2011). No entanto, encontra-se com mais frequência na literatura, o termo universidade empreendedora, utilizado nesta pesquisa. (ETZKOWITZ, 1983; ETZKOWITZ, 2003b)

Para Clark (1998) a universidade empreendedora é uma instituição que se transforma organizacionalmente com base em princípios do empreendedorismo. Para isso o autor indica cinco princípios necessários para mudança de posicionamento da universidade. São eles: núcleo de direção forte, periferia expandida, fontes de financiamento diversificadas, comunidade acadêmica motivada e cultura empreendedora integrada.

Na tese de Gimenes (2017, p. 83), a autora sintetiza a concepção de universidade empreendedora apresentada por Clark em suas diversas publicações e revela que a universidade empreendedora “é aquela que realiza modificações em sua estrutura e na cultura organizacional”, que está “atenta às mudanças da sociedade, do seu entorno, que inova de diversas formas (currículos, programas, fontes de financiamento etc.) com o intuito de tornar-se mais proativa, flexível e dinâmica na gestão de suas relações com a economia e com a sociedade”, é aquela cuja postura empreendedora é assumida por toda a comunidade acadêmica. É um reposicionamento das missões tradicionais das universidades, que tentam se “adaptar aos novos contextos sociais, econômicos etc. da sociedade do conhecimento e preocupação com seu entorno.”

O Quadro 3, sintetiza os princípios apontados por Clark como principais na transformação para universidade empreendedora.

**Quadro 3** – Descrição dos elementos necessários para conformação da universidade empreendedora de acordo com Burton Clark

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>Núcleo de direção forte</b>	Combina centralização e descentralização, e os valores acadêmicos e gerenciais.
<b>Periferia expandida</b>	Inclui parques científico-tecnológicos, incubadoras de empresas; contratos de pesquisa; consultorias; extensão, educação a distância, treinamento profissional; centros inter, multi, ou trans disciplinares de pesquisa.
<b>Fontes de financiamento diversificadas</b>	Diferentes formas e formas adicionais de obtenção de recursos financeiros para reduzir a sua dependência e ampliar a sua capacidade de atuação.
<b>Comunidade acadêmica motivada</b>	Criação de uma estrutura de gestão que estimule a proatividade e o comportamento empreendedor.
<b>Cultura empreendedora integrada</b>	Esforço institucional para a transformação dos valores e crenças; criação de um panorama favorável a nova forma de pensar a universidade, que com o tempo possa ser integrado e compartilhado pela comunidade acadêmica.

Fonte: elaborado pela autora com base em Gimenes (2017).

Na perspectiva de Etzkowitz (2013), também considerado um dos precursores do uso do termo, uma universidade empreendedora é aquela quem tem a capacidade de transformar o conhecimento que é gerado na universidade em valor econômico e social. Em suas palavras: “A universidade empreendedora torna a transferência de tecnologia, a formação de uma empresa e o desenvolvimento regional uma missão acadêmica, mesmo quando essas tarefas são integradas às missões de educação e pesquisa da universidade.” (ETZKOWITZ, 2013b, p. 487).

Neste modelo de Universidade tem destaque um ambiente encorajador à inovação, uma vez que concentra conhecimento e capital intelectual, sendo os estudantes considerados potenciais empreendedores (AUDY, 2011).

Ainda sob o ponto de vista de Etzkowitz (2013), a universidade empreendedora está alicerçada sobre quatro pilares:

- 1 Liderança acadêmica capaz de formular e implementar uma visão estratégica.
- 2 Controle jurídico sobre os recursos acadêmicos, incluindo propriedades físicas, como prédios da universidade e a propriedade intelectual que resulta da pesquisa.
- 3 Capacidade organizacional para transferir tecnologia através de patenteamento, licenciamento e incubação.
- 4 Um *ethos* empreendedor entre administradores, corpo docente e estudantes (ETZKOWITZ, 2013c, p. 37).

No Quadro 4, é possível visualizar os elementos fundamentais para a constituição de uma universidade que pretende se tornar empreendedora, de acordo com Clark (1998) e Etzkowitz (2013b).

**Quadro 4 – Elementos fundamentais para uma universidade empreendedora**

Burton Clark		Henry Etzkowitz
Núcleo de direção forte		Liderança acadêmica capaz de formular e implementar uma visão estratégica
Periferia expandida		Controle jurídico sobre os recursos acadêmicos, incluindo propriedades físicas, como prédios da universidade e a propriedade intelectual que resulta da pesquisa
Fontes de financiamento diversificadas		Capacidade organizacional de transferir tecnologia através de patenteamento, licenciamento e incubação
Comunidade acadêmica motivada		Um <i>ethos</i> empreendedor entre administradores, corpo docente e estudantes.
Cultura empreendedora integrada		

Fonte: elaborada pela autora com base em Clark (1998) e Etzkowitz (2013a)

Desta comparação entre os dois autores, o que fica evidente é que a transformação de uma universidade para o modelo empreendedor, está fundamentada na mudança cultural, que deve ocorrer na instituição de uma forma ampla. Tendo como base a alta administração e a comunidade acadêmica, sendo que esta última deve estar motivada e engajada nesta transição. Outro ponto de destaque é a importância da administração universitária no processo, tanto de transição quanto de consolidação, da universidade empreendedora e, por fim, a capacidade de transferir tecnologia e gerar outras fontes de recursos para a universidade.

De forma resumida, o modelo de universidade empreendedora aproxima a “universidade das demandas da sociedade onde está inserida e posiciona a academia como um importante vetor do desenvolvimento econômico e social”. (AUDY, 2011, p. 268).

Segundo Vogt e Ciacco (1998) citados por Costa (2006), o alicerce que proporciona desenvolvimento econômico e social para um país é formado pelo governo, a iniciativa privada e as instituições de pesquisa. Neste sentido esse novo modelo de universidade surge para contribuir para além do âmbito da sociedade no qual a instituição está inserida, ela torna-se um elemento essencial no desenvolvimento de uma nação.

Já na definição de universidade empreendedora cunhada por Toledo (2015) a ênfase é apresentada sob o aspecto da inovação e da transferência de conhecimentos para os diversos segmentos da sociedade. Em suas palavras:

A expressão 'universidade empreendedora' no contexto do ensino superior busca enfatizar esse posicionamento mais ativo da universidade nos sistemas de inovação, que envolvem, além das atividades voltadas ao ensino e à pesquisa, a incorporação de ações relacionadas à transferência e ao compartilhamento de conhecimentos junto a segmentos diversos da sociedade por meio da inovação. (TOLEDO, 2015, p. 28).

Na reflexão sobre a transição de uma universidade com objetivos focados no ensino e na pesquisa, para uma universidade empreendedora, Audy (2011, p. 268) aponta que:

“A Universidade transforma-se de uma instituição centrada basicamente no ensino, em uma instituição que combina seus recursos e potenciais na área de pesquisa com uma nova missão, voltada ao desenvolvimento econômico e social da sociedade onde atua, estimulando o surgimento de ambientes de inovação e disseminando uma cultura empreendedora.

Outra característica de destaque que permeia as definições desse modelo de universidade está fortemente relacionada à transferência e compartilhamento do conhecimento gerado na universidade para a sociedade, realizados pela aproximação entre a universidade e o ambiente externo, seja ele, a indústria, o comércio, os ambientes de inovação e empreendedorismo ou os ambientes sociais.

Corroborando com isso, Etzkowitz (2013b, p. 38) menciona que “quando a universidade se envolve com a transferência de tecnologia e a formação de empresas ela atinge uma nova identidade empreendedora” (ETZKOWITZ, 2013a).

Para se atingir essa nova identidade não há como desvincular questões relacionadas a inovação, que são um impulsionador para geração de novos

empreendimentos. Assim, Audy (2011, p. 272) reflete que: “a universidade empreendedora é um conceito indissociável do trinômio Ciência-Tecnologia-Inovação” e destaca ainda, que o termo universidade inovadora utilizado por Burton Clark em 2003, como sinônimo de universidade empreendedora, faz sentido já que destaca um olhar adequado para inovação em um ambiente tradicionalmente acadêmico e, simultaneamente, apresenta uma significativa transformação na visão clássica de Ciência e Tecnologia.

É importante ressaltar que o modelo de universidade empreendedora, que originalmente, estava fortemente relacionada às áreas de engenharias e negócios, vem evoluindo e focando também em questões e objetivos sociais. Nesse sentido, Etzkowitz (2013b, p. 40) destaca o caso brasileiro que “tem desenvolvido esse potencial mais claramente através de projetos de incubadoras direcionadas à inclusão social”

A universidade empreendedora é aquela que muda sua forma de atuação, incorporando elementos do empreendedorismo e da inovação, em todos os âmbito da instituição – gestão, ensino, pesquisa, extensão e inovação – e áreas do conhecimento, com os objetivos principais de tornar-se mais sustentável e principalmente cumprir um papel social e econômico ativo e dinâmico na sociedade onde está inserida, contribuindo dessa forma para o crescimento da economia e o desenvolvimento social regional e nacional.

Pelos conceitos apresentados acima, é possível perceber a complexidade de uma universidade empreendedora, tanto em questões teóricas como práticas. Dessa forma, é necessário compreender também os fatores que influenciaram e que influenciam esse repensar das universidades para esse novo modelo.

Como já mencionado anteriormente, a transição de uma fase industrial para sociedade baseada no conhecimento, fez com que a sociedade passasse a exigir mais dessas instituições e principalmente do retorno que essas podem oferecer, tanto em questões econômicas como sociais, por meio da oferta de produtos e serviços adequados à solução de problemas ou atendimento às necessidades da sociedade (AUDY, 2011).

Ainda nesse contexto, Audy (2017, p. 81) destaca que:

O surgimento dos mecanismos de geração de empreendimentos, como incubadoras, aceleradoras e espaços de coworking, bem como os ambientes de inovação, como parques científicos e tecnológicos, fablabs e distritos de inovação, desafiam as instituições a se repensarem profundamente. Esse novo contexto requer novas formas e posicionamento nas interações com outros atores da sociedade. Isso gera a necessidade de novas relações entre ensino, pesquisa e inovação no interno da instituição, novas relações com as empresas (públicas e privadas), novas relações com os governos (locais, regionais e nacionais).

É possível apontar ainda, outros fatores de influência que também se revelam importantes e que devem ser considerados, de acordo com Audy (2011):

- a) O surgimento de problemas mais complexos, em que as soluções exigem conhecimentos multidisciplinares; e
- b) As demandas de novas carreiras profissionais, com uma formação mais abrangente e flexível, mudanças de emprego e de carreira frequentes;
- c) O novo perfil de estudantes: gerações digitais que demandam novos formatos de ensino-aprendizagem;
- d) A necessidade de maior autonomia na aquisição de conhecimento, bem como na formação; e
- e) A necessidade de educação continuada tornando o indivíduo capaz de se renovar e se adaptar as rápidas transformações.

Fica evidente a necessidade das universidades se repensarem com base no modelo de universidade empreendedora, criando mecanismos de geração de empreendimentos, buscando aflorar na comunidade acadêmica o espírito empreendedor, que traga benefícios para instituição, para o indivíduo e para sociedade.

### 2.3.2 Características das Universidade Empreendedoras

As universidades empreendedoras apresentam características comuns entre si mas que podem variar em cada instituição considerando a região na qual estão inseridas, considerando as suas necessidades e demandas.

No artigo “Anatomy of the entrepreneurial university” de Etzkowitz (2013b) é possível encontrar um panorama das variações que as universidades empreendedoras podem ter em diferentes regiões do mundo.

Nos Estados Unidos, esse modelo de universidade está baseado na Pesquisa. Na Europa – especificamente Suécia e na América Latina – especificamente Brasil, essa iniciativa parte do Ensino. Na Suécia e Brasil - houveram a introdução de treinamentos para o empreendedorismo nos currículos acadêmicos, sendo os alunos motivados a tirar a pesquisa do papel e transformá-la em empresas.

No Brasil, devido às profundas desigualdades encontradas na sociedade, a questão social é muito valorizada. A educação empreendedora foi introduzida como parte da educação geral, em vez de ser confinada a estudantes de engenharia e de negócios (ETZKOWITZ, 2013b).

Ainda, sobre o caso brasileiro, “a educação empreendedora se espalhou pela universidade como parte de um esforço para incentivar os alunos de todos os campos a se dedicarem à inovação”. (ETZKOWITZ, 2013b, p. 42).

Considerando que no país, uma das características da universidade empreendedora parte do ensino, faz-se necessário compreender algumas questões sobre a educação empreendedora. Para isso, toma-se como base a literatura nacional referente ao assunto, uma vez que se pretende compreender mais sobre o contexto brasileiro nessa questão. Isso porque esse estudo pretende analisar a contribuição da biblioteca universitária na constituição da universidade empreendedora, tendo como cenário, uma biblioteca universitária nacional.

Por outro lado, alguns traços observados em comum nas universidades empreendedoras são, a presença de NIT, Escritórios de Transferências de Tecnologia (ETT), Parques Científicos e Tecnológicos, Institutos de Pesquisa, cursos e disciplinas sobre empreendedorismo e inovação, bem como espaços que possibilitem à comunidade acadêmica colocar em prática esse aprendizado.

Confirmando isso, Audy (2017, p. 81) destaca que para acontecer a transformação de uma universidade tradicional para um modelo empreendedor são necessárias mudanças na estrutura dessas instituições::

A mudança na missão requer um repensar das novas estruturas acadêmicas necessárias para fazer frente a essa nova realidade, como os Núcleos de Inovação Tecnológica (NIT), os Escritórios de Transferências de Tecnologia (ETT), Parque Científicos e Tecnológicos, Institutos de Pesquisa aplicada com o meio empresarial, participação em iniciativas de projetos de Smart Cities e Distritos de Inovação.

Logo, por meio desta mudança é possível desenvolver uma cultura de empreendedorismo e inovação, alterando a forma de atuar da universidade e da própria comunidade acadêmica. Com essa transformação, Etzkowitz (2013, p. 37) aponta que “a universidade empreendedora busca achados de pesquisa com potencial tecnológico e os coloca em prática”. Destaca ainda, que a universidade é uma incubadora natural e “têm características empreendedoras naturais”, uma vez que:

- a) são incubadoras naturais – fornecem estrutura e suporte para professores e alunos iniciarem seus empreendimentos a partir da oportunidade de desenvolverem suas pesquisas;
- b) oferecem tempo, espaço físico e social, fornecendo a base para “novos empreendimentos”;
- c) são um campo fértil para o desenvolvimento de novos campos científicos e novos setores industriais.

Corroborando com isso, Audy (2011, p. 273) aponta que: “a universidade em si é um ambiente de inovação em potencial” e Etzkowitz (2013a) alega que as empresas estão incubadas informalmente dentro de laboratórios de pesquisa das universidades e saem diretamente para aceleradoras ou incubadoras formais.

De todo modo, para que a universidade desenvolva as características necessárias para transição rumo a uma universidade empreendedora, é importante a “institucionalização dessa nova visão de Universidade, bem como de mecanismos institucionais que a viabilizem”. (AUDY, 2011, p. 273). São necessárias políticas institucionais, ambientes de inovação e desenvolvimento de um clima favorável e propício à inovação e ao empreendedorismo (AUDY, 2011).

Acrescenta-se aos aspectos apontados por Audy (2011), o papel do agenciador, que irá estimular as ações de empreendedorismo e inovação da universidade, com ações de sensibilização da comunidade acadêmica e de estabelecimento de parcerias. O histórico da educação empreendedora no Brasil, revela que foi por meio de docentes

que se iniciou e ganhou força esse processo no país. No artigo publicado por Fernandes (2013), que apresenta um resgate do ensino de empreendedorismo no Brasil constata-se a presença de docentes como responsáveis pela implantação de diversas ações voltadas ao tema nas IES. Também no artigo de Ortega (2016) que retrata o Programa Empreendedorismo-Escola (E-E), percebe-se claramente o papel do docente como motivador e como agenciador na implantação do programa.

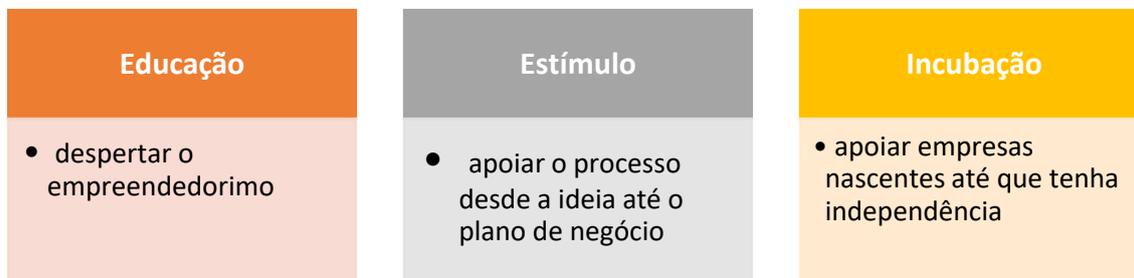
Segundo David et al. (2005), um dos aspectos fundamentais discutidos no empreendedorismo é que todas as pessoas podem desenvolver as características, competências e habilidades para ser um empreendedor de sucesso. Consequentemente, para o desenvolvimento da cultura empreendedora há a necessidade da formação de estudantes que sejam mais autônomos, mais criativos, capazes de liderar e com visão ampla da sociedade. É preciso unir programas de ensino que contemplem o desenvolvimento interpessoal e intrapessoal com atividades que abarquem teoria e prática no que diz respeito à geração de ideias, negociação, desenvolvimento estratégico, desenvolvimento de produtos, tomada de decisões e resolução de problemas. Tal circunstância demanda, segundo David et al. (2005), um conjunto de inter-relações, onde o docente e suas respectivas instituições de ensino têm papel fundamental, exigindo nova postura e metodologia de ensino onde deverá ser um facilitador do processo de produção do conhecimento. Caberá a ele também ser empreendedor para desenvolver e propor novos cursos, programas, pesquisas e extensão. É necessário, também, manter os grupos e iniciativas de alunos empreendedores próximos a esses docentes e facilitadores. (ORTEGA, 2016, p. 122).

Refletindo sobre o trecho acima, destaca-se o papel do docente no processo de empreendedorismo e inovação na academia, uma vez que é por meio dele, que ações podem ser implantadas, a formação dos alunos está diretamente atrelada a ele, cabendo ao mesmo estimular e apresentar possibilidades ao corpo discente.

Em 2015, um artigo publicado por Jansen e colaboradores (2015), sob o título “How education, stimulation, and incubation encourage student entrepreneurship: observations from MIT, IIIT, and Utrecht University”, apresentou um estudo realizado em três universidades – Massachusetts Institute of Technology, International Institute of Information Technology (IIIT) e Utrecht University e apontou como as ofertas de incentivo empresarial fornecidas por essas três instituições, contribuíram para que os estudantes investissem no empreendedorismo. A partir deste estudo, os autores propuseram um modelo de apoio ao empreendedorismo nas universidades que indica

três etapas e seus respectivos objetivos, para transição à universidade empreendedora, conforme demonstra Figura 2.

**Figura 2** – Etapas e objetivos do Modelo de Incentivo ao Empreendedorismo Estudantil

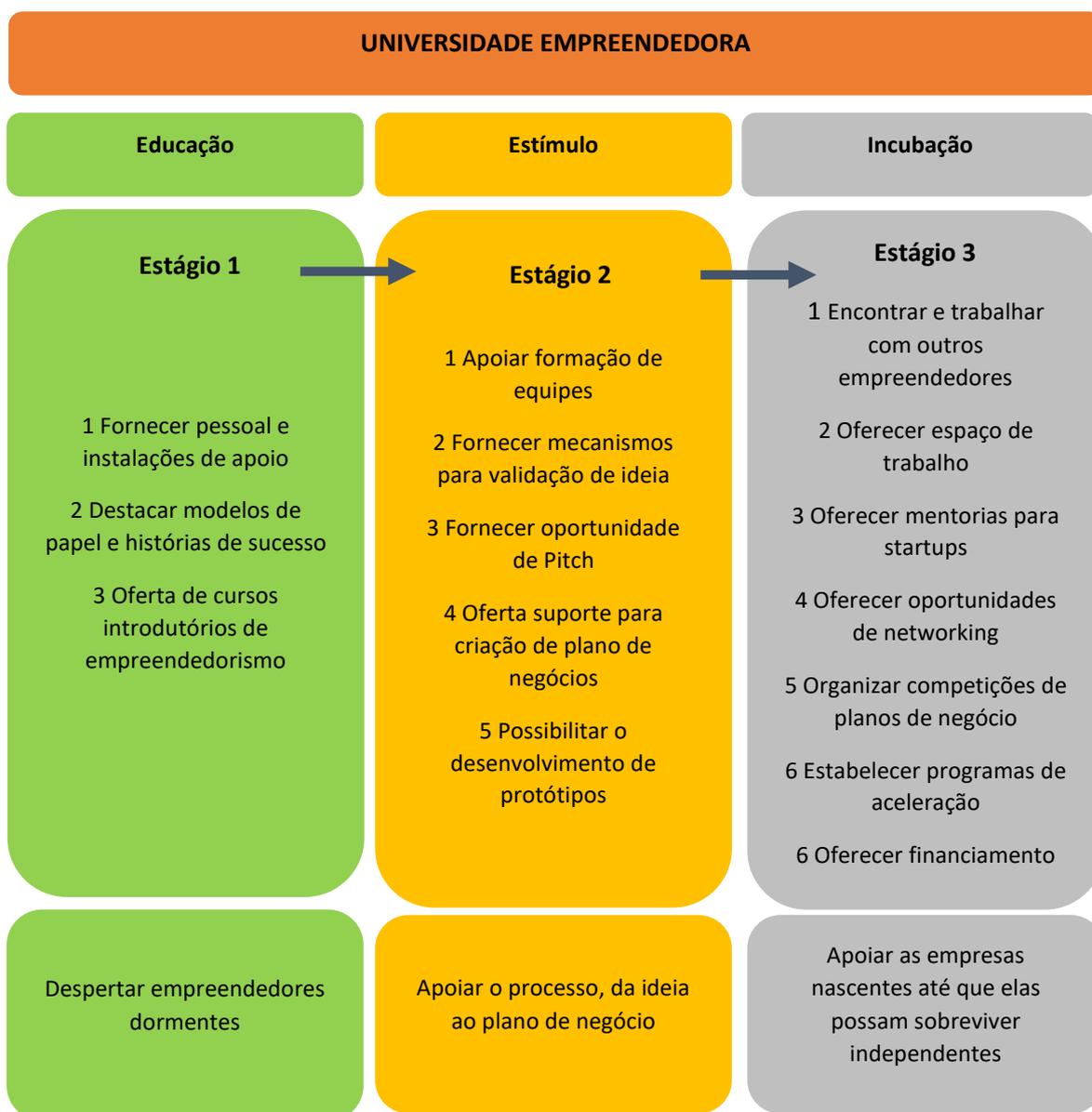


**Fonte:** elaborada pela autora com base em Jansen e colaboradores (2015).

Para que os objetivos de cada etapa sejam alcançados são descritas as ações necessárias que encorajam o empreendedorismo por meio de um modelo que, apesar de ser destinado a incentivar ao empreendedorismo estudantil, pode ser utilizado como apoio para as universidades que estão buscando a transição rumo à universidade empreendedora. Ele pode colaborar na formulação de atividades para sensibilização da comunidade acadêmica, despertando o interesse em promover a cultura empreendedora em todas as esferas universitárias, proporcionando a oportunidade de experimentação e vivência em um ambiente propício à inovação e ao empreendedorismo.

A Figura 3 apresenta o modelo de Incentivo ao Empreendedorismo Estudantil proposto por Jansen e colaboradores (2015).

**Figura 3 – Modelo de Incentivo ao Empreendedorismo Estudantil**

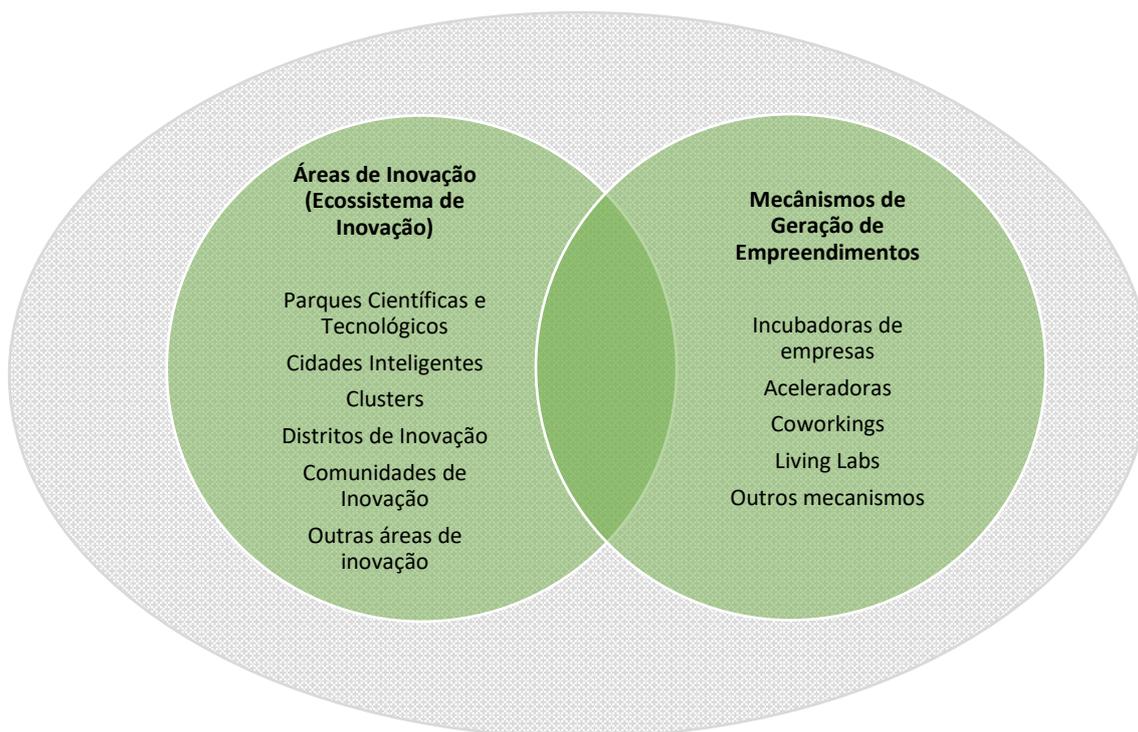


Fonte: Jansen e colaboradores (2015, tradução nossa)

Pelo modelo acima, apresenta-se as ações necessárias para se atingir os objetivos de cada uma das etapas propostas: Educação, Estímulo e Incubação.

É possível ainda lançar olhar para o Modelo Conceitual de Ambientes que Promovem a Inovação, proposto por Aranha (2016) e representado na Figura 4, que destaca ambientes de empreendedorismo e inovação.

**Figura 4** – Modelo conceitual de ambientes que promovem a inovação



Fonte: Aranha (2016, p. 9)

O modelo apresentado por Aranha (2016) aponta duas dimensões de ambientes de incentivo ao empreendedorismo e inovação: as Áreas de Inovação ou Ecosistemas de Inovação e os Mecanismos de Geração de Empreendimentos, tendo as duas dimensões forte relação entre elas.

Para melhor compreensão do modelo, recorre-se as definições dos mecanismos de geração de empreendimentos, apresentadas por Aranha (2016):

- a) **Incubadoras de empresas:** são entidades que oferecem suporte para o processo que envolve desde o desenvolvimento de ideias até a transformação em um empreendimento de sucesso. Disponibilizam infraestrutura, capacitação, suporte gerencial, orientação sobre questões administrativas, comerciais, financeiras e jurídicas.
- b) **Aceleradoras:** geralmente são mecanismos privados de apoio a startups, lideradas por empresários que buscam apoiar negócios altamente escaláveis. Existem também aceleradoras sem fins lucrativos, que focam em negócios de alto impacto social como educação, saúde, habitação, serviços financeiros, entre outros.

- c) **Coworking:** são espaços que permitem que indivíduos trabalhem sozinhos ou em grupos, compartilhando o mesmo espaço, os mesmos equipamentos e permitindo a interação entre os empreendedores.
- d) **Living Labs:** refere-se a um ecossistema de inovação aberta, ou seja, são laboratórios que possibilitam que interessados formem parcerias pessoais-público-privadas envolvendo desenvolvedores e usuários finais em um processo de co-criação de inovações em diferentes contextos de trabalho.

Considerando o exposto e retomando o exemplo brasileiro apresentado por Etzkowitz (2013c) sobre as iniciativas que favorecem a transição da universidade tradicional para o modelo empreendedor, em 2018, foi publicado no âmbito brasileiro, o Decreto nº 9.283, de 7 de fevereiro de 2018, que regulamenta o Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Este Decreto traz como principais contribuições, a oportunidade de criação de ambientes favoráveis à inovação no Brasil, permitindo a aproximação entre as instituições científicas e tecnológicas e o setor privado, tornando esse processo mais dinâmico. As universidades são incentivadas a criarem ambientes propícios à inovação, seja através de ecossistemas de inovação, seja pelos mecanismos de geração de empreendimentos.

O Decreto, em seu Art. 2º, no Inciso II apresenta definições relativas aos ambientes promotores inovação e suas dimensões, esclarecendo que:

II ambientes promotores da inovação - espaços propícios à inovação e ao empreendedorismo, que constituem ambientes característicos da economia baseada no conhecimento, articulam as empresas, os diferentes níveis de governo, as Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação, as agências de fomento ou organizações da sociedade civil, e envolvem duas dimensões:

a) ecossistemas de inovação - espaços que agregam infraestrutura e arranjos institucionais e culturais, que atraem empreendedores e recursos financeiros, constituem lugares que potencializam o desenvolvimento da sociedade do conhecimento e compreendem, entre outros, parques científicos e tecnológicos, cidades inteligentes, distritos de inovação e polos tecnológicos;

b) mecanismos de geração de empreendimentos - mecanismos promotores de empreendimentos inovadores e de apoio ao desenvolvimento de empresas nascentes de base tecnológica, que envolvem negócios inovadores, baseados em diferenciais tecnológicos e buscam a solução de problemas ou desafios sociais e ambientais, oferecem suporte para transformar ideias em

empreendimentos de sucesso, e compreendem, entre outros, incubadoras de empresas, aceleradoras de negócios, espaços abertos de trabalho cooperativo e laboratórios abertos de prototipagem de produtos e processos;

Sobre as incubadoras no Brasil, um estudo realizado pela Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (2019) apontou que 61% das incubadoras tem como mantenedora uma universidade. Este dado mostra que as iniciativas de incentivo ao empreendedorismo no Brasil são crescentes e que as universidades exercem um papel importante no desenvolvimento de ações que alavancam o empreendedorismo no país.

Diante disso, as universidades podem ter e podem ser mecanismos de geração de empreendimentos participando como atores ativos nas Áreas de Inovação ou Ecossistemas de Inovação, da região onde estão inseridas. E neste contexto das universidades, as bibliotecas universitárias poderiam atuar como um mecanismo híbrido de geração de empreendimentos, podendo oferecer espaços *coworking*, *fablabs* ou *makerspaces*, apoio a *pré-startups* e contribuir para disseminação da cultura empreendedora na universidade (OLIVEIRA; CASSIIVILANILA; AMARAL; SPINOLA, FERRARI JUNIOR, no prelo).

Recapitulando é possível apontar algumas características da universidade empreendedora apresentadas anteriormente:

- a) A Universidade deve algum grau de autonomia na gerência estratégica da instituição;
- b) Via de mão dupla: a universidade busca resolver problema da sociedade e/ou da indústria.
- c) Tem independência do estado e da indústria, mas com alto grau de interação com essas esferas;
- d) Capta recursos de outras fontes que não seja apenas do governo/estado;
- e) Possui Escritório de Transferência de Tecnologia (ETT) / Núcleo de Inovação e Tecnologia (NIT);
- f) Possui mecanismos de geração de empreendimentos: espaços *coworking*, *fablab*, *makerspace*, incubadoras entre outros;
- g) Participa ativamente de Ecossistemas de Inovação.

## 2.4 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E SUA ATUAÇÃO

Considerando Mesquita (2016) que cita as profundas mudanças sociais, econômicas e culturais ocorridas nos últimos dois séculos, provocadas pelas inovações tecnológicas, poucas são as organizações que “podem permanecer estáticas na sociedade pós-moderna, que é um ambiente caracterizado por rápidas mudanças nas influências sociais, econômicas e políticas” (JANTZ, 2012, p. 3).

Destacando as evoluções provocadas pelo avanço das tecnologias, Ribeiro, Leite e Lopes (2014, p. 6) enfatizam que “estas mudanças exigiram das organizações a busca por novas formas de atuação em um mercado cada vez mais dinâmico e exigente”.

Na área de marketing, Samara e Morsch (2005) apontam que os “novos” consumidores são mais exigentes, mais conscientes e mais poderosos em relação a suas escolhas, se comparados com consumidores de outras gerações. Esse exemplo se reflete também nas bibliotecas universitárias, permitindo dizer que frente a esse contexto, aumenta a necessidade de inovação e flexibilidade das organizações, demandando ações estratégicas constantes, a fim de aumentar a qualidade de produtos e serviços para satisfazer os clientes (ALCARÁ et al., 2006).

Dessa forma, fica evidente que as bibliotecas também enfrentam os desafios impostos pelas transformações ocorridas na sociedade. Nas palavras de Marcial (2016, p. 43) “as tecnologias de informação criaram novos hábitos no comportamento informacional dos usuários, de modo que o acesso à informação deixou de estar indissociavelmente ligado aos recursos fornecidos pela biblioteca.” Isso exigiu que as bibliotecas universitárias e seus profissionais passassem a ter um olhar cuidadoso e um repensar de sua atuação, perante uma comunidade de usuários mais exigente e com novas demandas na forma de acesso à informação.

Para atender essa comunidade, com novas demandas, anseios e necessidades diferenciadas dos usuários de tempos atrás, Ribeiro e colaboradores (2017) destacam que as bibliotecas precisam fazer-se imprescindíveis pelos serviços que oferecem e, para que isso aconteça, cabe às próprias bibliotecas se repensarem, “se tornarem um organismo vivo na instituição”. Maciel e Mendonça (2000, p. 7), destacam a necessidade de se pensar e gerenciar a biblioteca como uma empresa, sendo esta, “uma estratégia

que possibilitaria à biblioteca competir, com maior acerto, no ambiente de inovações e incertezas”.

Por outro lado, o empreendedorismo e a inovação, são temas que estão em relevância nas discussões acadêmicas e Crum (2019) considera que não são assuntos novos para as bibliotecas e bibliotecários:

As bibliotecas, provavelmente desde o seu início, apoiaram e se dedicaram à criatividade, inovação e à descoberta de novos conhecimentos. Buscamos oportunidades (definitivamente além dos recursos controlados), resolvemos problemas e criamos valor, e apoiamos outras pessoas que fazem essas coisas. (CRUM, 2019, p. 2)

Neste cenário e pensando no propósito desta pesquisa, pensar em oferecer um ambiente que permita a interação, a colaboração e o compartilhamento, é uma das possibilidades de transformar as bibliotecas universitárias em ambientes concorridos e propício ao ensino, aprendizagem, negócios, empreendedorismo e inovação, bem como disponibilizar espaços para realização de reuniões e de trabalhos colaborativos. Atrélado a isso tem-se a vantagem de disponibilizar profissionais com competência informacional, capazes de auxiliar na busca, recuperação, tratamento e análise de informações científica e tecnológicas.

Mas antes de chegar neste ponto, as bibliotecas universitárias sempre passaram por transformações e para melhor compreensão sobre o seu papel e sua atuação ao longo da história das universidades, apresenta-se na seção a seguinte, um breve relato histórico, com os objetivos e as finalidades das BU.

#### 2.4.1 Biblioteca Universitária: origem, evolução e finalidade

As bibliotecas universitárias são instituições vinculadas às universidades e têm como objetivos atender as necessidades da comunidade acadêmica.

Para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 53) a Biblioteca Universitária é uma unidade “mantida por uma instituição de ensino superior e que atende às necessidades de informação do corpo docente, discente e técnico-administrativo, tanto para apoiar as atividades de ensino, quanto de pesquisa e extensão.”

Essa abordagem representa a forma tradicional de atuação das bibliotecas universitárias, destacando a necessidade de oferecer suporte informacional à toda comunidade acadêmica.

De forma complementar, Nunes e Carvalho (2016, p. 179) destacam que ao oferecer suporte informacional, as bibliotecas precisam atuar como organismos vivos e proativos, acompanhando a evolução e contribuindo para a missão da universidade. Em suas palavras:

As bibliotecas universitárias são instituições de ensino superior e estão voltadas para atender as necessidades de todos os membros da comunidade acadêmica da qual fazem parte, mas num processo dinâmico, onde cada uma de suas atividades não é desenvolvida de maneira estática e mecânica, mas com o intuito de agir interativamente para ampliar o acesso à informação e contribuir para a missão da universidade. (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 179).

Observando-se as duas definições, é possível perceber que ambas destacam a importância da biblioteca para a universidade e apontam a necessidade de estarem alinhadas ao propósito da instituição à qual estão vinculadas.

Na perspectiva de Ferreira (1980) é evidente a importância das bibliotecas no processo de ensino em geral e no ensino superior seu papel é salientado devido ao próprio valor da universidade, já que “[...] nenhuma outra instituição ultrapassa em magnitude a contribuição universitária, a qual torna possível o formidável avanço tecnológico e científico que se registra atualmente em todos os campos do conhecimento.” (FERREIRA, 1980, p. 7).

Desse modo, se as universidades têm sua missão voltada para o ensino, a pesquisa, a extensão e a inovação, as bibliotecas destas instituições devem desenvolver seu trabalho seguindo os mesmos objetivos. Nas palavras de Ferreira (1980, p. 7) “as bibliotecas universitárias só poderão ter sentido se estiverem em consonância com os programas de ensino, pesquisa e extensão das universidades as quais pertencem.”

Mesmo que a visão de Ferreira data da década 1980, ela mantém-se atual e relevante, já que a razão das bibliotecas universitárias existirem perpassa por oferecer suporte à comunidade acadêmica e acompanhar as transformações e demandas dessa comunidade, fazendo com que a Biblioteca Universitária seja um organismo vivo, dinâmico, ativo e indispensável para instituição e para sua comunidade. E para que isso

aconteça é fundamental que a Biblioteca Universitária esteja alinhada com os propósitos da instituição.

Diante do exposto, é possível compreender que, assim como as universidades evoluíram ao longo do tempo, as bibliotecas ligadas a elas também passaram por transformações, para acompanhar os avanços e continuar correspondendo e contribuindo com as missões da universidade. Dessa forma, para compreender a evolução pela qual as bibliotecas universitárias passaram, recorreremos às origens das universidades e de suas bibliotecas.

As primeiras bibliotecas universitárias surgiram na Idade Média, juntamente com a fundação das Universidades, que foi considerado um grande marco nesse período. Essas bibliotecas, assim como as próprias universidades, estavam fortemente relacionadas a ordens religiosas e, por isso, seguiam uma forma de organização criteriosa e rígida. O acesso aos livros e aos espaços da biblioteca eram extremamente controlados e vigiados, sendo permitido apenas aos estudantes e letrados. Como exemplo do rigor do acesso aos livros, os mesmos ficavam presos nas estantes por correntes que permitiam que o leitor chegasse até um determinado ponto para fazer a leitura. Nessa época o foco principal das bibliotecas era a guarda e a preservação.

Por volta do século XV, as bibliotecas passaram a ter um caráter moderno, laico, com expansão da estrutura física, aumento de pessoal – recursos humanos e o surgimento da figura do bibliotecário junto aos livros. A partir daí, a verdadeira natureza das bibliotecas começa a surgir. Isso aconteceu devido a dois fatores elementares: como reflexo da corrente humanista que invadiu a Europa e como reflexo da explosão bibliográfica ocorrida graças a invenção da imprensa por Gutenberg (MARTINS, 2002).

Com a aproximação da fase Renascentista, o acervo das bibliotecas universitárias cresceu em tamanho e qualidade, dado que receberam muitas doações de bibliotecas particulares. Esse crescimento, exigiu o repensar de formas de organização das coleções. Na biblioteca da Sorbonne Université, surge pela primeira vez a organização baseada no sistema alfabético e na University of Oxford, surge o sistema arábico de numeração. Essas mudanças na forma de organização dos livros, ou do conhecimento, foi algo inovador para época (NUNES; CARVALHO, 2016).

Nesta fase, há também um significativo aumento de circulação de livros e de outros suportes de difusão do conhecimento, como os folhetins e as revistas. Tudo isso

fez com que as bibliotecas tivessem que repensar a forma de circular o conhecimento e de se adequar para atender essa nova perspectiva, do ponto de vista da palavra escrita. Essa fase também é marcada pela aproximação do Iluminismo (BATTLES, 2003).

Já na fase da Revolução Industrial, há importantes avanços relacionados às bibliotecas de uma forma geral. Na parte de organização e representação do conhecimento, Merwil Dewey cria a classificação decimal, conhecida como Classificação Decimal de Dewey (CDD) que muda a forma de representar e organizar os livros na estante e introduz uma preocupação em relação aos serviços que as bibliotecas podem oferecer (NUNES; CARVALHO, 2016). Nesta fase surge também, Ranganathan<sup>2</sup>, com sua forma holística de enxergar as bibliotecas. Por meio de seu livro “Five Laws of Library Science” de 1931, e de alguns outros títulos lançados posteriormente, ele deixa seu legado às futuras gerações (NUNES; CARVALHO, 2016).

Sobre as contribuições de Ranganathan para as bibliotecas, Nunes e Carvalho (2016, p. 183) evidenciam que: “Essas contribuições são fundamentais para projetar a biblioteca num outro patamar de interesse social. Assim, vê-se uma mudança qualitativa nos serviços e na percepção das bibliotecas perante seu público”. Sob esse ponto de vista o legado de Ranganathan é válido até hoje, uma vez que as bibliotecas devem constantemente buscar melhorias em seus produtos, serviços, espaços e processos, para melhor atender seus usuários.

No contexto brasileiro, a primeira Biblioteca Universitária foi criada na década de 1920, com a criação da Universidade do Brasil, hoje denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), após várias tentativas sem sucesso de criação de uma universidade no país, ainda quando estava sob colonização (FÁVERO, 2006). O aumento no número de bibliotecas universitárias no Brasil, tem um crescimento a partir da década de 1960, com a criação de diversas universidades, bem como a junção de algumas faculdades já existentes.

Nesse período aconteceu também o 1º Seminário Interamericano sobre Bibliotecas Universitárias, realizado em Illinois, nos Estados Unidos, convocado pelo Council of Higher Education in American Republics (CHEAR), tendo como objetivo

---

<sup>2</sup> Shiyali Ramamrita Ranganathan, foi um matemático e bibliotecário indiano, que viveu entre 1892 e 1972. Se dedicou a biblioteconomia e contribuiu muito para a área de Ciência da Informação e para a profissão de bibliotecário. Escreveu aproximadamente cinquenta livros e mil artigos na área. (SEPÚLVEDA, 1996).

discutir a otimização dos espaços, do tempo e dos recursos financeiros, tecnológicos e de pessoal das bibliotecas. O resultado deste seminário indicou a criação de bibliotecas centrais nas universidades (REIS, 2008). No entanto, mesmo seguindo essa tendência, com o tempo as bibliotecas centrais passaram a enfrentar problemas de limitação de espaço, recursos financeiros, de pessoal e até mesmo na forma de gerenciamento das bibliotecas universitárias (MIRANDA, 2006; NUNES; CARVALHO, 2016).

A partir da década de 1990, com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, as bibliotecas universitárias brasileiras buscaram se modernizar diante dessa nova realidade, para atender uma demanda da comunidade universitária e da sociedade de uma forma geral. Os recursos tecnológicos passaram a ser utilizados para gerenciar acervos e serviços das bibliotecas.

Logo no início dos anos 2000, Cunha, um estudioso da temática sobre as bibliotecas universitárias, publica o artigo intitulado “Construindo o futuro: a biblioteca universitária em 2010” e destaca:

Os próximos dez anos serão um período de mudanças significativas em nossas IES, caso elas consigam reagir aos desafios, oportunidades e responsabilidades que se apresentam. O elemento-chave será a capacidade de as universidades e, em especial, sua biblioteca assimilarem os novos paradigmas. O contexto que se apresenta é propício para mudar a natureza do empreendimento acadêmico. No caso da biblioteca universitária, é necessário examinar as enormes possibilidades do futuro e entender que o desafio mais crítico será remover os obstáculos que a impedem de responder às necessidades de uma clientela em mudança, transformar os processos e estruturas administrativas que caducaram e questionar as premissas existentes. (CUNHA, 2000, p. 88).

Passados quase 20 anos de sua publicação, mudanças aconteceram, mas os desafios continuam existindo e as transformações nas universidades impulsionam as bibliotecas a repensarem sua atuação para atender as demandas de sua comunidade e trabalharem em consonância com a instituição.

Essa fase é marcada também, pelo foco na formação, no desenvolvimento e na avaliação dos acervos. No Brasil, as bibliotecas universitárias, por serem avaliadas com base nos parâmetros definidos pelo instrumento de avaliação do Sistema Nacional de Educação Superior (SINAES), considera fatores como recursos humanos, serviços, coleções, infraestrutura física e tecnológica (NUNES; CARVALHO, 2016). Apesar disso

ocorrer até hoje, percebe-se também a necessidade de um olhar mais apurado principalmente em relação aos serviços e aos espaços oferecidos.

Outro fator que tem influenciado as bibliotecas universitárias é a questão da inovação, que ganhou força nas últimas décadas em vários âmbitos da sociedade e tem se mostrado relevante no contexto das bibliotecas universitárias. Marcial (2016) ao discorrer sobre a questão da sobrevivência das bibliotecas, aponta que a inovação pode ser um elemento decisivo na gestão da biblioteca. Em suas palavras:

[...] a inovação surge como elemento decisivo na gestão da biblioteca e deve ser entendida como um fator de sobrevivência. Os aspectos que justificam essa afirmação são muitos e variados. As tecnologias de informação criaram novos hábitos no comportamento informacional dos usuários, de modo que o acesso à informação deixou de estar indissociavelmente ligado aos recursos fornecidos pela biblioteca. (MARCIAL, 2016, p. 43).

O interesse pela inovação em bibliotecas tem se mostrado relevante e tem aumentado ao longo dos anos. Percebe-se claramente o aumento no número de publicações sobre a temática. Neste sentido, a inovação tem se tornado um tema de pesquisa relevante no âmbito das bibliotecas universitárias. No entanto, as discussões concentram-se nas inovações em gestão e em serviços de informação (DYSART; JONES, 2011; HARRIS, 2006; YEH; WALTER, 2016).

Com essa visão de Biblioteca Universitária que acompanha as mudanças e transformações do meio no qual está inserida, é possível lançar luz sobre sua importância, bem como o valor dos seus profissionais diante da comunidade acadêmica.

Por fim, ao observar o breve histórico de evolução das bibliotecas, no mundo e no Brasil, percebe-se que as mesmas sempre acompanharam a evolução social e tecnológica, independente das dificuldades enfrentadas. Passaram de um caráter fortemente religioso, pela laicização e democratização, tornando-se um equipamento capaz de disponibilizar acervos e espaços, democratizando o acesso à informação, a cultura e ao lazer.

#### 2.4.2 Biblioteca Universitária: novas práticas e novos espaços

Resgatando o histórico apresentado anteriormente, as bibliotecas sempre foram valorizadas como espaço de guarda e preservação de recursos informacionais, bem como de acesso a esses recursos, mas precisam se repensar. A Australian Library and Information Association (2014, p. 27, tradução nossa, grifo nosso) menciona que:

Os valores e a missão das bibliotecas permanecem altamente relevantes para a sociedade de hoje, mas a tecnologia trouxe novas formas de acesso à informação, e as bibliotecas se deparam com essa realidade. Bibliotecas foram “líder do mercado”, mas estão perdendo espaço para as novas tecnologias. Isso significa que os profissionais da informação precisam pensar em formas alternativas para tornarem as bibliotecas novamente ambientes competitivos.

Diante deste cenário, pensar em proporcionar um ambiente que permita a interação, a colaboração e o compartilhamento, é uma das possibilidades de transformar as bibliotecas universitárias em ambientes concorridos e propício ao ensino, aprendizagem, negócios, empreendedorismo e inovação, bem como ensejar o início de uma modificação nas bibliotecas universitárias. Atrelado a isso, apresenta-se a vantagem de oferecer profissionais capacitados para o uso dos recursos informacionais disponíveis.

Contudo, por muito tempo as bibliotecas se preocuparam demais com seus acervos físicos e digitais, fazendo-se necessário um olhar cuidadoso para seus espaços e seus serviços.

Ao percorrer a literatura da área de Ciência da Informação e Biblioteconomia foi possível encontrar inúmeras referências sobre a necessidades de repensar os espaços e os serviços das bibliotecas.

Para Atkinson (2001, p. 8, tradução nossa) “a nova biblioteca deve ser principalmente um ponto de encontro social, um pouco barulhento, com muito café.” E para que isso aconteça alguns autores que afirmam que na prática, vê-se mais e mais bibliotecas removendo suas estantes de livros e abrindo caminhos com o uso de elementos do design de interiores que convidam para ambientes como *lounges*, com sofás, salas de reuniões, quadros, lousas e projetores (LAPOINTE, 2006; MCDONALD, 2006; SHILL; TONNER, 2003).

Resnick (2014, on-line, tradução nossa) aponta que “A biblioteca como um depósito de informações é um conceito ultrapassado. A biblioteca do século XXI é uma oficina comunitária, um centro cheio de ferramentas da economia do conhecimento.”

Essas afirmações demonstram que as bibliotecas estão preocupadas em mudarem sua forma de atuação e reforçam a proposta desta pesquisa, que visa apresentar as potencialidades que as bibliotecas universitárias têm no incentivo ao empreendedorismo e à inovação, mediante ações que podem promover.

O artigo Small Business Support (2018, on-line, tradução nossa) aponta que:

As bibliotecas são um pilar fundamental de apoio às pequenas empresas: elas fornecem programação, ferramentas de prototipagem e acesso a pesquisas de mercado e demonstraram aumentar o acesso ao capital. À medida que mais bibliotecas adicionam espaços de *coworking* e espaços de trabalho, eles estão se tornando locais ainda mais atraentes para empreendedores começarem. Os bancos de dados e softwares de pesquisa fáceis de usar são essenciais para fornecer suporte completo, ajudando os empreendedores a entender seu nicho e fazer seus projetos decorrerem, seja pesquisa de patentes para protótipos ou pesquisa de mercado e criação de planos de negócios para pequenas empresas.

Na literatura é possível encontrar algumas discussões, ainda que incipientes, sobre o papel das bibliotecas no apoio ao empreendedorismo e inovação, basicamente versando sobre disponibilização de espaços *coworking* e de *makerspaces* (espaços de fabricação) ou *fablabs* (laboratórios de fabricação).

Os *makerspaces* ou espaços de fabricação, em bibliotecas, são áreas onde as pessoas podem criar, construir e inventar com tecnologia, apoiam tanto as humanidades digitais quanto o empreendedorismo (NICHOLS; MELO; DEWLAND, 2017). Os autores destacam ainda que esses espaços, ao disponibilizarem ferramentas e equipamentos de prototipagem rápida e espaço de trabalho transdisciplinar “dá as boas-vindas a uma série de participantes com várias origens e especialidades”, tornando-se “um foco para startups e projetos iniciais de empreendimento”.

Já os espaços *coworking*, popularizados na última década, é um fenômeno que se mostra favorável na promoção da educação empreendedora para todos os alunos, independente da área do conhecimento, se instalados em bibliotecas universitárias (NICHOLS; MELO; DEWLAND, 2017).

Considerando que as bibliotecas são naturalmente locais que possibilitam a interação e o compartilhamento de ambientes comuns de estudo, de leitura, cultura e lazer, ainda assim não são utilizadas efetivamente como espaço compartilhado de troca de informação e de descoberta de afinidades em projetos, por exemplo. Para que isso aconteça, as bibliotecas precisam pensar em formas de promover essa “aproximação” entre as pessoas, de criar ambientes que tenham essa atmosfera de trabalho colaborativo e que permita parcerias por descobertas de compatibilidades ou interesses em comum. Uma oportunidade, estão nos profissionais bibliotecários, que podem atuar como mediadores e facilitadores nesse processo de aproximar pessoas e interesses.

Crum (2019, p. 2) aponta que as bibliotecas já “promovem colaborações que podem levar à criação e novos conhecimentos e habilidades, proporcionar oportunidade de aprendizagem ao longo da vida e ajudar os usuários a se tornarem pensadores críticos, criativos e solucionadores de problemas.” Ele destaca ainda que, seja pelo fornecimento de informações ou pela disponibilização de novas tecnologias, as bibliotecas têm um histórico de democratização da criatividade, da inovação e do empreendedorismo.

A sistematização de espaços e serviços que apontam e destacam o papel das bibliotecas universitárias como agentes nos cenários de inovação e empreendedorismo na universidade, pode reforçar esse papel já desempenhado pelas mesmas, mas que não esteja explícito para sua comunidade de usuários e para os seus próprios profissionais.

Confirmando isso, Ribeiro, Leite e Lopes (2014, p. 8) apontam que:

“as bibliotecas têm sido usadas como um lugar de reunião, um lugar de compartilhar identidade, comunicação e ação. Nesse sentido, assim como as redes sociais, as bibliotecas permitiriam que bibliotecários e usuários não somente interagissem, mas compartilhasse e transformassem recursos dinamicamente.”

Medina e Krawulski (2015, p. 187), assinalam que “[...] o *coworking* vai muito além de se configurar apenas como um espaço físico compartilhado, caracterizando-se como um lugar onde os profissionais podem criar novas redes e interagir com as mais variadas áreas.” Essa interação entre as distintas áreas do conhecimento, pode ser

benéfica para todos e ao mesmo tempo trazer novas perspectiva para a solução de um problema ou para a criação de algo novo.

Para Aabo e colaboradores (2010) e Aabo e Audunson (2012 *apud* BILANDZIC; FOTH, 2013, p. 257), no contexto da economia do conhecimento do Século XXI, as bibliotecas devem ser lugares que proporcionam as discussões, a colaboração entre pares, o aprendizado social. Enfim, um lugar inspirador para o aprendizado entre pessoas diferentes.

Em estudo realizado por Nichols, Melo e Dewland (2017, p. 366, tradução nossa) os autores enfatizam a importância de espaços compartilhados entre indivíduos de várias áreas do conhecimento, destacando que essa interação permite uma dinâmica capaz de apoiar variados pontos de investigação, com seus pontos de vista diferenciados entre cada área. Os autores citam ainda, que o campus da University of Arizona tem se “beneficiando da experiência de comunidades de pessoas que podem ajudar a pensar em ideias e protótipos em um ambiente transdisciplinar.” (NICHOLS; MELO; DEWLAND, 2017)

Pelas discussões apresentadas, é possível afirmar que, espaços propícios à criatividade, à criação e ao surgimento e discussão de novas e velhas ideias, sejam elas para quaisquer finalidades, devem se configurar com um ambiente descontraído, acolhedor, facilitador da comunicação, do encontro, e da troca de experiências, para que os melhores resultados dessa interação possam acontecer.

Confirmando isso, é possível identificar relatos de transformações de espaços tradicionais das bibliotecas, representados por estantes de livros enfileiradas, mesas e cadeiras rigorosamente alinhadas e pensadas para promover o estudo individual e o silêncio, em espaços que prezam pelo compartilhamento, pela colaboração e pela interação dos usuários. Esses exemplos, não pretendem apontar que os espaços tradicionais deixem de existir, mas indicar a necessidade de se promover uma adequação e um equilíbrio entre a tradição e as novas tendências que vêm sendo apontadas na literatura e na prática. Um desses casos é a biblioteca pública de Chattanooga, no estado americano do Tennessee.

A referida biblioteca desocupou um andar inteiro de acervo para abrir um espaço de colaboração para a comunidade de usuários. Neste espaço acontecem oficinas voltadas à comunidade e é possível também que pessoas que tenham interesse em abrir

um negócio, utilizem o espaço para trabalhar no projeto. "Com este espaço, o que estamos tentando fazer é reconhecer que o acesso aos bens comuns não é mais um ambiente somente leitura", diz Meg Backus, que administra o quarto andar da biblioteca. (RESNICK, 2014, tradução nossa).

No mesmo artigo Resnick (2014, on-line, tradução nossa), Corine Hill, Diretora do Sistema de Bibliotecas de Chattanooga – Tennessee, faz uma reflexão sobre o profissional bibliotecário, apontado que:

“Estamos no negócio da informação há 3.000 anos” [...] filosofando sobre o papel do bibliotecário na sociedade. “Se há algo que fazemos bem, é entregar informação, e informação é conhecimento. Acho que, se alguém está posicionado para ajudar a construir trabalhadores para esta nova era da informação, é a biblioteca.”

Esse exemplo poderia ser aplicado em uma Biblioteca Universitária, já que as mesmas estão em um ambiente que promove geração do conhecimento, da arte, da cultura e da inovação. Como já exposto, a Biblioteca Universitária pode ser um palco para despertar e incentivar o empreendedorismo e a inovação, desenvolvendo ações que potencialize a colaboração, a interação, o compartilhamento e a rede de relacionamentos entre as pessoas que ali frequentam.

Paralelamente, um outro fator que tem influenciado o repensar dos espaços e da atuação das bibliotecas universitárias é a identificação de um novo perfil de aprendizagem que vem se configurando – a aprendizagem coletiva - que deixa de ser solitária e isolada, fazendo com que o processo criativo e inovativo, seja aflorado (BIERAUGEL; NEILL, 2017b). Assim, os autores destacam a necessidade de criação e disponibilização de espaços que incentivem a criação e inovação. Sparrow e Whitmer (2014 apud BIERAUGEL; NEILL, 2017, p. 39, tradução nossa, grifo do autor) complementam que: “[...] esses tipos de espaços visam desenvolver “uma cultura de inovação no campus” e que as bibliotecas são ideais como um local central para esses tipos de espaços, pois são facilmente acessados por mais alunos.”

Neste novo cenário de aprendizagem, o estudo desenvolvido por Bieraugel e Neill (2017) destaca a importância dos alunos terem “espaços para refletir, questionar e experimentar” sendo fundamental que o design da biblioteca considere esses espaços para promover o apoio à inovação e à criatividade. Em outras palavras, há necessidade

de se ter cuidado em oferecer ambientes para todas as necessidades, sejam elas, de estudos em grupo, de espaços colaborativos e de experimentação, de convivência, bem como de ambientes silenciosos e que permitam a leitura, a reflexão e o individualismo.

Para conseguir oferecer esses tipos de ambientes nas bibliotecas universitárias, faz-se necessário incorporar:

[...] novos tipos de espaços para incentivar comportamentos que normalmente não acontecem em uma biblioteca acadêmica, como a experimentação de espaços como os makerspaces, que são importantes para o processo criativo. Dentro desse processo de adicionar novos espaços, enfatizamos que espaços silenciosos de reflexão devem ser mantidos; eles são importantes para o processo criativo e inovador também. (BIERAUGEL; NEILL, 2017, p. 50, tradução nossa).

Sobre a questão de espaços nas bibliotecas, estudos apontam que basicamente dois ambientes se fazem necessários e contribuem para o processo criativo – os espaços individuais e os espaços coletivos. Além deste dois, um terceiro ambiente se mostra bastante importante – as áreas verdes – ou pelo menos a vista para natureza (BIERAUGEL; NEILL, 2017b).

É possível perceber que as discussões sobre os espaços físicos nas bibliotecas de uma forma geral, tornaram-se um fator importante e confirmando esse fato, Ribeiro e colaboradores (2017, p. 52) destacam que:

“Um dos temas mais significativos no dia a dia das bibliotecas é a gestão do espaço. As alterações ligadas às tecnologias e à promoção da cultura de colaboração e aprendizagem compartilhada conduzem para uma verdadeira transformação nessa questão, sendo que as tendências mais relevantes são os chamados makerspaces e learning commons.”

Por outro lado, é relevante ter cuidado para que as bibliotecas não sejam vistas apenas como espaço físico. Ela deve ser compreendida como espaço, mas principalmente como provedora de informação e de serviços, de forma que todos estes elementos estejam integrados. Fornecer informação utilizando recursos de seu acervo, independente do suporte (impresso ou digital) e agregar serviços no fornecimento de informação, em um ambiente convidativo aos consumidores da informação, fazendo com que queiram frequentar a biblioteca.

Desta forma, considerando a questão das bibliotecas não serem reconhecidas apenas pelos seus espaços, Fourie e Meyer (2015, p. 520, tradução nossa) destacam que “Ao longo dos séculos, as bibliotecas passaram dos espaços físicos livros-em-cadeias tradicionais para espaços digitais e virtuais” e, neste momento, que muito se fala em promover ambientes que incentivem o empreendedorismo e a inovação, a questão dos espaços físicos das bibliotecas está muito em evidência, havendo necessidade de se ter cuidado para não tornar o espaço, o foco das bibliotecas, já que nas palavras de Fourie e Meyer (2015, p. 520): “As bibliotecas são mais que espaços físicos e as bibliotecas são mais do que acesso”. Os autores destacam ainda, a necessidade das bibliotecas irem além do mero fornecimento de espaços e ferramentas, devendo evidenciar a informação e os recursos informacionais disponíveis, de forma que os frequentadores percebam que explorar esses recursos é algo igualmente divertido, assim como frequentar os espaços mais informais. Dessa forma, a administração de ambientes, deve ser um processo incorporados nas questões gerenciais de bibliotecas (FOURIE; MEYER, 2015).

Pensando em oferecer mais que espaços físicos, é importante ressaltar que a Biblioteca Universitária possui recursos informacionais e capacidade de fornecer informações relevantes - tanto para o ensino, quanto para a pesquisa, a ciência, a tecnologia, como para o empreendedorismo e a inovação. Além disso, uma gama de serviços poderia ser ofertada pelos profissionais que atuam nas bibliotecas.

Neste aspecto, Nichols, Melo e Dewland (2017, p. 365) fazem uma provocação aos bibliotecários, afirmando e desafiando-os a adquirirem novas competências: “Bibliotecários também são desafiados a adquirir novos níveis de especialização para orientar pesquisa de estudantes por meio do aprendizado de novas tecnologias e programas frequentemente encontrados nas humanidades digitais”.

Bruxvoort (2017) salienta que ao agregar nos *makerspaces*, recursos de informação, suporte para o uso desses recursos e o reconhecimento de seu valor como ambiente criativo, o resultado dessa junção poderá fazer com que sejam entendidos como espaço de empoderamento a serem explorados.

Corroborando com isso, ao conseguir oferecer espaços e serviços, que promovam além da sua atuação tradicional, o incentivo ao empreendedorismo e a inovação, a Biblioteca Universitária poderá ser considerada “como um centro neural

para as universidades – portanto, fornecendo um local ideal para permitir que os alunos de todas as disciplinas interajam com as tecnologias de ponta”. (NICHOLS; MELO; DEWLAND, 2017, p. 364).

Paralelamente, outro ponto a ser considerado, é a aproximação da Biblioteca Universitária com outras unidades do campus, buscando realizar parcerias, alianças e fusões que podem beneficiar tanto as bibliotecas, como as unidades parceiras e, conseqüentemente, a Universidade como um todo. As bibliotecas podem transcender o seu papel tradicional, para um papel mais participativo na vida acadêmica e contribuir de forma ativa na missão universidade empreendedora. Com isso as demais unidades, também se beneficiariam, ao ganharem mais visibilidade e concentrando um rol de serviços em um único lugar: na Biblioteca Universitária (GARDNER; NAPIER; CARPENTER, 2013).

Um exemplo prático da junção de vários serviços em um mesmo local – no caso uma biblioteca - Paladino (2003) fez a descrição de um serviço, que vai além do fornecimento de espaço, oferecido pela Biblioteca Central de Manchest, que implantou a Patent Clinic (Clínica de Patentes) como um serviço público gratuito, disponível para toda a população, permitindo que o cidadão discuta sua invenção em qualquer área do conhecimento com especialistas, receba suporte para registro de patente e avaliação financeira e de mercado para suas propostas (PALADINO, 2003).

Apesar do exemplo acima não ser em uma Biblioteca Universitária, ele pode ser aplicado a elas, considerando que estão em um ambiente que produz conhecimento e gera inovações, como as universidades, agregando espaços que permitam um local propício ao desenvolvimento de inovação.

No artigo de Ortega (2016, p. 130) que descreve o Programa de Empreendedorismo-Escola de um *Campus* da Universidade de São Paulo, a autora destaca “que a articulação e junção de diversos atores (docentes, alunos, apoio institucional e fomento governamental) são fundamentais para que a disseminação da cultura do empreendedorismo ocorra numa escala apropriada.”

Desse modo e diante dos exemplos citados acima, um fator a ser considerado no contexto deste estudo é promover a aproximação das bibliotecas universitárias com unidades ou setores do *Campus* que atuam em questões relacionadas a inovação e ao empreendedorismo como exemplo, os NIT, através da disponibilização de espaço,

produtos, serviços e profissionais capacitados, oferecendo suporte às Empresas Juniores e pré-startups.

Por fim, a atuação do profissional bibliotecário faz-se imprescindível neste contexto e Martell (2000, p. 13, tradução nossa) faz uma provocação aos bibliotecários, dizendo que é preciso “criar uma gama de serviços inimagináveis no século XX, mas obrigatórios no século XXI, se quisermos fornecer à sociedade os serviços de valor agregado que necessitarão de seus profissionais.” Diante deste cenário, os profissionais bibliotecários e as bibliotecas universitárias têm a oportunidade de agregar novas práticas em seus afazeres, aumentando seu reconhecimento perante a comunidade acadêmica e perante a sociedades.

#### 2.4.3 Atuações do bibliotecário no cenário de incentivo ao empreendedorismo e à inovação

Ao falar da evolução e transformações pelas quais as bibliotecas passaram não tem como ignorar a figura do bibliotecário. E neste sentido, cabe destacar aqui, as competências e os desafios desse profissional.

Do mesmo modo que as transformações sociais e tecnológicas influenciaram as bibliotecas universitárias, que passaram por mudanças e transformações, os seus profissionais também evoluíram para acompanharem essas transformações. Dessa forma, é patente a necessidade de atualização e modernização em diversas áreas do conhecimento, bem como em distintas profissões. Contudo, faz parte da história da biblioteconomia e dos bibliotecários estarem constantemente pensando em formas de pensar e repensar sua atuação.

E como criar um ambiente e motivar os profissionais a pensar, criar, desenvolver e disponibilizar novos serviços, novos produtos e novos espaços? Pensar em inovação e empreendedorismo é uma das possibilidades. Estimular o pensamento inovador e empreendedor na equipe. Para isso é necessário criar na equipe o espírito de colaboração, pois no ambiente de trabalho as pessoas dependem umas das outras e nada será feito sem que exista cooperação e colaboração. Kouzes e Posner (2013, p. 209) citados por Franco (2018) argumentam: “O desafio de facilitar os relacionamentos é garantir que as pessoas reconheçam que precisam umas das outras – como realmente

são interdependentes. Os objetivos e papéis colaborativos contribuem para o senso de propósito coletivo [...]”. E para que a organização cresça, todos devem estar envolvidos e motivados no mesmo objetivo, desde a alta administração até a base da organização.

De forma análoga, a colaboração pode ser o resultado da ligação entre o empreendedorismo e a inovação, como destacam Bessant e Tidd (2015, p. 11) citados por Franco (2018, [p. 6], tradução nossa):

A inovação é importante, mas isso não acontece automaticamente. É impulsionada pelo empreendedorismo – uma mistura potente de visão, paixão, energia, entusiasmo, discernimento, julgamento e trabalho duro, o que permite que boas ideias se tornem realidade. O poder por trás da mudança de produtos, processos e serviços provém de indivíduos - atuando sozinhos ou incorporados dentro das organizações – quem faz a inovação acontecer.

Assumindo essa vertente de uma maior aproximação entre o bibliotecário, o empreendedorismo e a inovação, autores como Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005); Dalpian, Frago e Rozados (2007); Conti, Pinto e Davok (2009); Alves e Davok (2009); Silveira (2012) e Silva e Spudeit (2018) apontam a necessidade de mudanças na formação do profissional bibliotecários, permitindo que acompanhem as mudanças no mercado de trabalho e se fazendo necessário nas organizações, pois acredita-se que as competências informacionais do bibliotecário, associada a características empreendedoras possa ser um diferencial para o profissional em outras áreas de atuação (SILVA; SPUDEIT, 2018).

As autoras Silva e Spudeit (2018) destacam que vários autores na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil têm destacado a importância do profissional da informação desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes próprias de empreendedores. Dessa forma, destaca-se um perfil que tenha características como “adaptabilidade, previsão de ameaças e oportunidades, habilidade interpessoal, tomada de decisão, iniciativa/proatividade, habilidade organizacional e de planejamento, perseverança, criatividade e inovação, solução de problemas, liderança, conhecimento da demanda e do cliente”. As autoras salientam também, que alguns autores são incisivos e “citam diretamente o empreendedorismo como elemento necessário à formação e/ou atuação dos profissionais da informação na atualidade”. Entre esses autores, destacam-se Ferreira (2003), Faria e colaboradores (2005) e Passarelli (2009).

Relacionando a questão do empreendedorismo e da inovação na biblioteconomia e com o profissional bibliotecário, em 1978, Antonio Miranda apresenta um trabalho no I Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) e o republica no ano de 2006, quase 30 anos depois, onde apresenta uma reflexão sobre a problemática das bibliotecas universitárias. Neste texto o autor bem coloca que a Biblioteca Universitária é um fenômeno social e, desta forma, o bibliotecário tem que saber lidar tanto com as questões técnicas da profissão, como saber transitar na esfera administrativa e política. O autor destaca que erra o bibliotecário que oferece tão somente soluções técnicas e frustra-se o planejador (entendo aqui o bibliotecário administrador) que não sabe examinar com atenção as forças, as tendências, as inclinações e demandas das personalidades em conflito na sua área de atuação e fracassa se não souber articular estas forças ambientais em favor de seu projeto. Salaria que: “o projeto só é válido - por mais correto que pareça do ponto de vista técnico - se conseguir catalizar as forças e inclinações do meio ambiente em que pretende atuar”. (MIRANDA, 2006, p. não especificada).

O que fica claro neste trecho é a importância do profissional ter domínio das questões técnicas da profissão – que são os diferenciais do profissional bibliotecário – mas a questão administrativa, de gestão, também tem que ser uma competência que o bibliotecário tenha domínio, para conseguir enxergar o contexto, as tendências, compreender as ameaças e vislumbrar as possibilidades, afim de atender e acompanhar as transformações.

Mesmo que o bibliotecário atue no setor público, sem fins lucrativos e a competição não se faça necessária para o manter no mercado, esse profissional precisa conquistar novos usuários e zelar pelos que já tem, uma vez que as ações, produtos e serviços, somente terão razão de existir se tiverem um público consumidor. Conseqüentemente, pensar em melhorar o que já se tem e também criar novos processos, produtos e serviços – característica dos empreendedores – farão com que sua valorização e competitividade aumente, tanto dentro da instituição como fora (DRUCKER, 2007; FRANCO, 2018).

Sobre a atuação do bibliotecário no contexto dos espaços *maker* em bibliotecas, Bruxvoort (2017) menciona que esse movimento “pode impulsionar a imagem dos bibliotecários como sendo inovadores e acompanhando as tendências” e reforça que

“Bibliotecários são aclamados por abraçar novas tecnologias e gerenciar espaços de biblioteca para apoiar atividades de inovação, criatividade e faça-você-mesmo (Do It Yourself - DIY)”.

Em conclusão, o que fica evidente na perspectiva do bibliotecário perante esse cenário, é que esse profissional, além de promover ações de incentivo ao empreendedorismo e a inovação pode se beneficiar, atuando junto e se envolvendo por meio de atividades e serviços, promovendo sua imagem, reputação e se fazendo necessário no meio que atua.

### 3 MÉTODO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Nesta seção são apresentados o método escolhido e o desenvolvimento da pesquisa.

#### 3.1 ABORDAGEM E MÉTODO DA PESQUISA

A pesquisa tem como referencial metodológico, a abordagem qualitativa que de acordo com Mueller (2007, p. 27):

se aplica às áreas com pouco conhecimento teórico ou conceitual ou às pesquisas que não possuem hipóteses formuladas ou precisas. Nesses casos, os métodos qualitativos ajudam não apenas a compreender o objeto de estudo, mas também a construí-lo a partir de novos aspectos e sob novas perspectivas.

O método de pesquisa utilizado foi pesquisa-ação, que tem como característica o envolvimento e a identificação do pesquisador com as pessoas e o ambiente investigados. Nas palavras de Thiollent (2011, p. 13) “a pesquisa-ação enquanto linha de pesquisa é associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação”.

A pesquisa-ação se fez adequada nesta investigação, uma vez que a proposta de sistematização de um espaço na biblioteca universitária para incentivar o empreendedorismo e a inovação, teve a premissa de ser uma construção conjunta entre pesquisador e os atores envolvidos no processo; e esse tipo de método permite que isso aconteça, conforme destaca Thiollent (2011, p. 20):

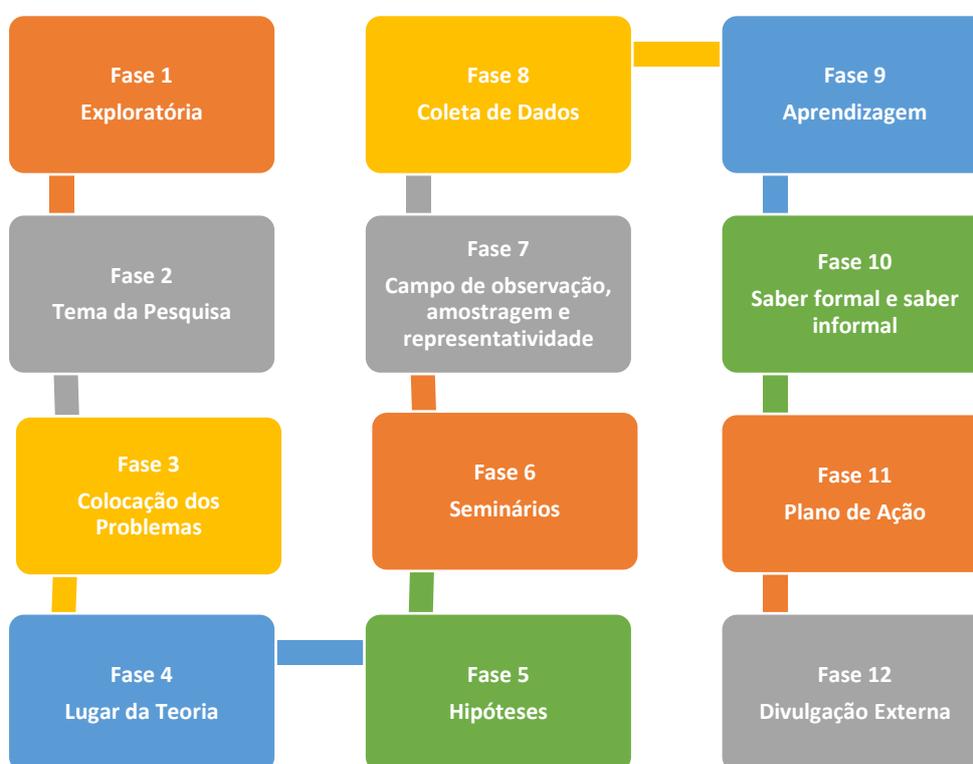
A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Como parte desse método foram utilizados conhecimentos com base nas discussões teóricas aqui apresentadas. Essa possibilidade é confirmada por Thiollent (2011, p. 7) que aponta: “no processo de pesquisa-ação estão entrelaçados objetivos de

ação e objetivos de conhecimento, que remetem a quadros de referenciais teóricos, com base nos quais são estruturados os conceitos, as linhas de interpretação e as informações colhidas durante a investigação”.

Sobre a adequação do método de pesquisa, Peruzzo (2006, p. 126) destaca que na pesquisa-ação “o pesquisador não só compartilha do ambiente investigado, mas também possibilita que o investigador participe do processo de realização da pesquisa e que os resultados revertam em benefício do próprio grupo pesquisado”. Thiollent (2011) determina doze fases para o desenvolvimento de uma pesquisa-ação, conforme pode ser observado na Figura 5.

**Figura 5 – Fases da Pesquisa-Ação**



Fonte: elaborada pela autora, com base em Thiollent (2011)

### 3.2 UNIDADE CASO – BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DA UFSCAR

O planejamento estratégico do Sistema de Bibliotecas da UFSCar, realizado em 2018 apresentou como um de seus objetivos a implantação de novos usos para o espaço das bibliotecas da UFSCar. A Biblioteca Comunitária (BCo) *Campus* São Carlos, foi escolhida para sediar esse novo espaço, como um projeto piloto.

A BCo é integrante do Sistema de Bibliotecas da UFSCar (SIBi) junto com outras três bibliotecas: Biblioteca *Campus* Arara (B-As), Biblioteca *Campus* Lagoa do Sino (B-LS) e Biblioteca *Campus* Sorocaba (B-So). Todas as bibliotecas da UFSCar são centrais, ou seja, são únicas nos seus *campi* e atendem a comunidade acadêmica de todas as áreas do conhecimento.

A BCo é a biblioteca mais antiga da UFSCar e nasceu como Biblioteca Central na década de 1970, juntamente com o início das atividades da universidade e assim permaneceu até o ano de 1995, quando ganhou um novo prédio e uma nova concepção – ser comunitária, ou seja, atender além da comunidade acadêmica da universidade. Com isso, ela abre as portas para comunidade de São Carlos e região e passa a se chamar Biblioteca Comunitária. Este fato demonstra seu caráter inovador, uma vez que foi pioneira no Brasil. A primeira biblioteca de uma universidade federal que estendeu os seus serviços bibliotecários a alunos e professores do ensino fundamental e médio, bem como, cidadãos do município de São Carlos e região.

Outro fator relevante na escolha da BCo tem a ver com seu papel extensionista, desde 1995. Dezenas de projetos de extensão foram desenvolvidos ao longo dos anos, com o objetivo de aproximar a comunidade externa à universidade, promovendo atividades de incentivo ao livro, a leitura, a arte e cultura. Entende-se, por essa razão, que a BCo é uma das portas de entrada da universidade para a sociedade. Neste sentido, destacando seu caráter extensionista social, entendemos que ela pode ter potencial para promover a extensão voltada a ações de empreendedorismo e inovação.

Destaca-se ainda algumas ações mais recentes, desde 2016, que fizeram a BCo aumentar o número de pessoas frequentando seu espaço, de uma média de 1.200 pessoas para aproximadamente 2.500 pessoas por dia. Foram elas: melhoria da rede Wi-Fi, disponibilização de computadores com acesso à Internet, permissão para entrar com bolsas e mochilas e adequação de um espaço de convivência.

Considerando todos os fatores apresentados, escolhemos a BCo como unidade a ser estudada para implantação e proposição de um modelo de espaço de incentivo ao empreendedorismo e inovação acadêmicos.

Para contextualizar o cenário no qual a unidade caso escolhida está inserida, apresenta-se o histórico sobre a Cidade de São Carlos, localizada no centro geográfico do Estado de São Paulo e considerada a Capital Nacional da Tecnologia.

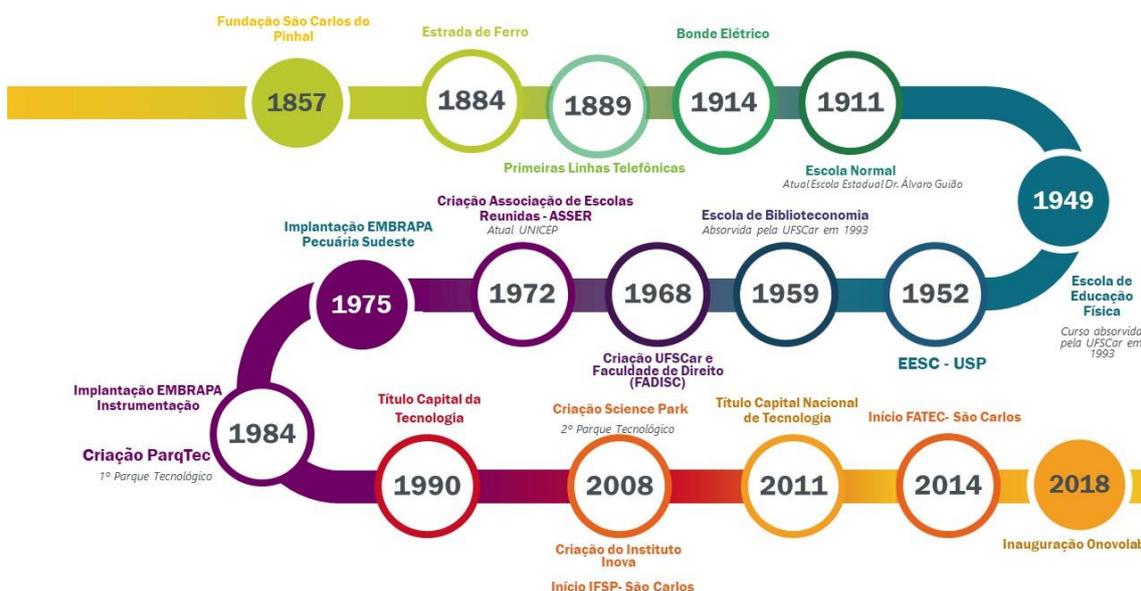
São Carlos, foi fundada em 1857 tendo como um dos responsáveis Antônio Carlos de Arruda Botelho, o Conde do Pinhal, por ter doado as terras onde foi construída a primeira capela, onde hoje encontra-se a Catedral. O potencial econômico no início, foi baseado na produção de café, tendo suas primeiras indústrias, relação com o beneficiamento dos produtos e de cereais (GUIMARÃES, 2016).

Devido a influência do Conde do Pinhal, a cidade foi a primeira da América do Sul a ter luz elétrica, teve linha telefônica antes de muitas cidades importantes, a estrada de ferro chegou em 1884 e contribui muito para o desenvolvimento da economia da região, uma vez que escoava a produção de café para o porto de Santos o que contribuiu para expansão da região central da cidade (GUIMARÃES, 2016; HISTÓRIA de São Carlos, [s.d.]

Todos esses fatores contribuíram também para que a cidade se desenvolvesse no setor educacional e cultural a datar da década de 1950, sendo denominada inicialmente como Atenas Paulista, por seu grande número de instituições educacionais (GUIMARÃES, 2016).

Pela linha do tempo é possível visualizar a evolução do desenvolvimento tecnológico e educacional de São Carlos.

**Figura 6 – Principais marcos do desenvolvimento tecnológico e educacional de São Carlos**



Fonte: elaborada pela autora com base em informações de Guimarães (2016)

De forma resumida, na área educacional, de pesquisa, empresarial e industrial, São Carlos dispõe de:

- a. Universidades Públicas: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade de São Paulo (USP);
- b. Centro Universitário Particular: Centro Universitário Central Paulista (UNICEP), criada como ASSER;
- c. Instituto Federal de São Carlos (IFSP);
- d. Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC)
- e. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA):
  - Instrumentação Agropecuária; e
  - Pecuária Sudeste.
- f. Parques Tecnológicos:
  - ParqTec;
  - Science Park
- g. Instituto Inova - entidade de direito privado sem fins lucrativos, caracterizado como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), voltada à Gestão de um Parque Tecnológico e geração e negócios;
- h. Empresas nacionais e multinacionais: Electrolux, Tecumseh, Faber-Castell, LATAM, Volkswagen, entre outras; e
- i. 112 empresas de base tecnológica (EBTs) (GUIMARÃES, 2016).

Pode-se perceber que São Carlos tem características propícias ao desenvolvimento de inovação e empreendedorismo, principalmente no que é denominado de inovação baseada em conhecimento. Etzkowitz (2013a, p. 105), destaca a importância das universidades no processo de desenvolvimento regional para inovação, pontuando que “o desenvolvimento baseado em ciência tipicamente surge das universidades e de outras instituições de pesquisa, atuando em conjunto, quer com empresas ou governos ou com ambos em torno de um foco específico.”

Neste sentido, um estudo realizado por pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade George Washington, nos Estados Unidos, publicado em 2016, apontaram que São Carlos é o polo mais denso de inovação, de acordo com a distribuição de projetos de pequenas empresas de base tecnológica

paulistas. Dentre as cidades com destaque encontra-se São Paulo, Campinas, São José dos Campos e Ribeirão Preto. Na visão dos autores do estudo, isso ocorre porque a infraestrutura da cidade com duas universidades públicas – UFSCar e USP – bem como das unidades da Embrapa, exercem um papel fundamental neste cenário (PIERRO, 2016).

Em notícia recente publicada em uma revista local, há destaque para a maior empresa de marketing digital do país, que escolheu São Carlos para ser seu QG “justamente para facilitar a captação dos talentos. Buscaram engenheiros e profissionais de exatas em instituições de referência, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).” (SANTOS, 2019, p. 24).

Considerando o fato e retomando Etzkowitz (2013a) que destaca a importância de formar empresas no lugar de atrair empresas já existentes para se transferirem, os talentos encontrados aqui, devido principalmente às duas universidades apontadas, foi uma atração para que a empresa se desenvolvesse no município. Nas palavras de Etzkowitz (2013a, p. 105): “Regiões como o Vale do Silício, Boston e Linköping, na Suécia, exemplificam a tendência em direção à formação de empresas, em vez de atrair as empresas existentes para se transferirem, como uma estratégia de desenvolvimento”.

Olhando para UFSCar, que é sede da unidade caso, cabe destacar que ela foi a primeira instituição federal de nível superior instalada no interior do Estado de São Paulo, sendo fundada em 1968. O início de suas atividades foi marcado pela oferta do curso de Licenciatura em Ciências (atualmente Ciências Biológicas) e de um curso inovador no país e na América Latina – Engenharia de Materiais.

A UFSCar possui quatro campi, indicados por suas ordens de criação, *Campus São Carlos* (1968), *Campus Araras* (1991), *Campus Sorocaba* (2005) e *Campus Lagoa do Sino* (2012).

A infraestrutura física do Campus São Carlos, no qual a BCo está instalada, é composta por:

“[...] 6.450.000 m<sup>2</sup> de área total e 188.100 m<sup>2</sup> de área construída. Possui 300 laboratórios, biblioteca, ambulatório, dois teatros, nove anfiteatros, 12 auditórios, ginásio, parque esportivo, sete quadras, duas piscinas, restaurante universitário, quatro lanchonetes, 124 salas de aula, 575 vagas internas de moradia estudantil, além do Hospital Universitário, da Unidade de Saúde-Escola e da Agência de Inovação.” (UFSCar, 2019a).

Atualmente a UFSCar oferece 64 cursos de graduação, 52 programas de pós-graduação, sendo 12 cursos de mestrado profissional, 44 cursos de mestrado acadêmico, 31 cursos de doutorado e 96 cursos de especialização. No âmbito extensão, são promovidas 1.242 Atividades de Extensão e 92 Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPEs) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2019b).

Nacionalmente a UFSCar foi classificada na 12ª posição entre as melhores universidades do Brasil pelo Ranking Universitário Folha (RUF) no ano de 2019. Já no Times Higher Education (THE) um dos principais rankings internacionais de universidades, a UFSCar aparece em 16º lugar entre mais de 100 instituições de Ensino Superior da América Latina. No Ranking de Universidade Empreendedoras (RUE) produzido pela Brasil Junior, a UFSCar aparece em 16º lugar, num total de 123 universidades.

A UFSCar possui em sua estrutura algumas unidades voltadas às questões de empreendedorismo e inovação como é o caso da Agência de Inovação e do NUEmp.

A Pró-Reitoria de Extensão (ProEx), é responsável por gerenciar as atividades de extensão da UFSCar e está comprometida em fortalecer a função da Universidade, produzir, sistematizar e difundir conhecimento, desenvolvendo suas atividades de pesquisa e ensino interligadas com as demandas dos vários segmentos da população pelas ações de extensão. A ProEx é composta por cinco coordenadorias: Coordenadoria de Atividades de Extensão (CaEx), Coordenadoria de Cursos de Extensão (CCur), Coordenadoria de Cultural (CCult), Coordenadoria de Projetos Especiais (CPEs) e Coordenadoria de Apoio a Eventos (CAEv) e seis núcleos de extensão: Núcleo de Extensão UFSCar-Cidadania (NuCid), Núcleo de Extensão UFSCar-Empresa (NUEm), Núcleo de Extensão UFSCar-Escola (NuEsc), Núcleo de Extensão UFSCar-Município (NuMun), Núcleo de Extensão UFSCar-Saúde (NuSau) e Núcleo de Extensão UFSCar-Sindicato (NuSin) (UFSCar, 2020).

A In/UFSCar, órgão vinculado à reitoria é responsável pelo tratamento das questões da Propriedade Intelectual no âmbito da universidade. Alguns indicadores da In demonstram o envolvimento da unidade no processo de empreendedorismo e inovação acadêmico: 252 depósitos de pedidos de patentes, 70 patentes concedidas, 23 patentes licenciadas, 30 registros de marca 42 extensões via PCT (UFSCar, 2019a).

Como uma ação de incentivo ao empreendedorismo e inovação, em 2018 foi promovido pela Agência de Inovação da UFSCar o Primeiro Desafio UFSCar de Inovação, no qual a BCo foi palco para algumas atividades nas diferentes etapas do Desafio. Esse evento teve como objetivo principal “levar à sociedade os avanços tecnológicos resultantes de estudos, pesquisas e ações empreendedoras” (UFSCar, 2018). Como objetivos específicos do Desafio, destacam-se: [...] Estimular a inovação tecnológica em toda a comunidade UFSCar; [...] Identificar na Universidade projetos com potencial para transferência de tecnologia; [...] Apoiar projetos de inovação, visando sua viabilização e avanço, impulsionando seus resultados e buscando recursos para que estes resultados possam beneficiar efetivamente à sociedade; [...] Disseminar a cultura da inovação e do empreendedorismo, seja na UFSCar seja na sociedade como um todo; [...] Capacitar alunos, professores, pesquisadores e funcionários da UFSCar para inovar, empreender e transformar a sociedade (UFSCar, 2018).

A UFSCar possui em sua estrutura organizacional os Núcleos de Extensão da UFSCar têm como objetivo aproximar a Universidade das empresas. E o NUEmp tem como objetivo principal estimular a interação entre a UFSCar e o setor produtivo, atuando como facilitadora do acesso das empresas à Universidade, bem como da transferência de resultados de pesquisa para a sociedade (UFSCAR, 2019c).

A UFSCar possui também desde 1994, o Núcleo de Informação Tecnológica em Materiais (NIT/Materiais), vinculado ao Departamento de Engenharia de Materiais. A equipe é multidisciplinar, formada por profissionais nas áreas de Ciência da Informação, Computação, Engenharia de Produção e Engenharia de Materiais. A atuação do NIT/Materiais, abrange a realização de estudos prospectivos e de inteligência tecnológica, esclarecimentos técnicos, organização de eventos e capacitação de recursos humanos. Para suporte a suas atividades, pesquisa e desenvolve metodologias de prospecção tecnológica e inteligência competitiva (NIT, 2020).

Nesta sucinta descrição da UFSCar e de algumas ações que vem sendo desenvolvidas, percebe-se algumas características da Universidade Empreendedora: presença da Agência de Inovação, ações para estimular a cultura de empreendedorismo e inovação na comunidade acadêmica, como foi o caso do Primeiro Desafio UFSCar de Empreendedorismo e Inovação.

### 3.3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Apresentam-se as ações realizadas nas fases da pesquisa e as atividades que foram desenvolvidas em cada uma delas.

A **Fase 1, Exploratória** consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas, ou seja, fazer um diagnóstico da situação. Para isso são destacadas algumas orientações para nortear a realização desta etapa: Orientação 1: disponibilidade de pesquisadores; Orientação 2: viabilidade da intervenção junto ao meio que irá acontecer; Orientação 3: levantamento de informações para elaboração do diagnóstico; Orientação 4: levantamento de informações para elaboração do diagnóstico (THIOLLENT, 2011).

Esta fase da pesquisa se deu por meio de algumas reuniões com a Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar (SIBi/UFSCar) e Diretoria da BCo para definir a participação da pesquisadora (autora desta dissertação), bem como de esclarecer sobre a escolha da Unidade caso, a Biblioteca Comunitária da UFSCar.

Foram realizadas ainda, reuniões com membros da Agência de Inovação (AIn) e NUEmp e duas ações foram desenvolvidas:

- a) Ação 1: foi explorado o campo de pesquisa, os possíveis interessados e parceiros, bem como foi feita a sondagem das expectativas. A identificação dos parceiros pode ser visualizada na Figura 8 – Parcerias para implantação da Starteca.
- b) Ação 2: foi realizado o diagnóstico da situação e para isso seguiu-se as três orientações proposta por Thiollent (2011): 1) verificou-se e confirmou-se a disponibilidade do pesquisador; 2) confirmou-se a viabilidade da intervenção junto ao meio que a pesquisa aconteceu, a Biblioteca Comunitária da UFSCar; e 3) levantou-se informações para o diagnóstico da situação no momento inicial da pesquisa. Essas informações foram coletadas nas reuniões.

A **Fase 2**, denominada **Tema da Pesquisa** é caracterizada pela indicação do problema prático e da área de conhecimento a serem abordados. Definido o tema, este será o termo chave para levantamento e seleção de referencial teórico para exploração do assunto (THIOLLENT, 2011).

O tema da pesquisa foi definido entre a pesquisadora e o orientador, sendo apresentado em reuniões/seminários aos participantes, constituídos por membros da AIn/UFSCar, NUEmp/UFSCar e Liga de Empreendedorismo de São Carlos (LESC).

Levando em consideração que o tema da pesquisa é a indicação do problema prático e da área do conhecimento a ser abordado e que o mesmo será utilizado como termos-chave para o levantamento bibliográfico e seleção do referencial teórico, ficou estabelecido que o tema seria “investigar a participação da Biblioteca Universitária na constituição da universidade empreendedora, propondo a implantação de um espaço de incentivo ao empreendedorismo e inovação na Biblioteca Universitária”.

O levantamento bibliográfico e seleção do referencial teórico foi realizado nas bases de dados: Library and Information Science Abstracts (LISA), EMERALD, SCOPUS e Web of Science, utilizando-se as palavras-chave: biblioteca - biblioteca universitária - universidade empreendedora - empreendedorismo e inovação.

O levantamento bibliográfico permitiu identificar recursos informacionais como livros, artigos de periódicos, relatórios, teses e dissertações que auxiliaram na compreensão dos temas abordados, bem como na análise dos resultados.

A **Fase 3 Colocação dos problemas** é o momento de definição da problemática que levou ao desenvolvimento da pesquisa. Identificam-se quais os problemas pretendem-se resolver com base na investigação. Nessa etapa, são propostas algumas subáreas: a) Análise e delimitação da situação inicial; b) Delineamento da situação final, em função de critérios de desejabilidade e factibilidade; c) Identificação de todos os problemas a serem resolvidos para permitir a passagem de (a) para (b); d) Planejamento das ações correspondentes: a partir das etapas a), b) e c) foi possível delinear um plano de ações para implementar as atividades a serem executadas; e) Execução e avaliação das ações. (THIOLLENT, 2011)

Nesta etapa, foram realizadas atividades de acordo com as subáreas propostas, conforme descrição abaixo:

- a) **Análise e delimitação da situação inicial** – ocorreu com o início da investigação da situação atual na qual se encontrava a unidade caso e as unidades participantes da pesquisa. Essa análise foi baseada em reuniões com as unidades organizacionais, especialmente as envolvidas com inovação, AIn, NUEmp, LESC,

SIBi e BCo. Um dos pontos de destaque foi a identificação de ações de incentivo ao empreendedorismo e inovação de forma isolada pelas unidades;

- b) **Delineamento da situação final**, foi definido que o resultado desejado é a implantação de um espaço de incentivo ao empreendedorismo e inovação para Bibliotecas Universitárias, permitindo a aproximação e parceria entre as unidades destacadas, desenvolvimento de ações que auxiliem a universidade a desenvolver a cultura de empreendedorismo, despertar o interesse pelo empreendedorismo e inovação nos docentes, discentes, técnicos-administrativos e aproximar a universidade do ecossistema de inovação da cidade.
- c) **Identificação de todos os problemas a serem resolvidos** - essa etapa aconteceu a partir da definição dos objetivos a serem alcançados com o estabelecimento de um espaço de incentivo ao empreendedorismo e inovação na Biblioteca Universitária. Os problemas identificados foram:
- Necessidade de incentivar o empreendedorismo e a inovação na universidade;
  - Necessidade de aproximar unidades organizacionais da Universidades que trabalham com empreendedorismo e inovação como é o caso da Agência de Inovação, bem como do Núcleo UFSCar-Empresa;
  - Aumentar visibilidade de unidades que tem objetivos em comum como é o caso da AIn e NUEmp;
  - Agregar valor para Biblioteca Universitária (BU) e para os bibliotecários;
  - Valorizar os serviços oferecidos pela BU e pela AIn.

Com a identificação dos problemas, foi possível definir a problemática: aproximar as unidades envolvidas com empreendedorismo e inovação na Universidade, buscando incentivar o empreendedorismo acadêmico, rumo a universidade empreendedora.

- d) **Planejamento das ações correspondentes**: com base nas etapas a), b) e c) foi possível delinear um plano de ações para implementar as atividades a serem executadas. O plano de ações pode ser visualizado na Seção 5 – Figura 7;

e) **Execução e avaliação das ações:** foram realizadas e avaliadas as ações planejadas sendo que o resultado foi a própria implantação do espaço e as atividades nele desenvolvidos.

A **Fase 4 - Lugar da Teoria** é a construção de uma base teórica que forneça embasamento para a pesquisa. “O papel da teoria consiste em gerar ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações”. (THIOLLENT, 2011, p. 64).

Essa fase ocorreu concomitantemente com as demais, visto que a todo momento se recorreu ao referencial teórico para planejamento, execução, avaliação das ações ao longo do processo de pesquisa.

A **Fase 5** é o momento de definir as **Hipóteses** da pesquisa. Na pesquisa-ação a determinação de hipóteses não é rígida, mas também não deve ser excluída. Devem ser elaboradas como forma de nortear a investigação (THIOLLENT, 2011).

Sendo assim, utilizou-se como hipótese norteadora da pesquisa que a Biblioteca Universitária pode ser uma unidade organizacional ativa da universidade, no desenvolvimento da cultura empreendedora e de inovação no meio acadêmico, contribuindo para a universidade empreendedora.

Ao final da pesquisa, nas Considerações Finais deste relatório, faz-se uma reflexão sobre a hipótese indicada.

A **Fase 6 Seminário**, consiste em reunir pesquisadores e membros participantes para examinar, discutir e tomar decisões acerca do processo de investigação. Materiais são produzidos a partir destes seminários, sendo eles de natureza teórica, de natureza empírica, de material de divulgação ou até mesmo didático ou informativo (THIOLLENT, 2011).

No âmbito desta pesquisa foram denominadas reuniões de trabalho, uma vez que os participantes da pesquisa não eram em grande quantidade. As reuniões tiveram como objetivo discutir e construir a proposta de implantação do espaço de incentivo ao empreendedorismo e inovação na BU, considerando a importância dessa construção coletiva, tanto para a pesquisa, como para a concepção do próprio espaço. Foram realizadas sete reuniões ao longo do processo de investigação.

O Quadro 5 relaciona as tarefas realizadas e as atividades de campo realizadas durante essa fase da pesquisa.

**Quadro 5 – Tarefas realizadas na pesquisa**

Tarefa	Observação de Campo
1 Definição do Tema	O tema da pesquisa foi definido pelo pesquisador e orientador, sendo aprimorado a partir da realização das reuniões. Como já mencionado o tema da pesquisa foi definido como “propor a implantação de um espaço de incentivo ao empreendedorismo e inovação na Biblioteca Universitária”.
2 Elaboração da Problemática	A colocação dos problemas foi concebida em parceria com os participantes da pesquisa a partir das reuniões e da percepção de cada um em relação a temática. Diante dos problemas identificados, foi possível definir a problemática que foi aproximar as unidades envolvidas com empreendedorismo e inovação na Universidade buscando incentivar o empreendedorismo acadêmico, rumo a universidade empreendedora.
Preparação e formação da equipe	A equipe de participantes foi definida a partir das primeiras reuniões e do estabelecimento das parcerias.
3 Centralização das informações	As informações foram centralizadas pelo pesquisador.
4 Elaborar as interpretações	As informações foram interpretadas basicamente pelo pesquisador com base nas conversas e discussões realizadas nas reuniões, ou seja, contaram com a contribuição dos participantes da pesquisa.
5 Buscar soluções	A maioria das soluções foi realizada em parceria com os participantes da pesquisa. Outras foram elaboradas pelo pesquisador e orientador.
6 Definir ações	A definição das ações foi concebida nas reuniões, com a colaboração dos participantes. As ações podem ser visualizadas na Figura 7.
Acompanhamento e avaliação das ações	As ações foram acompanhadas pelo pesquisador juntamente com os participantes da pesquisa e a avaliação dessas ações se deu por meio das reuniões e das ações de implantação do espaço da Starteca.
Divulgação dos resultados	A divulgação foi feita durante todo o período da pesquisa para os participantes e também foram divulgados resultados parciais em eventos e submissão de artigo, que foi aceito e está no prelo. Parte da divulgação parcial dos resultados pode ser visualizada no Quadro 10.

**Fonte:** elaborado pelo autor.

A **Fase 7, Campo de observação, amostragem e representatividade**, concerne na delimitação do campo de observação da pesquisa empírica e indica as possibilidades para diferentes tamanhos de campo a serem observados (THIOLENT, 2011).

Na **Fase 8** denominada **Coleta de dados** deve-se apontar os tipos de coleta de dados que podem ser realizados: entrevistas individuais ou coletivas, questionários, observação participante, diários de campo e histórias de vida (THIOLENT, 2011).

A coleta de dados foi feita ao longo das reuniões de trabalho, em conversas informais com membros participantes das pesquisas. Outra forma de coleta de dados utilizada foi através da revisão da literatura e participação em eventos.

A Fase 9, **Aprendizagem** é caracterizada pela capacidade de aprendizagem associada ao processo de investigação, sendo considerada uma fase relevante da pesquisa-ação. Permite construir conhecimento e transmiti-lo por meio do próprio processo de investigação. É uma das fases mais importantes da pesquisa, já que permite construir o conhecimento alicerçado nas leituras realizadas, do próprio processo de construção da pesquisa, bem como do contato direto com os participantes (THIOLENT, 2011).

Por se caracterizar como uma pesquisa que permite a participação ativa e constante do pesquisador em todas as fases do processo, com os participantes e com o objeto de estudo, a construção do conhecimento se deu mediante as reuniões de trabalho, das trocas de experiências e vivências com todos os participantes da pesquisa.

Na **Fase 10, Saber formal e saber informal** é importante conseguir equilibrar o saber formal (atribuído ao pesquisador) e o saber informal (atribuído aos membros participantes). Deve-se ter cuidado, para que o pesquisador não tenha atitudes arrogantes, considerando o seu conhecimento mais importante (THIOLENT, 2011).

Nesta fase o pesquisador teve o cuidado de ouvir os participantes da pesquisa, que apresentavam contribuições constantemente, na maioria das vezes contribuições advindas de uma área do conhecimento que extrapolava a própria área de conhecimento do pesquisador, bem como de vivências e experiências práticas, desses participantes. Em contrapartida, a pesquisadora teve o cuidado de colocar o seu ponto de vista e suas contribuições fundamentadas na sua área do conhecimento, tornando uma troca de experiência rica.

Na Fase 11, **Plano de Ação** é elaborado o plano que fornece a estrutura para realização da investigação com o método da pesquisa-ação. Definiu-se quem seriam os responsáveis pela intervenção, como eles se relacionariam, a quem pertencia as decisões, quais as metas ou objetivos e os critérios para avaliá-los, formas de dar continuidade mesmo com dificuldade, garantir a participação dos membros e agregar suas sugestões e, por fim, como administrar as atividades e avaliar os resultados.

O plano de ação foi definido com base nas Fases 1 - Exploratória, 2 - Tema de Pesquisa e 3 - Colocação dos problemas e pode ser visualizado na Seção 5 – Figura 7.

A última Fase 12, **Divulgação Externa** é o momento de apresentar os resultados obtidos tanto interna como externamente ao ambiente que foi alvo da pesquisa.

A pesquisa foi apresentada parcialmente, em forma de resumo expandido, no XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ENANCIB). Outro recorte da pesquisa gerou um artigo que foi submetido para uma revista da área de Ciência da Informação, sendo aceito para publicação em 2019.

Com a inauguração da Starteca, o projeto foi apresentado tanto internamente para comunidade acadêmica, como na mídia externa, possibilitando que a comunidade de São Carlos e região tomasse conhecimento do projeto.

É possível perceber que a divulgação externa, ainda que de forma tímida, tem alcançado resultados satisfatórios, uma vez que tem havido procura pela utilização do espaço, bem como de outras instituições fazerem contato para conhecer o projeto.

O Quadro 6 a seguir apresenta de forma sucinta as ações realizadas em cada fase da pesquisa-ação e os participantes envolvidos.

**Quadro 6 – Síntese das Fases, Ações e Participantes da Pesquisa**

Fase	Ações	Participantes
Fase exploratória	<p><b>Ação 1:</b> exploração do campo de pesquisa, identificação de possíveis interessados e parceiros e sondagem das expectativas.</p> <p><b>Ação 2:</b> diagnóstico da situação seguindo as três orientações proposta por Thiollent (2011): 1) a disponibilidade de pesquisadores; 2) a viabilidade da intervenção junto ao meio que irá acontecer; e 3) o levantamento de informações para elaboração do diagnóstico.</p>	Pesquisador, Orientador e Membros Participantes <sup>3</sup>

<sup>3</sup> Participantes da Pesquisa: Diretoria do SIBi, Diretoria da BCo, Membros da Agência de Inovação da UFSCar, Membro do Núcleo UFSCar-Empresa, Membros da Liga de Empreendedorismo de São Carlos.

Tema da pesquisa	<b>Ação 3:</b> definição do tema da pesquisa: “a participação ativa da Biblioteca Universitária na constituição da universidade empreendedora”. <b>Ação 4:</b> termos chave para levantamento bibliográfico: Biblioteca, Biblioteca Universitária, universidade empreendedora, empreendedorismo e inovação.	Pesquisador e Orientador
Colocação dos problemas	<b>Ação 5:</b> Definição dos problemas a serem solucionados com a pesquisa: <ul style="list-style-type: none"> <li>. Necessidade de incentivar a cultura de empreendedorismo e a inovação na universidade;</li> <li>. aproximar unidades organizacionais da Universidades que trabalham com empreendedorismo e inovação como (NIT) ou Agências de Inovação, Núcleos de Empreendedorismo (UFSCar-Empresa);</li> <li>. Aumentar visibilidade dessas unidades</li> <li>. Agregar valor para Biblioteca Universitária (BU) e para os bibliotecários;</li> <li>. Valorizar os serviços oferecidos pelas BU e pelos Núcleos de Inovação Tecnológica (NIT);</li> </ul>	Pesquisador, Orientador e Participantes.
Lugar da teoria	<b>Ação 6:</b> Construção do referencial teórico e utilização do mesmo nas diversas fases da pesquisa	Pesquisador
Hipóteses	<b>Ação 6:</b> Definição da hipótese: “a Biblioteca Universitária pode ser uma unidade organizacional ativa da universidade, no desenvolvimento da cultura empreendedora e de inovação no meio acadêmico, contribuindo para a universidade empreendedora”	Pesquisador, Orientador e Participantes
Seminário	<b>Ação 7:</b> realização de sete reuniões de trabalho	Pesquisador, Orientador e Participantes
Campo de observação, amostragem e representatividade	<b>Ação 8:</b> campo de observação pequeno, sem necessidade de definir porcentagem e amostragem.	Pesquisador
Coleta de dados	<b>Ação 9:</b> coleta de dados realizada nas reuniões de trabalho, levantamento bibliográficos, conversas informais com membros participantes.	Pesquisador
Aprendizagem	<b>Ação 9:</b> construção do conhecimento por meio das reuniões de trabalho, das trocas de experiências e vivências.	Pesquisador, Orientador e Participantes
Saber formal e saber informal	<b>Ação 10:</b> troca de informações e conhecimento respeitando cada um dos membros participantes e expondo pontos de vista a partir da experiência e leituras do pesquisador.	Pesquisador, Orientador e Participantes
Plano de Ação	<b>Ação 11:</b> definição do plano de ação para as etapas da pesquisa e para constituição do espaço.	
Divulgação	<b>Ação 12:</b> publicação de artigos em periódicos, apresentação em eventos, palestras, disponibilização da dissertação no Repositório Institucional (RI-UFSCar)	

Fonte: elaborado pela autora.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Retomando o objetivo geral desta pesquisa, que compreende propor a implantação de um espaço na Biblioteca Universitária de incentivo ao empreendedorismo e a inovação, e com base nos princípios da pesquisa-ação que propõem doze etapas de acordo com Thiollent (2011), foi possível conceber um modelo para implantação desse espaço na unidade caso.

Denominado Starteca, esse ambiente foi implantado na Biblioteca Comunitária da UFSCar, no Campus São Carlos. Para tanto, mediante o desenvolvimento da pesquisa foi possível evidenciar dois estágios distintos, a Gestão para a implantação e Gestão da Starteca.

### 4.1 PLANEJAMENTO PARA A IMPLANTAÇÃO DA STARTECA

A ideia inicial surgiu pela inquietação do Prof. Dr. Roniberto Morato do Amara<sup>4</sup>, orientador desta pesquisa, a respeito do papel das bibliotecas universitária e da atuação dos bibliotecários, frente aos novos desafios apresentados no contexto de atuação das universidades. Por entender que poderia haver uma aproximação e conseqüentemente uma parceria entre unidades organizacionais da universidade no desenvolvimento de serviços em prol do empreendedorismo e inovação, começa-se a pensar esta pesquisa.

Assim, a partir de um projeto de dissertação, que teve como foco principal, investigar ambientes de *coworking* em bibliotecas universitárias como uma forma de incentivo ao empreendedorismo e a inovação no contexto acadêmico, percebeu-se que esses ambientes poderiam ser formas de incentivo, e ainda, que outras unidades organizacionais agregadas, poderiam transformar a Biblioteca Universitária em um agente ativo no processo rumo a universidade empreendedora.

Nessa direção, o artigo da American Library Association (2018) apresenta exemplos de sucesso de *coworking* comerciais e no final faz uma relação com as bibliotecas, destacando principalmente a possibilidade de repensarem seus espaços e criarem esse tipo de ambiente. O artigo levanta ainda, uma questão importante para ser pensada: os espaços *coworking* não devem ser vistos apenas como espaços físicos,

---

<sup>4</sup> Diretor do SIBi/UFSCar, docente do Departamento de Ciência da Informação da mesma instituição.

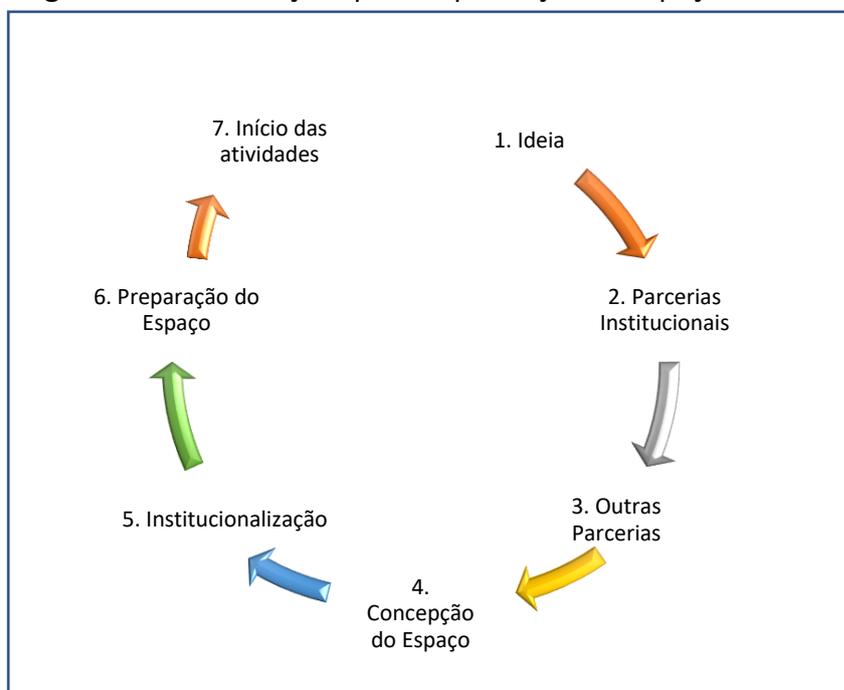
devendo ter como um dos objetivos principais, a socialização e a facilitação para a conexão entre as pessoas. Para que isso aconteça é necessário ter uma equipe capaz de facilitar essa conexão, por meio de conversas, realização de eventos entre outras.

Corroborando com a questão do espaço não oferecer apenas infraestrutura física, o artigo de Bieraugel e Neill (2017) aponta que alguns estudos destacam a importância da Biblioteca Universitária como um ambiente que proporciona à comunidade, um espaço que estimule a criatividade e a inovação, mas poucos destacam a importância dos recursos informacionais e dos bibliotecários como agentes que podem contribuir oferecendo serviços e atuando como mediadores no acesso à informação científica e tecnológica.

Com isso em mente, buscou-se identificar parcerias que permitissem compor um espaço e uma equipe com essas características, considerando agregar serviços profissionais especializados.

A partir das reuniões realizadas com os membros participantes da pesquisa, foi possível traçar um plano de ações para implantação do espaço, conforme Figura 7.

**Figura 7 – Ciclo de Ações para Implantação do Espaço**



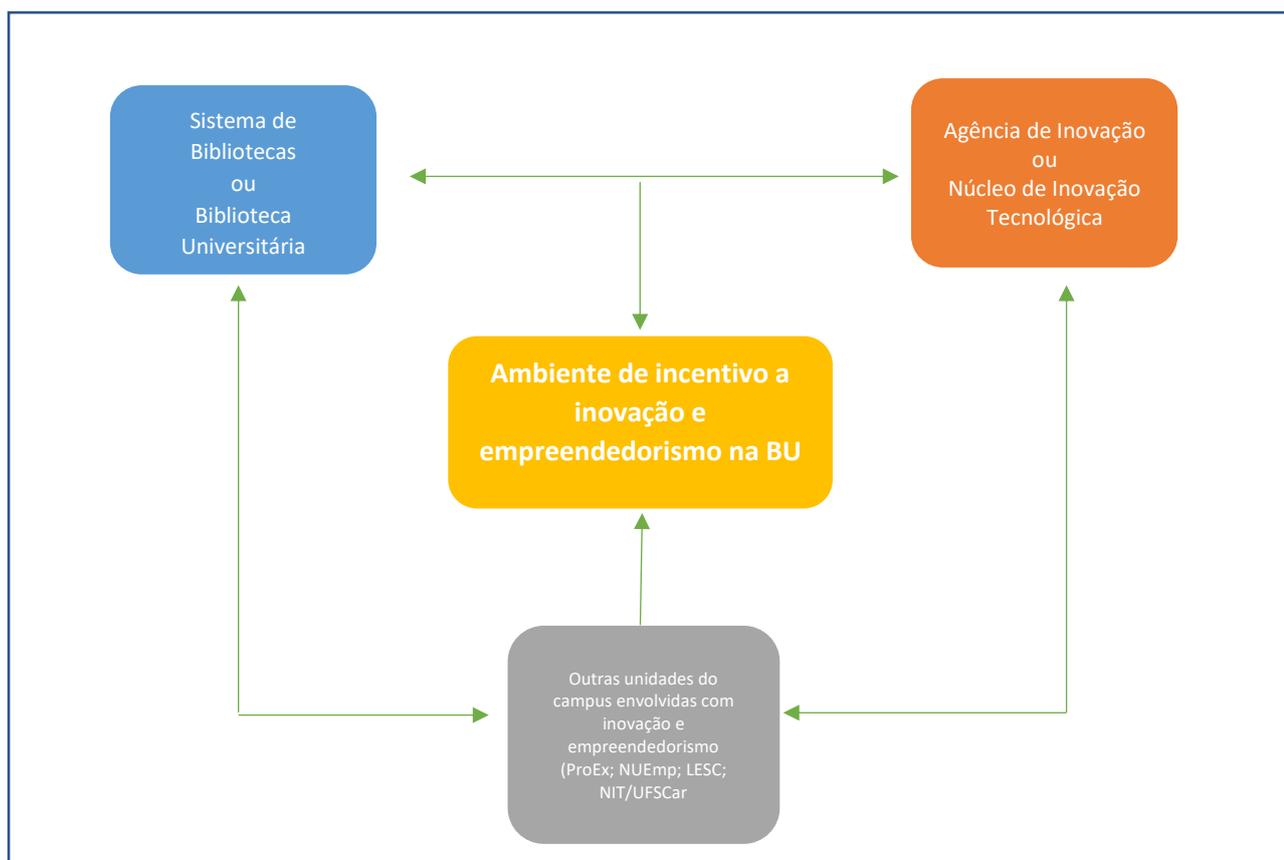
Fonte: Elaborada pela autora.

O Ciclo de Ações para a implantação do Espaço, propõe sete macro ações, elaboradas com base nas fases da pesquisa-ação, conforme descrição na seção Método e Desenvolvimento da Pesquisa.

A Ação 1 do Ciclo – Ideia, foi consolidada na Fase Exploratória da pesquisa-ação, mediante as reuniões realizadas. Com a **Ideia** esboçada – conforme mencionada anteriormente - e entendendo que um espaço que pretende incentivar o empreendedorismo e a inovação na universidade deve reunir as unidades institucionais que trabalham com o mesmo objetivo, buscou-se aproximação com a Agência de Inovação (Núcleo de Inovação Tecnológica da UFSCar), Núcleo UFSCar-Empresa, Pró-Reitoria de Extensão e com o Núcleo de Informação Tecnológica em Materiais (NIT/UFSCar).

É importante destacar uma figura importante neste processo, que é o agenciador – responsável por levar a ideia do projeto, buscar parcerias e recursos necessários para a implantação e manutenção do espaço. No caso da Starteca, entendemos que há alguns agenciadores como, docentes e técnicos-administrativos envolvidos no projeto.

Diante desses primeiros contatos, foi possível estabelecer um modelo representativo das parcerias para o estabelecimento da Starteca conforme Figura 8.

**Figura 8 - Parcerias para Implantação Starteca**

**Fonte:** elaborada pela autora.

O modelo externaliza a formação das parcerias entre as unidades envolvidas com o empreendedorismo e a inovação na universidade, que poderiam contribuir para implantação do espaço, busca de novas parcerias e sensibilização da comunidade acadêmica através de ações que promovam a cultura empreendedora na universidade. Além disso, estas unidades têm a capacidade de articular e aproximar a instituição do ecossistema de inovação do município.

A Ação 2 do Ciclo – Parcerias Institucionais - associada às atividades das Fases Exploratória, Tema da Pesquisa e Colocação dos Problemas, foram realizadas reuniões para explorar o campo da pesquisa, definir o tema e identificar os problemas a serem resolvidos. Para fomentar as **Parcerias Institucionais** foi realizado contato com o Diretor da Agência de Inovação da UFSCar (AIn/UFSCar), para sensibilização sobre o tema e apresentação da proposta. Nesta fase, identificou-se o Núcleo de UFSCar-Empresa (NUEmp) como potencial parceiro.

Uma primeira reunião foi realizada com membros do SIBi, BCo, AIn e NuEmp da UFSCar e foi unânime o entendimento sobre a necessidade da articulação entre essas unidades, em prol da realização de ações de incentivo ao empreendedorismo e

inovação, uma vez que, foram identificadas ações isoladas das unidades e essa aproximação representaria um ganho para a comunidade acadêmica em geral. Nesta reunião também se identificou como possível parceiro a Liga de Empreendedorismo de São Carlos (LESC) e Empresas Júniores da UFSCar<sup>5</sup>.

A Liga de Empreendedorismo São Carlos (LESC) é um grupo de extensão da UFSCar e USP que tem como objetivo promover o empreendedorismo nessas universidades e na cidade. Dentre as ações que o grupo realiza, estão: cursos, palestras, pré-aceleração, competições, criação de startups e ações para a comunidade. Atualmente o grupo tem aproximadamente 40 membros, sendo esses, alunos da UFSCar, da Universidade de São Paulo (USP), da Faculdade de Tecnologia (FATEC) de São Carlos e membros que já se formaram.

A Ação 3 do Ciclo – Outras Parcerias, da mesma forma que a ação anterior, está associada as Fases Exploratória, Tema da Pesquisa e Colocação dos Problemas. Estabelecidas as parcerias internas, buscou-se identificar **Outras Parcerias** e para isso, foram realizadas conversas com membros do ecossistema de inovação de São Carlos, identificados em reuniões anteriores. Foi possível reunir representantes do Onovolab<sup>6</sup>, ex-aluno da UFSCar e cofundador de startup no Sanca Hub<sup>7</sup> e alunos de graduação envolvidos em Empresas Júniores da universidade. Nesse encontro, apresentou-se a ideia do espaço de empreender e inovar na Biblioteca Universitária. Com base em um *brainstorm* e trocas de informação e experiências nessa reunião, foi possível definir a concepção do espaço e determinar o seu nome – Starteca - um mix de pré *startup* com biblioteca.

A Ação do Ciclo – 4 Concepção, desenvolveu-se por meio de reuniões e é possível associá-la as Fases Exploratória, Tema da Pesquisa, Colocação dos Problemas, Lugar da Teoria, Construção do Saber e Saber Formal e Informal. A **Concepção** do espaço foi desenhada considerando a contribuição de todas as representações das unidades parceiras, tanto internas quanto externas à universidade.

---

<sup>5</sup> A UFSCar possui 24 empresas-júniores, sendo dezessete no *Campus* São Carlos, seis no *Campus* Sorocaba e uma no *Campus* Araras. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2019b)

<sup>6</sup> ONOVOLAB é um ecossistema de inovação na cidade de São Carlos, que conecta quem procura com quem produz inovação. Disponibiliza ambientes coworking, realização de eventos, abrigam empresas e startups.

<sup>7</sup> Nome dado ao Ecossistema de Inovação e Tecnologia de São Carlos.

Desde o início das discussões, alguns pontos foram destacados e considerados como norteadores:

- a) Pensar na utilização do espaço físico já disponível e dos mobiliários e equipamentos já existentes. Uma das colocações de um dos membros participantes foi apontar o cuidado para não descaracterizar o ambiente da universidade. O mesmo destacou que no Massachusetts Institute of Technology (MIT) um dos lugares que mais geraram inovação e contribuíram para que o Vale do Silício se tornasse o que é hoje, foi um galpão construído na época da guerra. Considerando isso, Graham (2006) afirma que não adianta construir prédios para empresas de tecnologia, pois isso não lhe dará um Vale do Silício, mesmo porque a cultura é outra e isso deve ser respeitado. As *startups* nascem geralmente em apartamentos ou repúblicas, não é um prédio que fará nascer uma empresa. Cada região, cada organização tem sua atmosfera própria. O ambiente contribui, mas tem que se considerar e respeitar a cultura do local;
- b) outro ponto importante para concepção do espaço, foi a preocupação em criar um ambiente que as pessoas se apropriassem dos espaços, se sentissem parte dele e para isso, escutar efetivamente os usuários, suas necessidades, desejos e questionamentos foi fundamental no planejamento do espaço;

Dentre todo o cenário apresentado até aqui, a Starteca pretende:

“Ser um espaço com princípios de *coworking* dentro da BCo, com a finalidade de incentivar ações de empreendedorismo e inovação na Universidade. Neste espaço os usuários poderão desfrutar de um ambiente propício para desenvolverem suas habilidades de imaginação, resultando assim em criação, inovação e empreendedorismo no meio acadêmico. Além do espaço, serviços especializados de informação serão oferecidos por bibliotecários e profissionais da Agência de Inovação e do Núcleo UFSCar-Empresa. Pretende-se reunir Empresas Juniores, pré-startups, alunos, docentes, pesquisadores e interessados em inovação e empreendedorismo, além de facilitar a aproximação da comunidade acadêmica com empreendedores, empresas e comércio.

Será um espaço de networking, colaboração, compartilhamento, integração, troca de informações e fomento a inovação.”

Algumas características apontadas por Clark (1998) ressaltam a necessidade de se criar uma estrutura de gestão que estimule a proatividades e o comportamento empreendedor, bem como deve haver um esforço institucional para transformar valores e crenças; criação de um panorama favorável a nova forma de pensar a universidade, que com o tempo possa ser integrado e compartilhado com a comunidade acadêmica. Para (ETZKOWITZ, 2003), deve ser desenvolver um *ethos* empreendedor entre administradores, corpo docente e estudantes.

Assim, é possível intuir que esse ambiente de inovação e empreendedorismo na Biblioteca Universitária, pode contribuir para o desenvolvimento dessa nova cultura na universidade. Segundo Gardner, Napier e Carpenter (2013) as bibliotecas podem transcender o seu papel tradicional, para um papel mais participativo na vida acadêmica e contribuir de forma ativa na missão universidade empreendedora. Com isso, as demais unidades, também se beneficiariam, ganhando mais visibilidade ao concentrar os serviços em um único lugar, na Biblioteca Universitária, que é um espaço interdisciplinar na universidade.

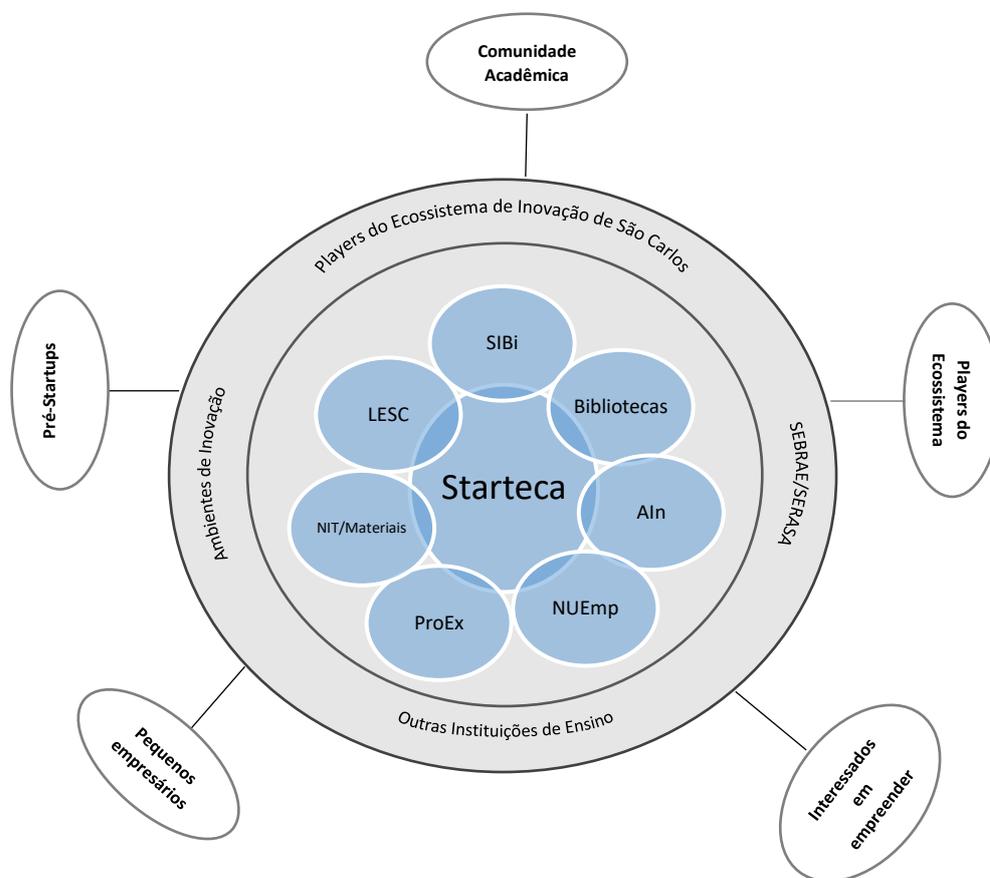
Para sintetizar a concepção da Starteca, foi elaborada a Figura 9 que representa uma visão sistêmica, destacando as parcerias já estabelecidas e as potenciais parcerias, tanto internas como externas, para implantação e funcionamento da Starteca, bem como os potenciais clientes:

- a) Parceiros Internos: Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBi), Bibliotecas, Agência de Inovação (AIn), Núcleo UFSCar-Empresa (NUEmp), Pró-Reitoria de Extensão e Liga de Empreendedorismo de São Carlos (LESC).
- b) Parcerias externas: players do ecossistema de inovação de São Carlos, ambientes de inovação, SEBRAE e SERASA, outras instituições de ensino.

Já os clientes do espaço, podem ser caracterizados como:

- a) Comunidade acadêmica: servidores docentes, alunos de graduação e pós-graduação, servidores técnicos, pesquisadores, empresas juniores;
- b) *Players* do ecossistema de inovação de São Carlos;
- c) Ambientes de Inovação da cidade;
- d) Pequenos empreendedores: pessoas que já tem um pequeno negócio;
- e) Pré-startups: pessoas ou grupos que já tem alguma ideia e precisam de apoio para desenvolvê-la.

**Figura 9 – Visão sistêmica da Starteca**



Fonte: elaborada pela autora.

O nome para o espaço - Starteca, uma junção de Startup com Biblioteca, surgiu em uma conversa entre o CEO do ONOVOLAB Anderson Criativo, com um membro da Aln, antes mesmo das reuniões acontecerem. O nome foi levado ao grupo e por unanimidade, optou-se por utilizá-lo.

Definida a concepção e o nome do espaço, passou-se a pensar na marca que foi criada pelo servidor técnico Matheus Mazini Ramos, Programador Visual da Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) da UFSCar, com base nas informações e reuniões realizadas para concepção da marca.

**Figura 10** - Logomarca da Starteca



Fonte: Matheus Mazini Ramos

Uma fase muito importante no processo de planejamento e implantação do espaço, foi a **Institucionalização** da Starteca. Uma das formas encontradas para que isso acontecesse, foi a elaboração de um Projeto de Extensão (ANEXO A) – submetido a Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar através do ProExWeb<sup>8</sup>. Essa Ação do Ciclo – 5 Institucionalização é o resultado das Fases Exploratória, Tema da Pesquisa, Colocação dos Problemas, Lugar da Teoria, Seminários, Aprendizagem, Saber Formal e Saber Informal, Divulgação.

O projeto foi criado pelo SIBi com a colaboração da AIn e NUEmp, tendo com o objetivo geral implementar a iniciativa nas demais bibliotecas universitárias, visando contribuir para a atuação da UFSCar como universidade empreendedora, através da disponibilidade de infraestrutura e serviços de informação, que potencializem o sucesso das iniciativas em inovação e empreendedorismo na instituição. Foi definida a equipe de trabalho, delineados potenciais serviços a serem disponibilizados, considerando as atribuições e competências organizacionais das unidades que integram a iniciativa. O

---

<sup>8</sup> Sistema automatizado de gestão das atividades de extensão da Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar

Quadro 7 descreve os potenciais serviços a serem ofertados pela Starteca, através das unidades parcerias.

**Quadro 7 –Lista de Serviços**

<b>Biblioteca</b>	<b>Gestão de eventos</b>
	Acesso à Informação Científica e Tecnológica
	Estudos métricos
<b>NIT/Materiais</b>	Capacitação para Competência Informacional
	Inteligência Competitiva
<b>Agência de Inovação</b>	Prospecção Tecnológica
	Modelos de negócios
	Validação de negócios
	Propriedade intelectual / patentes
	Inovação tecnológica
	Licenciamento e transferência de tecnologias
	Formas de apoio financeiro, fontes de financiamento, como FAPESP, FINEP, Desenvolve SP, Sebrae o Planos de negócio
	Comunicação / jornalismo
	Apresentações e seminários de busca de patentes, patentes, marcas, cultivares, etc.
	Projetos PIPE (FAPESP)
	Promoção de desafios, <i>hackatons</i> e seminários / palestras
<b>Núcleo UFSCar-Empresa</b>	Divulgação e comunicação da STARTECA na mídia/redes sociais
	Assessoria institucional para a implementação de grupos empreendedores, tais como empresa júnior e empreendedorismo social (ex. Enactus)
	Interlocução entre esses grupos e a comunidade universitária, com departamentos e centros acadêmicos
	Apoio com espaço físico o início das atividades desses grupos empreendedores, caso haja limitação de espaço em seus cursos (ou setores) de origem, sendo delimitado o tempo de uso deste espaço
	Encontros entre discentes e docentes para fins de orientação de projetos

Fonte: elaborada pela autora com base no Projeto de Extensão Starteca (AMARAL, 2019)

Com o mecanismo de institucionalização da Starteca, através da ProEx, é possível viabilizar a entrada de recursos financeiros, de mobiliário e equipamentos, caso venham acontecer.

Através da elaboração do projeto de extensão, constituiu-se a equipe de trabalho da Starteca, que atualmente é formada por uma bibliotecária da BCo UFSCar, uma Assistente em Administração da Agência de Inovação, tendo suporte de três docentes: um docente do Departamento de Ciência da Informação e atual Diretor do Sistema de Bibliotecas da UFSCar, um docente do Departamento de Computação, atual Diretor da AIn e uma docente do Departamento de Tecnologia Agroindustrial e Socioeconomia Rural e coordenadora do NUEmp. A constituição de uma equipe multidisciplinar é importante para garantir suporte a todas as atividades desenvolvidas na Starteca, sejam elas administrativas ou de atendimento às demandas dos clientes. Além disso, contribuiu para aproximar pessoas de diferentes áreas, com diferentes experiências, o que é muito positivo neste tipo de ambiente.

O artigo de Hoppenfed e Malafi (2015) destaca o engajamento de bibliotecas acadêmicas e públicas com empreendedores e apontam que os bibliotecários podem contribuir com isso. No mesmo artigo é possível encontrar a denominação de bibliotecário de negócios, atribuído aos profissionais que atuam nesta vertente. Também nesse estudo apresenta-se algumas iniciativas de atuação de bibliotecários junto a incubadoras das universidades. Isso demonstra que geralmente esses profissionais podem ter uma atuação em ações de programas de empreendedorismo e inovação e que geralmente isso ocorre fora das bibliotecas, sendo o diferencial da atual pesquisa trazer os outros tipos de profissionais para atuarem na biblioteca juntamente com os bibliotecários.

Todos os membros da equipe são agenciadores e estão sempre buscando estabelecer novas parcerias e levar a Starteca ao conhecimento de mais amplo. Além da equipe de servidores da UFSCar, a Starteca conta com o apoio da Liga de Empreendedorismo de São Carlos. O Quadro 7 apresenta uma descrição da equipe que atua na Starteca.

**Quadro 8 - Equipe Starteca**

Nome	Função
<b>Camila Cassiavilani</b>	Bibliotecária e Mestranda em Ciência da Informação - PPGCI/UFSCar
<b>Catarina Saito</b>	Assistente em Administração e Doutoranda em Engenharia de Produção UFSC
<b>Marta Cristina Marjota Mainstro</b>	Docente do Departamento de Tecnologia Agroindustrial e Socioeconomia Rural Coordenadora do NuEmp.
<b>Rafael Aroca</b>	Docente do Departamento de Computação Diretor da Agência de Inovação
<b>Roniberto Morato do Amaral</b>	Docente do Departamento de Ciência da Informação Diretor do Sistema Integrado de Bibliotecas

Fonte: Elaborado pela autora.

A Ação 6 - **Preparação do Espaço** iniciou com a disponibilização de uma área da BCo, de aproximadamente 150m<sup>2</sup>, que abrigaram cinco salas. O espaço era utilizado anteriormente para guarda temporária de materiais a serem remanejados. Com o devido planejamento, foi possível desocupá-los e adaptá-los para abrigar a Starteca. Dessa forma, o espaço físico da Starteca foi composto por cinco salas:

- a) **Sala de aprendizagem:** mini-auditório com capacidade para atender 50 pessoas;
- b) **Sala de negócios:** espaço para a realização de reuniões e apresentações;
- c) **Sala *coworking*:** espaço para networking e trabalho coletivo;
- d) **Sala criação:** espaço para a troca de conhecimentos na busca de soluções;
- e) **Caféteca:** espaço de alimentação e café.

A literatura aponta que uma biblioteca precisa ter seis espaços distintos para incentivar os empreendedores. São eles: espaços de colaboração, mesas comunitárias, laboratórios de informática, espaços verdes ou vista para espaços verdes, espaços de produção e espaços individuais (BIERAUGEL, 2019; BIERAUGEL; NEILL, 2017).

Na Starteca, pode-se considerar que os espaços correspondem aos indicados por Bieraugel (2017) e Bieraugel e Neil (2019), uma vez que disponibiliza salas, mesas individuais e comunitárias. Já com relação ao espaço verde, há uma vista das Salas para a área externa que é muito arborizada e no lugar do laboratório de informática, é disponibilizada uma estrutura com tomadas de energia e wi-fi de ótima velocidade, sendo que os usuários podem trazer seus notebooks para trabalharem.

Logo após a preparação do local, em conversas com os potenciais usuários, chegou-se à conclusão que as Salas de *Coworking* e a Sala de Criação poderiam ser uma só, o que levou à remoção da divisória. Atualmente o conceito de espaço aberto e diminuição das barreiras é muito utilizado e no caso de ambientes coletivos, essa tendência tem sido muito usada para facilitar a interação e a conexão entre as pessoas e em bibliotecas, esses conceitos também são apontados por Lapointe (2006), McDonald (2006) e Shill e Tonner (2003).

Quanto ao funcionamento da Starteca, as Sala de Criação e a Sala *Coworking*, são de livre acesso – sem necessidade de reserva - permanecem abertas durante o expediente da BCo. Já para a utilização das salas de Negócios e de Aprendizagem (mini-auditório), é necessário a realização de reservas. Para solicitar a reserva, disponibilizou-se o [Formulário Agendamento Sala de Negócios](#) e o [Formulário Agendamento Sala de Aprendizagem](#), no Facebook da Starteca.

Além do espaço físico, disponibiliza-se também uma infraestrutura para o apoio das iniciativas da Starteca, envolvendo um conjunto de equipamentos e mobiliários:

- a) 04 TVs 50"
- b) 10 mesas com dois lugares cada uma;
- c) 20 cadeiras;
- d) Equipamentos de ar condicionado
- e) Plotagem de vinil transformando alguns vidros em lousas.

Foram utilizadas as mesas e cadeiras da própria biblioteca e adaptou-se rodas nas mesas para facilitar a disposição do mobiliário, conforme a necessidade de *layout*. Adquiriu-se *puffs*, banquetas para bancada de trabalho, 3 TVs 50" e foi realizada a plotagem para identificação do espaço. A possibilidade de flexibilidade do mobiliário é apontada por Hunter e Cox (2014) como um aspecto que contribui para apropriação do espaço pelos usuários.

Na Starteca, já é possível perceber essa apropriação dos espaços, uma vez que diariamente a disposição dos mobiliários estão alteradas. Cada grupo de pessoas que a utilizam dispõem o mobiliário de forma a atenderem suas necessidades.

A plotagem da marca nos vidros das divisórias, foi pensada para identificar o espaço, sem interferir na visualização das salas, ou seja, é possível visualizar o que está acontecendo dentro do espaço. Essa preocupação se deu por entendermos que para se criar a cultura de empreendedorismo e inovação, é necessário que as pessoas saibam o que está acontecendo. É possível visualizar a infraestrutura da Starteca através das Figuras 1, 2 , 3, 4, 5 e 6.

**Fotografia 1** – Espaço antes da plotagem e da preparação



**Fotografia 2** – Plotagem da marca Starteca



Fonte: Fotografia por Chieh.

**Fotografia 3** – Vista geral do espaço Starteca com sinalização



Fonte: Fotografia pela autora.

**Fotografia 4 – Sinalização das Salas**

Fonte: Fotografia de Chieh.

**Fotografia 5 – Sala Coworking**

Fonte: Fotografia da autora

**Fotografia 6 – Sala de Negócios**

Fonte: Fotografia da autora

A última Ação do Ciclo – **7 Início das Atividades** - representa os resultado das Doze Fases da pesquisa-ação: Exploratória, Tema da Pesquisa, Colocação dos Problemas, Lugar da Teoria, Hipóteses, Seminários, Campo de Observação, Amostragem e Representatividade, Coleta de Dados, Aprendizagem, Saber Formal e Saber Informal, Plano de Ação e Divulgação.

O início das atividades foi marcado pelo evento de inauguração da Starteca, que aconteceu no dia 09 de outubro de 2019 e contou com a participação da Reitora Prof. Dr. Wanda Hoffmann e de várias autoridades acadêmicas, como: o Pró-Reitor de Extensão - Roberto Ferrari Junior, Pró-Reitor de Administração. Prof. Dr. Márcio Merino Fernandes, o Diretor do SIBI, Roniberto Morato do Amaral, o Diretor da Agência de Inovação - Rafael Aroca, a Coordenadora do Núcleo de Extensão UFSCar-Empresa (NuEmp), Marta Marjotta-Maistro e a Diretora da BCo, Marisa Cubas Lozano.

O evento reuniu aproximadamente 70 pessoas entre docentes, discentes, técnico-administrativos e comunidade em geral. No momento foram apresentados à comunidade os espaços disponibilizados pela Starteca.

A participação da Administração Superior da UFScar, representada pela própria Reitora e membros da equipe administrativa, pode ser vista como uma forma de incentivo ao espaço e mais que isso, pode-se entender que há uma tendência da gestão da universidade na promoção do empreendedorismo e inovação.

**Fotografia 7 – Inauguração da Starteca**

Fonte: (UFSCAR. ASSESSORIA DE IMPRENSA, 2019) - Foto: Tatiane Liberato

Segundo a Profa. Dra. Wanda Hoffmann “Nós discutíamos em sala de aula como as bibliotecas acompanhariam as demandas da sociedade do século XXI no compromisso com a informação, por isso inaugurar este pequeno espaço hoje é motivo de alegria para todos nós” (UFSCAR. AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, 2019b).

O Pró-Reitor de Extensão, Profa. Dr. Roberto Ferrari Junior, disse desejar um local cheio de potenciais usuários – estudantes, servidores, docentes, comunidade geral – com novas tecnologias e serviços, integrando o ecossistema e criando um hub de inovação que contagia a sociedade (UFSCAR. AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, 2019b).

Já o Diretor do Sistema Integrado de Bibliotecas, Prof. Dr. Roniberto Morato do Amaral, declarou que “[...] a Starteca ficará institucionalizada para disponibilizar aos alunos ferramentas que os possibilitem escolher se sairão da universidade com diploma de graduação ou com uma empresa ou parceria forte com a sociedade”. (UFSCAR. AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, 2019b).

Do mesmo modo o Diretor Executivo da Agência de Inovação da UFSCar, Prof. Dr. Rafael Aroca, disse ter “a pretensão de fazer com que a Starteca cresça e fique aberta 24 horas por dia, a exemplo das instituições dos Estados Unidos que possuem espaços semelhantes disponíveis – de maneira ininterrupta – a atender alunos e a comunidade em geral”. (UFSCAR. AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, 2019).

As declarações da Reitora e dos membros de sua equipe demonstram o interesse da administração da universidade em apoiar o projeto e conseqüentemente ações que podem fazer com a comunidade acadêmica e a própria universidade passe a ter um

olhar mais cuidadoso para ações de incentivo ao empreendedorismo e inovação acadêmicos.

Neste sentido, retomando a literatura, autores como (CLARK, 1998; ETZKOWITZ, 2003, 2013b) apontam que a transformação de uma universidade para o modelo empreendedor, está fundamentada na mudança cultural que deve ser incentivada pela alta administração, com objetivo de motivar e engajar a toda comunidade acadêmica.

Outro ponto de destaque na fala do Pró-Reitor de Extensão e dos diretores do SIBi e AIn, diz respeito a aproximação da universidade com o *hub* de inovação e consequentemente da sociedade. Nesse sentido, Toledo (2015) aponta a necessidade de um posicionamento mais ativo da universidade nos ecossistemas de inovação e também ações de transferência e compartilhamento de conhecimentos junto aos diversos segmentos da sociedade, no contexto da universidade empreendedora. Do mesmo modo, Audy (2011) com destaque para a missão voltada ao desenvolvimento econômico do entorno e a estimulação para surgimento de ambientes de inovação e a disseminação da cultura empreendedora.

Já pelas falas dos Diretores do SIBi e AIn, destaca-se a questão de oferecer um local de incentivo às ações de empreendedorismo e inovação e de uma nova forma de atuação da universidade na formação dos alunos.

Mediante as ações desenvolvidas na implantação do espaço foi possível estabelecer um modelo para gestão da implantação da Starteca, conforme Figura 11.

**Figura 11 – Modelo de Organização para implantação da Starteca**

Fonte: elaborada pela autora com base em Manual... (1997).

O modelo propõe oito funções necessárias que garantiram a implantação da Starteca. Em cada uma das funções foram desenvolvidas atividades relacionadas, que podem ser conferidas no Quadro 9.

**Quadro 9 – Atividade da Organização e Ações no Processo de Implantação**

<b>Atividades do Modelo</b>	<b>Ações Desenvolvidas na Implantação</b>
<b>Montagem e Infraestrutura e dos Grupos de Trabalho</b>	Definição do espaço Definição da Infraestrutura física, mobiliário e equipamentos Definição da equipe de trabalho
<b>Mobilização e Alocação de Recursos</b>	Levantamento dos recursos necessários;
<b>Definição dos Planos Estratégicos e Operacional</b>	Concepção Elaboração do Projeto de Extensão
<b>Implantação de Produtos e Serviços</b>	Definição dos serviços a serem oferecidos
<b>Seleção e Capacitação da Equipe</b>	Articulação da equipe
<b>Definição de Processo de Trabalho</b>	Divisão do trabalho entre os membros da equipe
<b>Definição de Métodos e Ferramentas de Trabalho</b>	Definição das ferramentas utilizadas para gerenciamento do espaço
<b>Articulação e Marketing Institucional</b>	Definição dos canais de divulgação e de comunicação com os usuários

Fonte: elaborado pela autora.

## 4.2 ESTRUTURA DE GESTÃO DA STARTECA

Passada a fase de implantação da Starteca, utilizou-se o modelo de gestão para implantação, Figura 12, como base para desenvolver um modelo de gestão para a Starteca. Esse modelo conta com oito funções e tem como objetivo estabelecer as atividades necessários para o funcionamento do espaço. O modo de gestão da Starteca está representado na Figura 12.

**Figura 12** – Modelo de Atividades de Gestão da Starteca



Fonte: elaborada pela autora.

O modelo de gestão desse espaço foi pensado para permitir a interação entre os envolvidos, sendo os membros da equipe, facilitadores e articuladores das ações. O gerenciamento deve ser feito de forma a considerar os usuários, sempre procurando compreender e atender suas necessidades. Nessa linha de pensamento Nichols, Melo e Dewland (2017, p. 371, tradução nossa) destacam que a “natureza de um espaço de *coworking* permite que diferentes tipos de trabalho aconteçam sem que o trabalho seja gerenciado centralmente pela biblioteca”.

Desse modo, as funções gerenciais da Startecas compreendem:

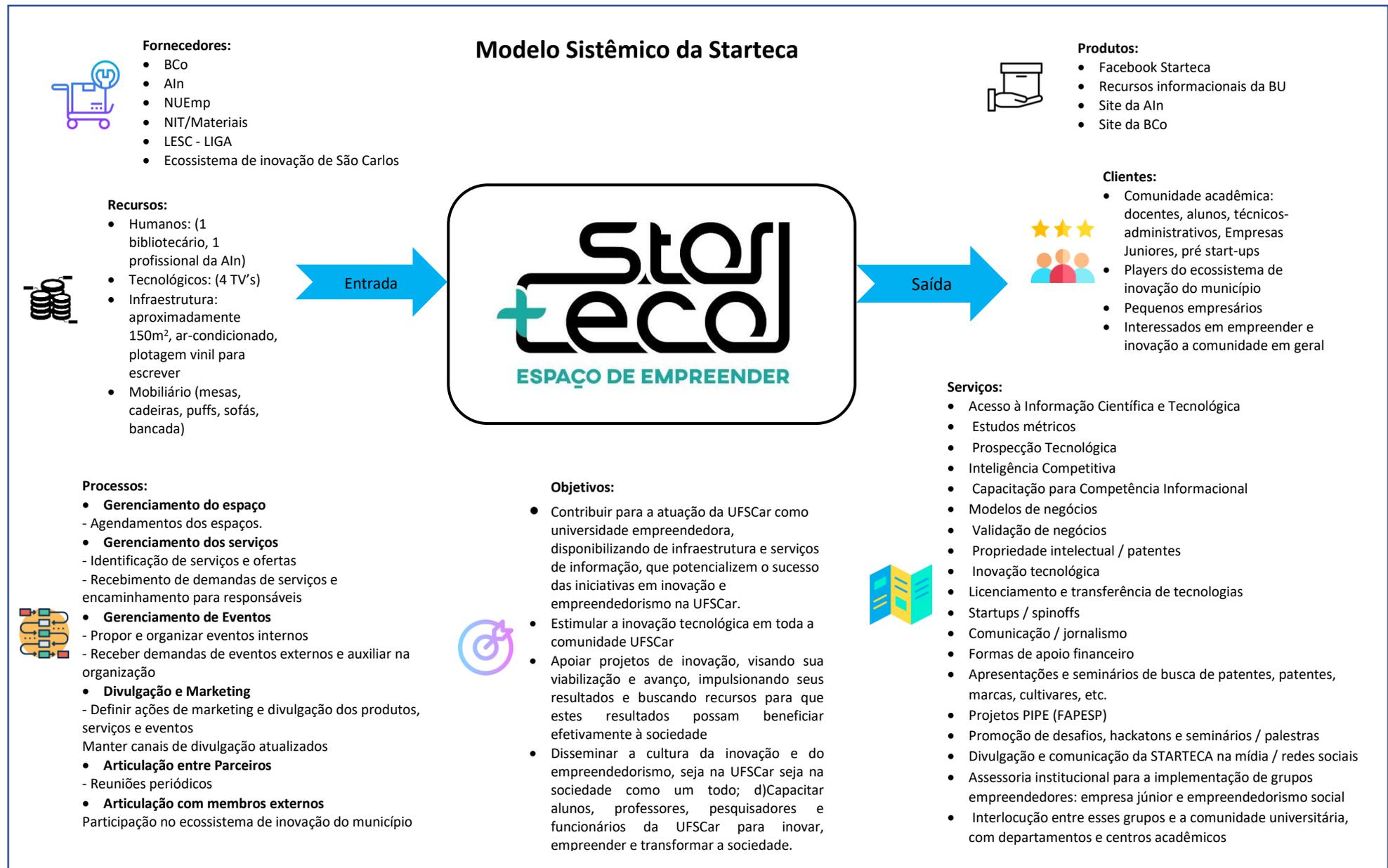
- a) **Articulação da Equipe e Articulação entre os Parceiros:** a articulação entre os parceiros e a equipe é algo que deve acontecer frequentemente, mediante reuniões e a vivência no dia-a-dia. Isso tem demonstrado de forma efetiva que essa articulação é algo positivo e que tem trazido bons resultados nas soluções de desafios apresentados;
- b) **Gerenciamento dos Serviços:** por enquanto, houve a definição dos serviços e até o término da pesquisa, ainda não foram implantados efetivamente;
- c) **Gerenciamentos dos Espaços:** o gerenciamento do espaço tem sido realizado pelos membros da equipe, utilizando formulários on-line para agendamento, *check-in*, agenda on-line, bem como são feitas abordagem junto aos usuários do espaço, para levantamento de informações referentes aos projetos que estão trabalhando e área de atuação e de estudo;
- d) **Gerenciamento de Eventos:** no formato de palestras, bate-papo, cursos, treinamentos entre outros, com temáticas de interesse da comunidade. Os eventos poderão ser organizados pela própria equipe da Starteca, como também receber eventos externos, em formato de parceria;
- e) **Gerenciamento de Ações de Divulgação:** foram definidos os canais de divulgação e o gerenciamento, acompanhamento e manutenção desses canais são feitos pelos membros da equipe, com auxílio de estagiários das unidades envolvidas com a Starteca;
- f) **Articulação com Ecossistema de Inovação do município:** a articulação com outros ambientes de inovação e empreendedorismo tem se dado principalmente por intermédio de membros da equipe da Starteca em eventos relacionados e promovidos pelo ecossistema. Nesse sentido houve a participação da pesquisadora e da representante da AIn na Starteca, no Planejamento Estratégico do SancaHub. Como resultado dos dois encontros do planejamento geral, um dos eixos definidos foi promover a aproximação entre os ambientes de inovação do Ecossistema de São Carlos e neste sentido foi realizado um planejamento específico, no qual a Starteca também participou. O próximo encontro desse grupo será realizado na Starteca. É importante ressaltar que a

Starteca já está sendo reconhecida no ecossistema de São Carlos, como um ambiente de incentivo ao empreendedorismo e inovação.

Baseado nas discussões desenvolvidas principalmente no decurso das reuniões, da revisão da literatura e de todas as ações desenvolvidas com base nas fases da pesquisa-ação, foi possível propor um modelo, baseado na abordagem sistêmica (LIEBER, 2001), para a Starteca. Esse modelo poderá servir como base para gestão de ambientes de incentivo ao empreendedorismo e inovação em bibliotecas universitárias, ao sistematizar o ambiente de atuação da Starteca de forma sistêmica, conforme sintetizado na Figura 13.

De acordo com Boulding (1956) citado por Lieber (2001), a abordagem sistêmica é uma forma de pensar o trabalho de gestão, sendo possível fornecer uma estrutura para visualizar os fatores ambientais internos e externos de forma a integrar um todo. Esse tipo de abordagem organizacional privilegia a visão global, a totalidade e as partes que a compõem, fazendo que se enxergue o todo e não cada parte de forma isolada.

**Figura 13** – Modelo Sistêmico da Starteca



### 4.3 RESULTADOS DA IMPLANTAÇÃO

Esta seção apresenta todas as atividades desenvolvidas desde a inauguração da Starteca.

#### 4.3.1 Realização de Eventos

Antes mesmo da inauguração oficial do espaço, a Aln promoveu um mini *hackathon* no espaço Starteca, para seleção de um bolsista para atuar junto a Aln. O objetivo do evento foi encontrar soluções para um desafio na área de desenvolvimento de projetos de software, após cinco (5 horas) de maratona, os participantes fizeram apresentação de suas soluções. Integrantes da Aln e BCo, atribuíram nota aos participantes, sendo considerado como requisitos: a funcionalidade, originalidade e usabilidade da solução proposta (UFSCAR. ASSESSORIA DE IMPRENSA, 2019). O Mini *Hackaton* foi registrado através da Figura 8.

**Fotografia 8 – Mini-Hackaton**



Fonte: fotografia da autora.

A experiência com o evento contribuiu para a questão do horário de funcionamento do Starteca. A BCo, funciona de segunda a sexta-feira das 8h às 22h e aos sábados das 8h às 14h, mas foi autorizado pela Direção, a permanência da equipe e dos participantes até o término do desafio. Foi uma experiência válida, já que a ideia é que futuramente o espaço funcione 24h por dia, sete dias da semana.

Após a inauguração foram realizados outros quatro eventos na Starteca entre os meses de outubro e dezembro.

**Bate Papo sobre ambientes de empreendedorismo e inovação com Thiago Cristof**, ex-aluno da UFSCar, cofundador de startup no Sanca Hub e membro do time de produtos e inovação da Wavy, empresa da Movable. Esse bate-papo teve como objetivo abordar a importância desse tipo de espaço na universidade e especificamente na Biblioteca Universitária. A escolha do convidado, se deu devido a vivência que o mesmo tem na UFSCar e pelo incentivo e entusiasmo que o mesmo demonstrou desde o início das discussões. O evento teve a participação de aproximadamente 30 pessoas. A divulgação foi realizada basicamente pelo Facebook da Starteca, Facebook da BCo, canais formais de divulgação a Universidade como Inforede<sup>9</sup> e Site da UFSCar, bem como em grupos do WhatsApp. Ver Anexo B.

Outro evento foi o **Bate-papo Financeiro**, organizado por um grupo de alunos da UFSCar e tem como objetivo discutir assuntos referentes ao mercado financeiros e finanças em geral. O público alvo compreendeu qualquer pessoa interessada no assunto e em trocar ideias com outras pessoas. O evento que acontece quinzenalmente e não tinha um local fixo. O grupo responsável pelos encontros procurou a equipe da Starteca para realizá-lo no espaço. Ocorreram dois encontros na Starteca, tendo como público participante, aproximadamente 25 pessoas.

A equipe da Starteca foi procurada para sediar o **Seminário de Estudos Interdisciplinares em Informação, Comunicação e Inovação e Lançamento do livro Ensaio interdisciplinares em comunicação, ciência da informação e inovação**. O

---

<sup>9</sup> Meio de comunicação interno da UFSCar. É um boletim eletrônico veiculado diariamente nas lista de e-mails institucionais da comunidade acadêmica: docentes, discente, técnicos-administrativos. Além de informações relacionadas à rotina da Universidade, o Notícias UFSCar reúne informações sobre oportunidades para a comunidade acadêmica e serviços de utilidade pública. Dependendo do campus o informativo recebe um nome. Em São Carlos, Inforede; em Araras, InfoCCA; e em Sorocaba, InfoSorocaba (UFSCar, 2020b).

evento foi organizado pelo Grupo de Pesquisa Estudos Pragmáticos em Ciência da Informação vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e contou com a participação de aproximadamente 30 pessoas. A divulgação foi feita através do Facebook da Starteca (ver Anexo C). O Quadro 10 sintetiza os eventos realizados na Starteca.

**Quadro 10** – Eventos realizados na Starteca

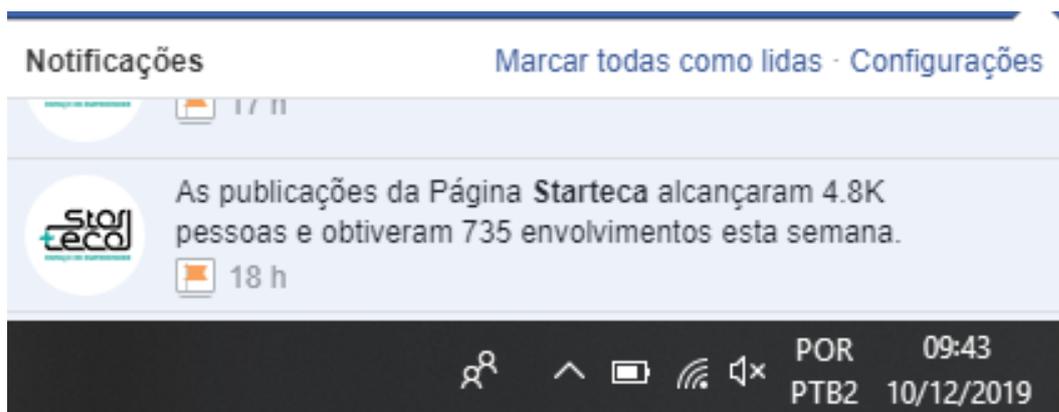
Mês	Evento	Público
<b>Outubro</b>	<b>Inauguração da Starteca</b>	<b>70</b>
	Bate Papo sobre ambientes de empreendedorismo e inovação com Thiago Cristof	30
<b>Novembro</b>	Bate-papo Financeiro	10
	Seminário de Estudos Interdisciplinares em Informação, Comunicação e Inovação e lançamento do livro “Ensaio interdisciplinares em comunicação, ciência da informação e inovação”	30
<b>Dezembro</b>	Bate-papo Financeiro	15

Fonte: elaborado pelo autor.

#### 4.3.2 Divulgação

A divulgação da Starteca vem sendo feita através de Facebook das unidades parceiras, sites institucionais: Portal da UFSCar, Site da Agência de Inovação, Site da BCo. Também são divulgadas informações em grupos do WhatsApp. Como canal de divulgação da Starteca foi criada uma página no Facebook da Starteca. Esse canal de divulgação tem se mostrado eficiente, até a data de 22 de janeiro de 2020 a página da Starteca no Facebook, apresentava 985 seguidores, em dezembro de 2019 chegou a ter um alcance de 4.800 pessoas e 735 envolvimento na mesma semana, conforme Figura 14.

**Figura 14** - Alcance e envolvimento na página em dezembro de 2019



Fonte: notificação do Facebook

Pretende-se criar um site, sendo que já foi solicitado hospedagem à Secretaria Geral de Informática (SIn).

O Quadro 10 apresenta uma síntese das notícias sobre as iniciativas da Starteca veiculadas nos canais da UFSCar e em canais externos.

**Quadro 11** – Divulgação da Starteca

Canal	Notícia	Endereço eletrônico
Diário da Reitoria	UFSCar inaugura espaço de empreendedorismo e inovação em sua Biblioteca Comunitária	<a href="https://www.diariodareitoria.ufscar.br/?p=7992">https://www.diariodareitoria.ufscar.br/?p=7992</a>
Site do CCET	UFSCar inaugura espaço de empreendedorismo e inovação na BCo	<a href="http://www.ccet.ufscar.br/news/ufscar-inaugura-espaco-de-empreendedorismo-e-inovacao-na-bco">http://www.ccet.ufscar.br/news/ufscar-inaugura-espaco-de-empreendedorismo-e-inovacao-na-bco</a>
Site AIn	UFSCar inaugura espaço de empreendedorismo e inovação em sua Biblioteca Comunitária	<a href="http://www.inovacao.ufscar.br/noticias/11625-ufscar-inaugura-espaco-de-empreendedorismo-e-inovacao-em-sua-biblioteca-comunitaria">http://www.inovacao.ufscar.br/noticias/11625-ufscar-inaugura-espaco-de-empreendedorismo-e-inovacao-em-sua-biblioteca-comunitaria</a>
CCS - Inforede	Sistema Integrado de Bibliotecas e Agência de Inovação da UFSCar inauguram Starteca nesta quarta-feira, 9 de outubro	Boletim interno*
CCS - Inforede	Inforede - Starteca promove Bate Papo com sobre Ambientes de Empreendedorismo e Inovação	Boletim interno*
TV UFSCar	Cobertura da TV UFSCar na inauguração da Starteca	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=pnbPrMNRax8">https://www.youtube.com/watch?v=pnbPrMNRax8</a>
TV UFSCar	Cobertura da TV UFSCar no evento Bate-papo sobre ambientes de empreendedorismo e inovação	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=KVcK1fGZz98">https://www.youtube.com/watch?v=KVcK1fGZz98</a>

<b>Agência FAPESP</b>	Biblioteca Comunitária da UFSCar tem espaço de empreendedorismo e inovação	<a href="http://agencia.fapesp.br/biblioteca-comunitaria-da-ufscar-tem-espaco-de-empreendedorismo-e-inovacao/32192/">http://agencia.fapesp.br/biblioteca-comunitaria-da-ufscar-tem-espaco-de-empreendedorismo-e-inovacao/32192/</a>
-----------------------	--	---

\* A íntegra pode ser conferida no Anexo D.

Fonte: elaborado pelo autor com base nas notícias.

### 4.3.3 Uso da Starteca

As Salas de *Coworking* e de Criação são espaços abertos, não há necessidade de reserva para utilização. Na tentativa de conhecer os usuários que frequentam o espaço e obter dados estatístico sobre o uso, foi criado um QRCode para *Check-In* na Starteca. Apesar da percepção de que poucos estavam utilizando o recurso, ainda assim, apresenta-se um valor estimado de frequentadores, que pode ser visualizado no Quadro 12.

**Quadro 12** – Quantidade e Perfil dos Frequentadores da Starteca

Mês	Quantidade	Finalidade	Empresa / Projeto
<b>Out.</b>	80	Reuniões	Gestão da Produção e da Qualidade Empresa Jr. Gestão e Análise Ambiental Montagem de Análise de Ciclos de Vida (para fins ecológicos) Empresa Jr. Engenharia Elétrica – Empeltec
<b>Nov.</b>	100	Reuniões	Caladrius Consultoria LESC Empresa Junior Engenharia de Produção - Produção Jr. BAJA Empeltec Jr
<b>DEZ</b>	50	Reuniões	BAJA Empeltec Jr
<b>Jan. 2020</b>	50	Reuniões	MARe – Monitoramento de Atividades em Reabilitação BAJA MBI UFSCar

Fonte: elaborada pela autora.

Um dos desafios em registrar o uso, a frequência e identificar o perfil dos usuários, é encontrar uma forma de coletar os dados referente a quantidade de pessoas que tem frequentado diariamente o espaço. Atualmente as Salas de Negócio e de Aprendizagem necessitam de agenda para utilização. Foram solicitados dois agendamentos para uso da Sala de Negócios, por uma Empresa Junior da UFSCar, para realização de reunião.

#### 4.3.4 Demandas por Serviços

Após a inauguração e divulgação das mídias oficiais da UFSCar e mídia local, foram solicitados três pedidos de mentorias, sendo duas pessoas da comunidade da UFSCar e uma da comunidade externa. Esse dado demonstra que a divulgação tem atingido resultados internos e externos.

Diante de todas as ações desenvolvida desde a implantação até o início das atividades da Starteca, é possível recorrer às etapas e objetivos propostos por Jansen e colaboradores (2015), que apresentam etapas e objetivos do Modelo de Incentivo ao Empreendedorismo Estudantil. Assim, entendemos que a Starteca pode atuar nas fases: **Educação**, despertando o empreendedorismo, já que oferece um ambiente propício e por estar localizado na Biblioteca do Campus, onde circulam aproximadamente de 2.000 (duas mil) pessoas diariamente, entendemos que é uma forma dessas pessoas verem o que está acontecendo e se interessarem e possivelmente despertar empreendedores dormentes; e **Estímulo**, já que oferece mentorias para pessoas que tem uma ideia, desde o momento da ideia até o desenvolvimento do plano de negócio.

A fase de **Incubação**, poderá se desenvolver futuramente, conforme expansão das atividades desenvolvidas na Starteca.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão dos resultados alcançados nesta pesquisa permite evidenciar que a Biblioteca Universitária pode ser um ator ativo no incentivo ao empreendedorismo e inovação no meio acadêmicos, contribuindo dessa forma, para a constituição da universidade empreendedora.

A implantação da Starteca demonstrou que a Biblioteca Universitária é capaz de articular com diferentes unidades organizacionais da instituição em prol de um objetivo comum, que no caso desta pesquisa, foi o desenvolvimento e a implantação de um espaço promotor do empreendedorismo acadêmico, ao ser capaz de estabelecer parcerias internas e externas, aproximando a universidade e consequentemente a biblioteca do ecossistema de inovação local.

A Biblioteca Universitária tem potencial para ser um mecanismo híbrido de geração de empreendimento, combinando espaços *coworking*, *makerspaces*, *fab labs* e outros, com elementos característicos de incubadoras. Isso se revela por meio de serviços que podem ser oferecidos, tornando evidente não se tratar apenas de espaço físico. Alguns aspectos que tornam isso possível, compreendem a disponibilização de: 1] bibliotecários, com competências informacionais necessárias ao acesso e uso de informações científicas e tecnológicas; 2] recursos e serviços informacionais; 3] capacidade, demonstrada neste estudo, em estabelecer parcerias com unidades organizacionais, que dispõem de profissionais com competências diferenciadas. Diante disso, é possível oferecer suporte ao processo de desenvolvimento da ideia até a transformação em um empreendimento através da inovação.

Já as unidades organizacionais internas e parceiros externos envolvidos com a iniciativa ganharam visibilidade, perante a comunidade acadêmica e externamente, ampliando sua atuação e adquirindo *status* diferenciado na instituição, ao mesmo tempo que contribuem para a criação da cultura de empreendedorismo e inovação na universidade.

É possível afirmar que os bibliotecários e demais profissionais envolvidos na Starteca, podem atuar como agenciadores, que estão constantemente procurando estabelecer novas parcerias e ampliar a divulgação do espaço e dos serviços oferecidos.

É possível constar também que a STARTECA é um ambiente que possibilita aos seus clientes a vivência em um ambiente de trabalho que está cada vez mais difundido e sendo utilizado principalmente por empresas e startups, que é coworking, preparando-os para o mercado de trabalho.

É importante ressaltar que alguns desafios devem ser superados, como por exemplo, fazer com que o espaço funcione 24 horas nos sete dias da semana, desenvolver a modelagem dos produtos e serviços baseados em informação, como prospecção tecnológica, bem como criar parcerias para o compartilhamento de recursos de laboratório, criando makerspaces e/ou fab labs.

Tais desafios poderão ser solucionados por meio de futuras pesquisas acadêmicas ao nível de mestrado ou doutorado: 1] os resultados alcançados pela iniciativa da Startteca; 2] a formação e atuação de bibliotecários para atuar de forma ativa no ambiente de inovação acadêmico; e 3] o surgimento de uma nova tipologia de biblioteca, a biblioteca universitária empreendedora.

Quanto ao método pesquisa-ação mostrou-se adequado, pois permitiu a interação do pesquisador com a organização, bem como permitiu a participação ativa dos membros participantes na construção da solução, possibilitando alcançar o objetivo da pesquisa e o aprendizado organizacional, que será utilizado no futuro na implementação de novos espaços Startteca nos demais campi da UFSCar.

Por fim, pode-se afirmar que a Biblioteca Universitária é um ator ativo nos processos de formação de empreendedores e de aproximação setor produtivo e universidade, e conseqüentemente na construção da universidade empreendedora, através do estabelecimento de parcerias entre unidades organizacionais internas e externas envolvidas com iniciativas de empreendedorismo e inovação, oferecendo espaços e serviços de informação científica e tecnológica.

## REFERÊNCIAS

- AABØ, S.; AUDUNSON, R.; VÅRHEIM, A. How do public libraries function as meeting places? **Library and Information Science Research**, v. 32, p. 16–26, 2010.
- AMARAL, R. M. (Coord.) **STARTECA**: contribuições das bibliotecas universitárias da UFSCar para uma universidade empreendedora. São Carlos, 2019. Projeto de Extensão.
- ALCARÁ, A. R. et al. As redes sociais como instrumento estratégico para a inteligência competitiva. **Transinformação**, v. 18, n. 2, p. 143–153, ago. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-37862006000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862006000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 20 nov. 2018.
- ALVES, L. A.; DAVOK, D. F. Empreendedorismo Na Área De Biblioteconomia: Análise Das Atividades Profissionais Do Bibliotecário Formado Na Udesc. **Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 14, n. 1, p. 313–330, 2009.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Co-Working / Co-Living**. Disponível em: <http://www.ala.org/tools/future/trends/coeverything>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- ANDRADE, R. F. DE. **Empreendedorismo em instituições de ensino superior: a concepção de docentes e alunos do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos**. 164 f. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos 2003.
- ARANHA, J. A. S. **Mecanismos de geração de empreendimentos inovadores**. Brasília: ANPROTEC, 2016. Disponível em: <https://informativo.anprotec.org.br/mapeamento-dos-mecanismos-de-geracao-de-empreendimentos-inovadores>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS INOVADORES. **Mapeamento dos Mecanismos de Geração de Empreendimentos Inovadores no Brasil**. Brasília: [s.n.]. Disponível em: [www.lacom.ag](http://www.lacom.ag). Acesso em: 12 nov. 2019.
- ATKINSON, R. Contingency and contradiction: the place(s) of the library at the dawn of the new millennium. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 52, n. 1, p. 3–11, 2001.
- AUDY, J. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 90, p. 75–87, maio 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142017000200075](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000200075). Acesso em: 18 abr. 2018.
- AUDY, J. L. N. Entre a tradição e a renovação: os desafios da universidade

empreendedora. In: MOROSINI, M. (Org.). **A univesidade no Brasil**: concepções e modelos. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2011. p. 265–274. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset\\_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/489170](http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/489170). Acesso em: 18 abr. 2018.

AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION. **Future of the library and information science profession**. Canberra: Australian Library and Information Association, 2014. Disponível em: [www.alia.org.au/futureoftheprofession](http://www.alia.org.au/futureoftheprofession). Acesso em: 10 jul. 2019.

BATTLES, M. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BESSANT, J.; TIDD, J. **Inovação e empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

BIERAUGEL, M. Do your library spaces help entrepreneurs? Space planning for boosting creative thinking. In: CRUM, J. A.; HINES, S. S. (Ed.). **Supporting Entrepreneurship and Innovation**. [S.l.]: Emerald Group Publishing Limited, 2019. p. 21–32.

BIERAUGEL, M.; NEILL, S. Ascending Bloom's Pyramid: foresting student creativity and innovation in Academic Library Spaces. **College & Research Libraries**, v. 78, n. 1, p. 35–52, 2017.

BILANDZIC, M.; FOTH, M. Libraries as coworking spaces: Understanding user motivations and perceived barriers to social learning. **Library Hi Tech**, 2013.

BRASIL. **LEI Nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016**. Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação e altera a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, a Lei nº 12.462, de 4 de agosto de 2011, a Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993, a Lei nº 8.958, de 20 de dezembro de 1994, a Lei nº 8.010, de 29 de março de 1990, a Lei nº 8.032, de 12 de abril de 1990, e a Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, nos termos da Emenda Constitucional nº 85, de 26 de fevereiro de 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13243.htm#art2](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13243.htm#art2). Acesso em: 27 dez. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 9.283, de 7 de fevereiro de 2018**. Regulamenta a Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, a Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016, o art. 24, § 3º, e o art. 32, § 7º, da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, o art. 1º da Lei nº 8.010, de 29 de março de 1990, e o art. 2º, caput, inciso I, alínea "g", da Lei nº 8.032, de 12 de abril de 1990, e altera o Decreto nº 6.759, de 5 de fevereiro de 2009, para estabelecer medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, com vistas à capacitação tecnológica, ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento do sistema produtivo nacional e regional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/decreto/d9283.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9283.htm).

Acesso em: 16 jul. 2019

BROCKVELD, M. V. V. De escritórios de patentes a escritórios de negócios. **VIA: revista**, v. 2, n. 3, p. 23–25, 2017. Disponível em: <http://via.ufsc.br/via-revista-nits/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BRUXVOORT, D. **Library as third place: a strategic framework**. London: SCONUL, 2017.

BUENO, J. R. **Mas afinal, o que é empreendedorismo?** 2019. Disponível em: <https://blog.sebrae-sc.com.br/o-que-e-empreendedorismo/>. Acesso em: 12 nov. 2019.

**Catálogo para a inovação em bibliotecas públicas**. Bogotá: Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe, 2019.

CÊA, G. S. DOS S. Fundamentos da ideia do empreendedorismo e a formação dos trabalhadores. In: CÊA, G. S. DOS S. **O estado da arte da formação do trabalhador no Brasil**. Cascavel: Edunioeste, 2007.

CÊA, G. S. dos S.; LUZ, A. S. da. Empreendedorismo e educação: reflexões sobre um velho sonho liberal. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 63, agosto/2006. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/063/63cealuz.htm>. Acesso em: 05 set. 2006.

CLARK, B. **Entrepreneurial Universities: organizational pathways of transformation**. Bingley: Emerald, 1998.

COAN, M. Educação para o empreendedorismo como estratégia para formar um trabalhador de novo tipo. **Revista LABOR**, v. 9, n. 1, p. 1–18, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6609/4833>. Acesso em: 15 nov. 2019.

COAN, M. Educação para o empreendedorismo como slogan do capital. In: EVANGELISTA, Olinda (Org.). **O que revelam os slogans na política educacional**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2014. p. 141–172.

CONTI, D. L.; PINTO, M. C. C.; DAVOK, F. D. O perfil do bibliotecário empreendedor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 14, n. 1, p. 27–46, 2009. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/650/718>. Acesso em: 19 jul. 2018.

COSTA, L. B. DA. **Criação de empresas como mecanismo de cooperação Universidade-Empresa: os spin-offs acadêmicos**. 127 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3818/DissLBC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 nov. 2019.

CRUM, J. A. Introduction: Supporting Entrepreneurship and Innovation. In: CRUM, J. A.; HINES, S. S. (Eds.). **Supporting Entrepreneurship and Innovation**. [S.l.] Emerald Publishing Limited, 2019. p. 1–3.

CUNHA, M. B. DA. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 1, p. 71–89, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a8.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2019.

CUNHA, M. B. DA; CAVALCANTI, C. R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DALPIAN, J.; FRAGOSO, J. G. F.; ROZADOS, H. B. F. Perfil empreendedor do profissional da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 3, n. 1, p. 99–115, 2007. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/8566>. Acesso em 15 jun. 2019.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Editora da Cultura, 1999.

DORNELAS, J. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

DREWINSKI, J. M. DE A. **Empreendedorismo**: o discurso pedagógico no contexto do agravamento do desemprego juvenil. 157 f. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: [http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09\\_drewinski.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09_drewinski.pdf). Acesso em 01 jan. 2020.

DRUCKER, P. F. **Innovation and entrepreneurship**: practice and principles. Burlington: Butterworth-Heinemann, 2007.

DYSART, J.; JONES, R. Innovative services in libraries. **Computer in Libraries**, Jun., 2011.

ETZKOWITZ, H. Research groups as ‘quasi-firms’: the invention of the entrepreneurial university. **Research Policy**, v. 32, n. 1, 2003.

ETZKOWITZ, H. **Hélice tríplice**: universidade-indústria-governo: inovação em movimento. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2013a.

ETZKOWITZ, H. Anatomy of the entrepreneurial university. **Social Science Information**, v. 52, n. 3, p. 486–511, set. 2013b.

FÁVERO, M. DE L. DE A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, n. 28, p. 17–36, 2006.

FERNANDES, R. J. R. Breve histórico do Ensino de Empreendedorismo no Brasil. **FGV**, 2013. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rgnn/article/view/60813>. Acesso em: 13 jan. 2020.

FERREIRA, L. S. **Bibliotecas universitárias brasileiras**. São Paulo: Pioneira, 1980.

FONSECA, F. J. L. DA; FONSECA, F. M. L.; FONSECA, N. L. DA. Ruptura de paradigmas

bibliotecômicos, autoformação e mercado de trabalho: estudo de caso. **Revista ACB**, v. 10, n. 2, p. 207–223, 2005. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/427/542>. Acesso em: 01 fev. 2020.

FOURIE, I.; MEYER, A. What to make of makerspaces: Tools and DIY only or is there an interconnected information resources space? **Library Hi Tech**, v. 33, n. 4, p. 519–525, 16 nov. 2015.

FRANCO, I. D. M. **Empreendedorismo e inovação**: um novo perfil de bibliotecas. ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, CENTRO-OESTE E SUL. Belo Horizonte, 2018. **Anais...**Belo Horizonte: 2018.

GARDNER, B.; NAPIER, T. L.; CARPENTER, R. G. **Reinventing Library Spaces and Services**: Harnessing Campus Partnerships to Initiate and Sustain Transformational Change. In: [S.l: S.n.], 2013. p. 135–151.

GEÓRGIA, E.; FERREIRA, A. **Vamos falar de nova Biblioteconomia?** [2017]. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/download/1913/1914>. Acesso em: 24 jun. 2019.

GESTÃO de serviços de informação: manual. Curitiba: Brasília: IBICT, 1997.

GIMENES, A. M. N. **As multifaces da relação universidade-sociedade e a construção do conceito de terceira missão**. 328 f. 2017. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/324319/1/Gimenez\\_AnaMariaNunes\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/324319/1/Gimenez_AnaMariaNunes_D.pdf). Acesso em 06 jun. 2019.

GRAHAM, P. **How to Be Silicon Valley**. Disponível em: <http://www.paulgraham.com/siliconvalley.htm>. Acesso em: 11 nov. 2019.

GUIMARÃES, V. A. L. Indicadores de CT & I dos INCTs de São Carlos-SP na dinâmica da produção da ciência. 511 f. 2016. Tese (Doutorado em Ciência Tecnologia e Sociedade) - Universidade de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8380>. Acesso em 14 out. 2019.

HARRIS, M. Technology , innovation and post-bureaucracy : the case of the British Library. **Journal of Organizational Change Management**, v. 19, n. 1, p. 80–92, 2006.

HISTÓRIA de São Carlos. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/historia-da-cidade/115269-historia-de-sao-carlos.html>. Acesso em: 14 out. 2019.

HOPPENFELD, J.; MALAFI, E. Engaging with entrepreneurs in academic and public libraries. **Reference Services Review**, v. 43, n. 3, p. 379–399, 2015.

HUNTER, J.; COX, A. Learning over tea! Studying in informal learning spaces. **New Library World**, v. 115, n. 1/2, p. 34–50, 7 jan. 2014.

JANSEN, S. et al. How education, stimulation, and incubation encourage student entrepreneurship: Observations from MIT, IIT, and Utrecht University. **International Journal of Management Education**, v. 13, p. 170–181, 2015.

JANTZ, R. C. Innovation in academic libraries: An analysis of university librarians' perspectives. **Library and Information Science Research**, v. 34, p. 3–12, 2012.

LAPOINTE, L. M. Coffee anyone? **C&RL News**, p. 97–99, 2006.

LEITE, A.; OLIVEIRA, F. **Empreendedorismo e novas tendências**. Braga: EditValue, 2017.

LIEBER, R. R. **Teoria de sistemas**. [S. l.]: [s. n.], 2001.

LOPES, C. L. J. **Universidade Empreendedora sob o olhar do Front End da Inovação (FEI): um modelo para contribuir com a inovação**. 118 f. 2018. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, 2019.

MACIEL, A. C.; MENDONÇA, M. A. R. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência, 2000.

MARCIAL, V. F. Inovação em Bibliotecas. In: RIBEIRO, A. C. M. L.; FERREIRA, P. C. G. (Ed.). **Biblioteca do Século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2016. p. 353.

MARTELL, C.; MORAN, B.; SAUNDERS, L. The Disembodied Librarian in the Digital Age, Part II. **College & Research Libraries**, v. 61, n. 2, p. 99–112, 2014.

MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MCCLELLAND, D. C.; BURNHAM, D. H. **Power is the Great Motivator** *Harvard Business Review*, jan. 2003.

MCDONALD, A. The Ten Commandments revisited: the Qualities of Good Library Space. **Liber Quarterly**, v. 16, n. 2, 2006.

MEDINA, P. F.; KRAWULSKI, E. Coworking como modalidade e espaço de trabalho: uma análise bibliométrica. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 18, n. 2, p. 181, 31 dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/125804>. Acesso em: 30 maio 2018.

MESQUITA, L. A. F. **As práticas que sustentam o trabalho colaborativo em espaços de coworking e o papel das tecnologias de informação e comunicação: estudo de caso da Goma**. 153 f. 2016 (Mestrado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2016. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/16222>. Acesso em: 30 maio 2018.

MIRANDA, A. **Biblioteca universitária no Brasil**: reflexões sobre a problemática. [S.l.: S.n.], [2006]. Disponível em: [http://antoniomiranda.com.br/ciencia\\_informacao/BIBLIOTECA\\_UNIVERSITARIA\\_.pdf](http://antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/BIBLIOTECA_UNIVERSITARIA_.pdf). Acesso em: 15 maio 2019.

MUELLER, S. P. M. (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. 190 p.

NICHOLS, J.; MELO, M.; DEWLAND, J. Unifying Space and service for makers, entrepreneurs, and digital scholars. *Portal: Libraries and the Academy*, v. 17, n. 2, p. 363–374, 2017.

NIT Materiais. Disponível em: <http://www.nit.ufscar.br/>. Acesso em 18 dez. 2019.

NOVO, L. F.; MELO, P. A. DE. **Universidade Empreendedora**: fortalecendo os caminhos para a responsabilidade social. Buenos Aires: 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/116308/NOVO.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jun. 2019.

NUNES, M. S. C.; CARVALHO, K. DE. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 1, p. 173–193, 2016. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2572>. Acesso em: 09 jun. 2019.

OECD. **Manual de Oslo Manual de Oslo**. [S. l.]: OECD, 2005. Disponível em: <https://www.finep.gov.br/images/apoio-e-financiamento/manualoslo.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

OLIVEIRA, A. G. M. DE; MELO, M. C. DE O. L.; MUYLDER, C. F. DE. Educação Empreendedora: o desenvolvimento do empreendedorismo e inovação social em Instituições de Ensino Superior. **Revista Administração em Diálogo - RAD**, v. 18, n. 1, p. 29, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rad/article/view/12727/0>. Acesso em: 25 out. 2019.

OLIVEIRA, M. M.; CASSIAVILANI, C.; SPINOLA, A. T. P.; AMARAL, R. M. DO; FERRARI JUNIOR, R. A biblioteca universitária como mecanismo híbrido de geração de empreendimentos: possibilidades rumo à universidade empreendedora. **Em Questão**. No prelo.

ORTEGA, L. M. Programa Empreendedorismo-Escola: influenciando a universidade por meio do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 7, n. 1, 11 mar. 2016. Disponível em: <https://www.fundace.org.br/revistaracef/index.php/racef/article/view/189>. Acesso em: 30 maio. 2019.

PAIVA, M. S. DE et al. Inovação e os efeitos sobre a dinâmica de mercado: uma síntese teórica de Smith e Schumpeter. **Interações (Campo Grande)**, v. 19, n. 1, p. 155, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-70122018000100155&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122018000100155&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 30 jun. 2019.

PALADINO, G. G. **Empreendedorismos inovadores**: relatos de uma Jornada na Europa. Brasília: IEL, 2003.

PASSARELLI, B. O bibliotecário 2.0 e a emergência de novos perfis profissionais. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 4, n. 2, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/30293>. Acesso em: 21 out. 2020.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa ação. In: PERUZZO, C. M. K. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 125–145.

PIERRO, B. DE. Terreno férteis para inovação. **Pesquisa Fapesp**, n. 246, p. 30–33, 2016. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/19/folheie-a-edicao-246/>. Acesso em: 20 out. 2019.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**. Disponível em: <http://www.ppgci.ufscar.br/>. Acesso em: 31 out. 2019.

REIS, M. B. Biblioteca universitária pública e a disseminação da informação. 240 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/7932>. Acesso em: 20 jun. 2019.

RESNICK, B. The Library of the Future Is Here - CityLab. **Citylab**, 2014. Disponível em: <https://www.citylab.com/design/2014/01/library-future-here/8193/>. Acesso em: 02 maio 2019.

RIBEIRO, A. C. M. L. et al. Introdução. In: RIBEIRO, A. C. M. L.; FERREIRA, P. C. G. **Biblioteca do século XXI**: desafios e perspectivas. Brasília: IPEA, 2017. p. 353.

RIBEIRO, A.; LEITE, R. S.; LOPES, H. E. G. Análise do uso das redes sociais em bibliotecas universitárias. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 12, n. 3, p. 5–27, 4 set. 2014. Disponível em: [https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1591/pdf\\_79](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1591/pdf_79). Acesso em: 30 maio 2018.

SAMARA, B. S.; MORSCH, M. A. **Comportamento do consumidor**: conceitos e casos. São Paulo: Pearson, 2005.

SANTA ANNA, J. A biblioteca universitária no presente: de labirinto à encruzilhada em

busca da biblioteca híbrida. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 20, n. 1, p. 6-18, jan./abr., 2015. Anais do 32º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina – Lages/SC. Disponível em: [https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/982/pdf\\_117](https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/982/pdf_117). Acesso em: 30 maio 2019.

SANTIAGO, E. G. Vertentes teóricas sobre empreendedorismo em Schumpeter, Weber e McClelland: novas referências para a sociologia do trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, v. 40, n. 2, p. 87–103, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/488>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SANTOS, A. P. São Carlos, a cidade das oportunidades. **Revista Kappa**, p. 22–25, dez. 2019. Disponível em: [http://www.revistakappa.com.br/edicoes/saocarlos/edicao\\_150/files/basic-html/page22.html](http://www.revistakappa.com.br/edicoes/saocarlos/edicao_150/files/basic-html/page22.html). Acesso em: 10 jan. 2020.

SCAILLEREZ, A.; TREMBLAY, D.-G. Coworking, fab labs et living labs. **Territoire en mouvement**, n. 34, 24 mar. 2017.

SCHUMPETER, J. A resposta criadora na história econômica. In: SCHUMPETER, J. **Economia e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. p. 30–41.

SCHUMPETER, J. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SEBRAE; ENDEAVOR BRASIL. Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras. [S. l.]: SEBRAE; ENDEAVOR, 2016. Disponível em: <https://endeavor.org.br/ambiente/pesquisa-universidades-empreendedorismo-2016/>. Acesso em: 03 nov. 2019.

SEBRAE. **Quem somos**. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais\\_adicionais/conheca\\_quemsomos](https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos). Acesso em: 3 nov. 2019.

SEPÚLVEDA, F. A. M. A gênese do pensar de Ranganathan: um olhar sobre as culturas que o influenciaram. In: ENCICLOPÉDIA... **Enciclopédia Britannica Online**. 1996. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/491106/Shiyali-Ramamrita-Ranganathan>. Acesso em: 27 jul. 2019

SERÁTICO, M. Empreendedorismo. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Org.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Zouk, 2011. p. 146–150.

SHILL, H. B.; TONNER, S. Creating a Better Place: physical improvements in Academic Libraries. **College & Research Libraries**, p. 431–466, 2003.

SILVA, P.; SPUDEIT, D. A contribuição do empreendedorismo para visibilidade do bibliotecário no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 3, p. 170–192, 2018.

SILVEIRA, J. P. B. DA. Formação empreendedora nos currículos dos cursos de Biblioteconomia na Região Sul Do Brasil. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 7, n. 2, 2012.

SMALL Business Support. **American Libraries**, v. 49, n. 1/2, p. 68–69, 2018.

SOFTEX. **A Softex**. Disponível em: <https://softex.br/a-softex/#quemsomos>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SOUZA, A. M. **Jovens e educação empreendedora**: que discurso é esse? 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Goiás, 2006.

SOUZA E. C. P. DE. **Mercadores de ilusões**: a autoajuda e o empreendedorismo no cotidiano dos professores da rede pública do município do rio de janeiro. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TIPOS de empreendedorismo: semelhanças e diferenças. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/tipos-de-empreendedorismo-semelhanças-e-diferenças>. Acesso em: 3 dez. 2019.

TOLEDO, P. T. M. DE. A gestão da inovação em Universidades: evolução, modelos e propostas para instituições brasileiras. 441 f. 2015. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

UFSCar. Agência de Inovação. **A Agência**. 2019a. Disponível em: <http://www.inovacao.ufscar.br/agencia>. Acesso em: 21 jan. 2020

UFSCAR. Agência de Inovação. **UFSCar inaugura espaço de empreendedorismo e inovação em sua Biblioteca Comunitária**. 2019b. Disponível em: <http://www.inovacao.ufscar.br/noticias/11625-ufscar-inaugura-espaco-de-empreendedorismo-e-inovacao-em-sua-biblioteca-comunitaria>. Acesso em: 21 jan. 2020.

UFSCAR. Assessoria de imprensa. **UFSCar inaugura espaço de empreendedorismo e inovação em sua Biblioteca Comunitária**. 2019c. Disponível em: <https://www.diariodareitoria.ufscar.br/?p=7992>. Acesso em: 21 jan. 2020.

UFSCAR. Coordenadoria de Comunicação Social. **Notícias UFSCar**. Disponível em: <http://www.ccs.ufscar.br/administracao/comunicacao/produtos/noticias-ufscar/?searchterm=inforede>. Acesso em: 31 jan. 2020b.

UFSCAR. Pró-Reitoria de Extensão. **Núcleo UFSCar-Empresa**. 2019c. Disponível em: <http://www.proex.ufscar.br/nucleos/nucleo-ufscar-empresa-nuemp>. Acesso em: 16 jan. 2020.

UFSCAR. Pró-Reitoria de Extensão. **Sobre**. Disponível em:  
<http://www.proex.ufscar.br/sobre>. Acesso em: 31 jan. 2020.

UFSCAR. **Desafio UFSCar de inovação e empreendedorismo**. 2019d Disponível em:  
<https://inovaufscar.wixsite.com/desafioufscar>. Acesso em: 20 jan. 2020.

UFSCar. **Empresas-Juniores**. 2019e. Disponível em:  
<https://www2.ufscar.br/estudante/empresas-juniores>. Acesso em: 27 jul. 2019.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

YEH, S.-T.; WALTER, Z. Determinants of Service Innovation in Academic Libraries through the Lens of Disruptive Innovation. **College & Research Libraries**, v. 77, n. 6, p. 795–804, 31 out. 2016.

ZANINELLI, T. B.; NOGUEIRA, C. A.; PERES, A. L. M. Bibliotecas universitárias: uma perspectiva teórica sobre inovação em serviços informacionais. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 17, p. e019012–e019012, 24 jan. 2019. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8652821>. Acesso em: 10 fev. 2019.

## ANEXO A

## Projeto de Extensão - STARTECA: contribuições das bibliotecas universitárias da UFSCar para uma universidade empreendedora

03/12/2019

:: ProExWeb :: UFSCar

**Atividade de extensão**[Imprimir](#)

<b>Programa:</b> 23112.001140/1999-00 – Programa de Atividades de Extensão do SIBi.	
<b>Nº. processo:</b> 23112.002340/2019-21	<b>Reoferta:</b> Não
<b>Título da Atividade:</b> STARTECA - contribuições das bibliotecas universitárias da UFSCar para uma universidade empreendedora	
<b>Coordenador:</b> Roniberto Morato do Amaral	
<b>Setor do coordenador:</b> DCI - Departamento de Ciência da Informação	
<b>Ingresso na universidade:</b> 28/01/2009	<b>Cargo:</b> Professor Ensino Superior
<b>Titulação do coordenador:</b> Doutorado	
<b>Setor responsável:</b> SIBi - Sistema Integrado de Bibliotecas	
<b>Abrangência na UFSCar:</b> Interunidade	
<b>Início da atividade:</b> 05/08/2019	<b>Término da atividade:</b> 05/08/2020
<b>Outros setores envolvidos:</b> Aln, B-Ar, B-So, NUEmp, BCo	
<b>Linha programática:</b> Inovação Tecnológica "Gestão de qualidade, administração de projetos tecnológicos, viabilidade técnica, financeira e econômica. "	
<b>Grande Área: (Classificação CNPQ)</b> Ciências Sociais Aplicadas	
<b>Área Temática principal:</b> Comunicação	<b>Área Temática secundária:</b> Tecnologia e Produção
<b>Tipo de atividade:</b> Projeto	<b>Subtipo de atividade:</b> —
<b>Resumo:</b> A universidade empreendedora é capaz de definir estrategicamente objetivos que levem à transformação do conhecimento em valor econômico e social. Neste contexto, lança-se novo olhar sobre as bibliotecas universitárias, considerando seu potencial – em termos de infraestrutura física, profissionais capacitados e recursos informacionais – para suporte à interação e às atividades voltadas à transformação de ideias e conhecimentos em inovação e em empreendimentos de sucesso. O objetivo geral deste projeto é implementar a iniciativa STARTECA nas bibliotecas universitárias da UFSCar, visando contribuir para a atuação da UFSCar como universidade empreendedora, através da disponibilidade de infraestrutura e serviços de informação, que potencializem o sucesso das iniciativas em inovação e empreendedorismo na UFSCar. Os resultados esperados compreendem: 1] a oferta de infraestrutura física para a realização de cursos, construção coletiva de soluções, apresentação comercial, eventos diversos entre outros; 2] a disponibilização de pessoal de apoio na área de informação e propriedade intelectual; 3] a disponibilização de um espaço maker para possibilitar o desenvolvimento de protótipos e; 4] disponibilizar ferramentas automatizadas para potencializar busca de parceiros e soluções de problemas.	
<b>Público Alvo:</b> Comunidade UFSCar (Alunos - graduação e pós-graduação; docentes; técnicos administrativos), comunidade externa (organizações governamentais e não governamentais, públicas, privadas ou mistas, empresários, investidores, indivíduos interessados em empreendedorismo e inovação).	
<b>Previsão de público / Entidade alvo:</b> 500	

03/12/2019

:: ProExWeb :: UFSCar

<b>Previsão do número de exames, perícias e laudos realizados em laboratórios / depto:</b> —	
<b>Comunidade Atingida:</b> Interna e externa	
<b>Parceria Externa:</b> —	
<b>Tipo de Financiamento:</b> Órgãos Privados / Empresas, Outros	
<b>Recurso:</b> ProEx: 0.00 - Externos: 10,000.00	
<b>Palavras-chave:</b> 1 - "biblioteca universitária", 2 - "empreendedorismo" e 3 - "startup"	
<b>Local da atividade:</b> Na UFSCar - Bibliotecas do SIBi/UFSCar	
<b>Informações complementares:</b> A iniciativa ira captar recursos advindos por meio de doações. Os recursos poderão ser: financeiros para a aquisição de materiais permanentes ou de consumo, contratação de serviços de terceiros pessoa física e jurídica, pagamentos da infraestrutura da logística necessária para a realização das atividades da iniciativa, entre outros.	
<b>Informações para contato:</b> Roniberto - Coordenador roniberto@ufscar.br 981580103  CAMILA CASSIIVILANI PASSOS Unidade de Exercício: Departamento de Referência Campus: São Carlos Ramal 1: 8135 E-Mail: camilapassos@ufscar.br	
<b>Status:</b> aprovado/execução - 30/04/2018	<b>Data da Aprovação:</b> —

## Detalhamento

### Apresentação e justificativas:

A universidade empreendedora é capaz de definir estrategicamente objetivos que levem à transformação do conhecimento em valor econômico e social. Combinando desenvolvimento de conhecimento, capital intelectual e potenciais empreendedores, por meio de um ambiente propício à inovação (CLARK, 2003 apud AUDY, 2011; ETZKOWITZ, 2003 apud AUDY, 2011). No cumprimento dessa atuação como universidade empreendedora, se faz necessária a adoção de contínuas mudanças estruturais em suas práticas sociais, de modo a responder às demandas internas e externas.

Neste contexto, lança-se novo olhar sobre as bibliotecas universitárias, considerando seu potencial – em termos de infraestrutura física, profissionais capacitados e recursos informacionais – para suporte à interação e às atividades voltadas à transformação de ideias e conhecimentos em inovação e em empreendimentos de sucesso. Autores como Schopfel, Roche e Hubert (2015) ressaltam a importância das iniciativas de coworking, em bibliotecas universitárias no estímulo à inovação e ao empreendedorismo, caracterizadas pela colaboração, integração, troca de informações, networking e inovação (MESQUITA, 2016). Nichols, Melo e Dewland (2017) argumentam que a biblioteca universitária pode incentivar o empreendedorismo e a inovação por meio do makerspace (em português, "espaço maker") – que se caracteriza pelo "fazer", ou seja, pela realização de experiências práticas em ambientes personalizados. Os autores destacam como benefícios proporcionados por esses espaços: as colaborações interdisciplinares e o cultivo de uma comunidade de aprendizes.

Com base nos três estágios de desenvolvimento de uma universidade empreendedora propostos por Jansen et al. (2015), entende-se que a biblioteca universitária e seu conjunto de recursos – informacionais, físicos e humanos – pode servir às ações dos três estágios propostos. No Estágio 1, de Educação, além de oferecer infraestrutura física para a realização de cursos introdutórios de empreendedorismo, a biblioteca pode disponibilizar pessoal de apoio na área de Ciência da Informação. No Estágio 2, de Estímulo, em consonância com o que sugerem Nichols, Melo e Dewland (2017), ao ofertar "espaços maker", a biblioteca consegue possibilitar o desenvolvimento de protótipos. Por fim, no Estágio 3, de Incubação, o modelo de coworking favorece que docentes e alunos encontrem e trabalhem com outros empreendedores e façam networking. Portanto, a biblioteca universitária pode contribuir como um ator ativo no fomento da inovação e empreendimentos de sucesso.

**Objetivos:**

O objetivo geral desta atividade é implementar o espaço STARTECA nas bibliotecas universitárias da UFSCar, visando contribuir para a atuação da UFSCar como universidade empreendedora, através da disponibilidade de infraestrutura e serviços de informação, que potencializem o sucesso das iniciativas em inovação e empreendedorismo na UFSCar. Este objetivo geral pode ser desdobrado nos seguintes objetivos específicos:

- a) Estimular a inovação tecnológica em toda a comunidade UFSCar;
- b) Apoiar projetos de inovação, visando sua viabilização e avanço, impulsionando seus resultados e buscando recursos para que estes resultados possam beneficiar efetivamente à sociedade;
- c) Disseminar a cultura da inovação e do empreendedorismo, seja na UFSCar seja na sociedade como um todo;
- d) Capacitar alunos, professores, pesquisadores e funcionários da UFSCar para inovar, empreender e transformar a sociedade.

**Outras Informações Pertinentes:**

O conceito STARTECA foi formado a partir dos conceitos de start up (uma empresa que nasce) e biblioteca, visando superar a simples oferta de um espaço coworking, através da construção coletiva de um espaço plural de aproximação entre a sociedade e a comunidade acadêmica.

A UFSCar conta com unidades organizacionais voltadas ao fomento da cultura de inovação e empreendedorismo, como por exemplo, a Agência de Inovação e o Núcleo de Extensão UFSCar-Empresa, tais unidades integram a iniciativa STARTECA, atuando por meio da oferta de serviços entre outras ações.

A implementação da STARTECA iniciará pela Biblioteca Comunitária de São Carlos, que disponibilizou uma área em torno de 150 m<sup>2</sup>, compreendendo 05 salas:

- Sala de aprendizagem: mini auditório com capacidade para atender 50 pessoas;
- Sala de negócios: espaço para a realização de apresentações para grupos fechados;
- Sala coworking: espaço para networking e trabalho coletivo;
- Sala criação: espaço para a troca de conhecimentos na busca de soluções;
- Cafeteria: espaço de alimentação.

Além do espaço, a infraestrutura disponibilizada pela BCo conta com um conjunto de equipamentos e ferramentas, que deverão ser ampliados, conforme a demanda:

- 04 TV 50"
- 10 mesas com dois lugares
- 20 cadeiras
- Equipamentos de ar condicionado
- 05 Cavalete Flip Chart

A equipe de trabalho será formada por uma bibliotecária da BCo UFSCar, um profissional da Agência de Inovação e colaboradores. Conforme a demanda e a disponibilidade de recursos a equipe poderá ser ampliada através do pagamento de bolsas PIBICT, via FAI/UFSCar.

Potenciais serviços a serem disponibilizados pela STARTECA, com base nas competências organizacionais das unidades que integram a iniciativa:

- Biblioteca Comunitária:
  - Gestão de eventos
  - Acesso à informação científica e tecnológica
  - Estudos métricos
  - Prospecção tecnológica
  - Inteligência competitiva
- Agência de Inovação:
  - Modelos de negócios
  - Validação de negócios
  - Propriedade intelectual / patentes
  - Inovação tecnológica
  - Licenciamento e transferência de tecnologias
  - Startups / spinoffs
  - Comunicação / jornalismo
  - Formas de apoio financeiro, fontes de financiamento, como FAPESP, FINEP, Desenvolve SP, Sebrae
  - Planos de negócio
  - Apresentações e seminários de busca de patentes, patentes, marcas, cultivares, etc
  - Projetos PIPE
  - Promoção de desafios, hackatons e seminários / palestras
  - Divulgação e comunicação da STARTECA na mídia / redes sociais
- Núcleo De empreendedorismo da UFSCar:
  - Assessoria institucional para a implementação de grupos empreendedores, tais como empresa júnior e empreendedorismo social (ex. Enactus);
  - Interlocução entre esses grupos e a comunidade universitária, como departamentos e centros acadêmicos;
  - Ações junto à comunidade externa com o intuito de buscar por parcerias, como associações de classe, prefeituras, etc;
  - Apoio com espaço físico o início das atividades desses grupos empreendedores, caso haja limitação de espaço em seus cursos (ou setores) de origem, sendo delimitado o tempo de uso deste espaço;

03/12/2019

:: ProExWeb :: UFSCar

- o Encontros entre discentes e docentes para fins de orientação de projetos.

A equipe de trabalho da STARTECA irá buscar junto ao setor produtivo e a órgãos governamentais apoio para as suas ações, como por exemplo, estabelecendo parcerias com entidades como o SEBRAE, entre outras visando municiar os participantes com serviços de informação científica e tecnológica adequados às suas demandas.

A STARTECA irá atender a comunidade interna da UFSCar, em especial alunos envolvidos em iniciativas de empreendedorismo. Porém, se faz necessário a realização de um diagnóstico e o planejamento e implementação de ações visando:

- Identificação da população a ser atendida
- Dimensionamento da capacidade de atendimento
- Identificação de demandas
- Definição de produtos e serviços a serem disponibilizados
- Política de funcionamento STARTECA

#### REFERÊNCIAS

AUDY, J. L. N. Entre a tradição e a renovação: os desafios da universidade empreendedora. In: MOROSINI, M. (Org.). A Universidade no Brasil: concepções e modelos. 2. ed. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2011. p. 265-274. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset\\_publisher/6JYIsGMAMKW1/document/id/489170](http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMKW1/document/id/489170). Acesso em: 05 abr. 2019.

ETZKOWITZ, H. The norm of entrepreneurial science: cognitive effects of the new university-industry linkages. *Research Policy* 27: 823-833, 1998.

JANSEN, S. et al. How education, stimulation, and incubation encourage student entrepreneurship: Observations from MIT, IIT, and Utrecht University. *The International Journal of Management Education*, v. 13, n. 2, p. 170-181, 2015.

MESQUITA, L. A. F. As práticas que sustentam o trabalho colaborativo em espaços de coworking e o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação: estudo de caso da Goma. 156 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2016.

NICHOLS, J.; MELO, M.; DEWLAND, J. Unifying space and service for makers, entrepreneurs, and digital scholars. *Libraries and the Academy*, v. 17, n. 2, 2017.

SCHOPFEL, J.; ROCHE, J.; HUBERT, G. Co-working and innovation: new concepts for academic libraries and learning centres. *New Library World*, v. 116 n: 1/2, p. 67-78, 2015.

#### Arquivo:

 Arquivo

## Equipe de trabalho

Servidores			
Camila Cassiavilani	BIBLIOTECARIO-DOCUMENTALISTA (DeRef)		
<b>Atividades:</b>	<b>Ano</b>	<b>Previstas</b>	<b>Efetivas</b>
XXIV Semana do Livro e da Biblioteca da UFSCar	2019	60 hs	0 hs
Desmitificando a Ciência: Dúvidas e Desafios Matemáticos do Ensino Médio na BCo	2019	30 hs	0 hs
STARTECA - contribuições das bibliotecas universitárias da UFSCar para uma universidade empreendedora	2019 2020	120 hs 120 hs	0 hs 0 hs
Roniberto Morato do Amaral	Coordenador - Professor Ensino Superior (DCI)		
<b>Atividades:</b>	<b>Ano</b>	<b>Previstas</b>	<b>Efetivas</b>
Gestão de pessoas e processos por competências	2019	20 hs	0 hs
Análise bibliométrica Avançada	2019	10 hs	0 hs

<https://proexweb.ufscar.br>

4/9

03/12/2019

:: ProExWeb :: UFSCar

Produção, distribuição e divulgação de materiais didáticos e livros.	2017	0 hs	20 hs
	2018	0 hs	20 hs
	2019	0 hs	20 hs
MBA UFSCar ITI - Informação, Tecnologia e Inovação	2019	30 hs	0 hs
	2020	20 hs	0 hs
	2021	20 hs	0 hs
	2022	20 hs	0 hs
STARTECA - contribuições das bibliotecas universitárias da UFSCar para uma universidade empreendedora	2019	80 hs	0 hs
	2020	80 hs	0 hs
Bibliometria e Indicadores Científicos (BIC 8)	2019	4 hs	0 hs
	2020	4 hs	0 hs
	2021	2 hs	0 hs
Bibliometria e Indicadores Científicos (BIC 5)	2017	4 hs	0 hs
Prospecção Tecnológica com Foco no Patenteamento	2018	20 hs	0 hs
	2019	20 hs	0 hs
	2020	20 hs	0 hs
Elaboração e análise de indicadores de ensino, pesquisa e extensão do Departamento de Engenharia de Materiais da UFSCar	2019	10 hs	0 hs
	2020	2 hs	0 hs
Produção, distribuição e divulgação de materiais didáticos e livros.	2019	20 hs	0 hs
	2020	20 hs	0 hs
Patricia Villar Martins	TECNOLOGO FORMAÇÃO (Aln)		
<b>Atividades:</b>	<b>Ano</b>	<b>Previstas</b>	<b>Efetivas</b>
Olimpíada Brasileira de Cubesat	2020	120 hs	0 hs
Aperfeiçoamento em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico - (2019/2020).	2019	8 hs	0 hs
	2020	8 hs	0 hs
STARTECA - contribuições das bibliotecas universitárias da UFSCar para uma universidade empreendedora	2019	80 hs	0 hs
	2020	80 hs	0 hs
Catarina Erika Saito	colaborador (Aln)		
<b>Atividades:</b>	<b>Ano</b>	<b>Previstas</b>	<b>Efetivas</b>
STARTECA - contribuições das bibliotecas universitárias da UFSCar para uma universidade empreendedora	-	-	-
Marisa Cubas Lozano	BIBLIOTECARIO-DOCUMENTALISTA (DeRef)		
<b>Atividades:</b>	<b>Ano</b>	<b>Previstas</b>	<b>Efetivas</b>
STARTECA - contribuições das bibliotecas universitárias da UFSCar para uma universidade empreendedora	2019	20 hs	0 hs
	2020	20 hs	0 hs
Marta Cristina Marjotta Maistro	Professor Ensino Superior (DTAiSeR-Ar)		
<b>Atividades:</b>	<b>Ano</b>	<b>Previstas</b>	<b>Efetivas</b>
Projeto Carreiras	2019	50 hs	0 hs
	2020	5 hs	0 hs
Boletim Informativo GEAgro	2019	20 hs	0 hs
Cálculo da Cesta Básica do Município de Araras-SP	2019	15 hs	0 hs
MTA (Master of Technology Administration) em Gestão Industrial Sucrenergética - Sertãozinho VI	2017	64 hs	0 hs
	2018	64 hs	0 hs
	2019	64 hs	0 hs
IX Encontro do Grupo de Estudos do Agronegócio (GEAgro) - Canais de comercialização agroindustrial	2019	15 hs	0 hs
STARTECA - contribuições das bibliotecas universitárias da UFSCar para uma universidade empreendedora	2019	40 hs	0 hs
	2020	40 hs	0 hs
Aperfeiçoamento em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico - (2019/2020).	2019	21 hs	0 hs
	2020	21 hs	0 hs
MTA (Master of Technology Administration) em Gestão Industrial Sucrenergética - Sertãozinho VIII	2019	120 hs	0 hs
	2020	120 hs	0 hs
MTA (Master of Technology Administration) em Gestão Industrial Sucrenergética - Sertãozinho VII	2018	40 hs	0 hs
	2019	40 hs	0 hs
Vórtex: Encontro Paulista de Diretores	2019	4 hs	0 hs

<https://proexweb.ufscar.br>

5/9

## ANEXO B

Divulgação do evento Bate-papo sobre ambientes de empreendedorismo e inovação  
com Thiago Cristof

Bate-papo sobre

# AMBIENTES DE EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO

com Thiago Christof

Local:  
Starteca  
(Piso 2 da Biblioteca Comunitária da UFSCar)

Data:  
30/10/2019

Horário:  
12:30h - 13:30h



Bate-papo sobre

# AMBIENTES DE EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO

com Thiago Christof




Ex-aluno da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), cofundador de startup no Sanca Hub e é do time de produtos e inovação da Wavy, empresa da Movile. Acredita que as empresas de tecnologia estão pensando errado seus ambientes de trabalho e faz uma provocação para repensarmos os ambientes de inovação.

Local:  
Starteca  
(Piso 2 da Biblioteca Comunitária da UFSCar)

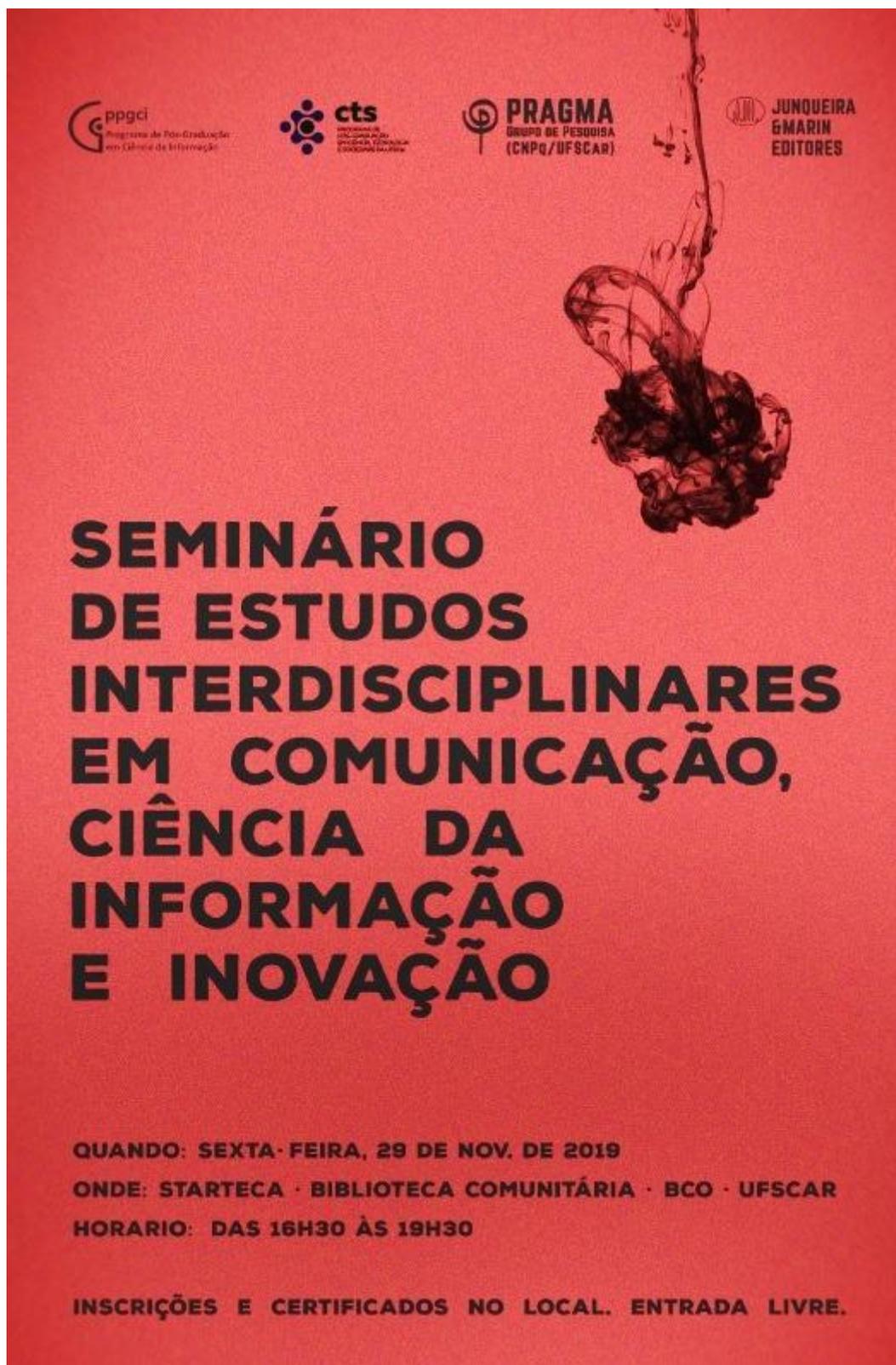
Data:  
30/10/2019

Horário:  
12:30h - 13:30h



**ANEXO C**

Divulgação do Seminário de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, Ciência da Informação e Inovação



ppgci  
Programa de Pós-Graduação  
em Ciência da Informação

cts  
CENTRO DE  
TECNOLOGIA E  
SISTEMAS DE  
INFORMAÇÃO

PRAGMA  
GRUPO DE PESQUISA  
(CNPq/UFSCAR)

JUNQUEIRA  
GMARIN  
EDITORES

**SEMINÁRIO  
DE ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES  
EM COMUNICAÇÃO,  
CIÊNCIA DA  
INFORMAÇÃO  
E INOVAÇÃO**

**QUANDO: SEXTA-FEIRA, 29 DE NOV. DE 2019**  
**ONDE: STARTECA · BIBLIOTECA COMUNITÁRIA · BCO · UFSCAR**  
**HORARIO: DAS 16H30 ÀS 19H30**

**INSCRIÇÕES E CERTIFICADOS NO LOCAL. ENTRADA LIVRE.**

## ANEXO D

### Notícias na mídia interna da UFSCar

#### **CCS - Inforede**

07/10/2019 - Inforede - Inauguração Starteca

Sistema Integrado de Bibliotecas e Agência de Inovação da UFSCar inauguram Starteca nesta quarta-feira, 9 de outubro

No próximo dia 9 de outubro, o Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBi) e a Agência de Inovação (AIn) da UFSCar realizam evento de inauguração da Starteca, espaço voltado ao empreendedorismo localizado no Piso 2 da Biblioteca Comunitária (BCo) da Universidade. O evento é aberto a toda a comunidade e acontecerá a partir das 14 horas no próprio local. Além dos servidores e colaboradores das unidades envolvidas, a inauguração contará com a presença da Reitora da Universidade, Wanda Hoffmann, e do Pró-Reitor de Extensão, Roberto Ferrari.

#### **CCS - Inforede**

21/10/2019 - Inforede – Starteca promove Bate Papo sobre Ambientes de Empreendedorismo e Inovação

Bate Papo sobre ambientes de empreendedorismo e inovação, com Thiago Cristof, ex-aluno da UFSCar, cofundador de startup no Sanca Hub e membro do time de produtos e inovação da Wavy, empresa da Movable, marca primeiro evento promovido pela Starteca BCo. O evento acontece no dia 30 de outubro de 2019 das 12:30h às 13:30h no espaço da Starteca - espaço de empreender, Piso 2 da Biblioteca Comunitária. O evento é gratuito e não precisa de inscrição. Maiores informações podem ser obtidas pelo e-mail: [starteca@ufscar.br](mailto:starteca@ufscar.br)